

ÁSKESES

REVISTA DES DISCENTES DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA DA UFSCAR

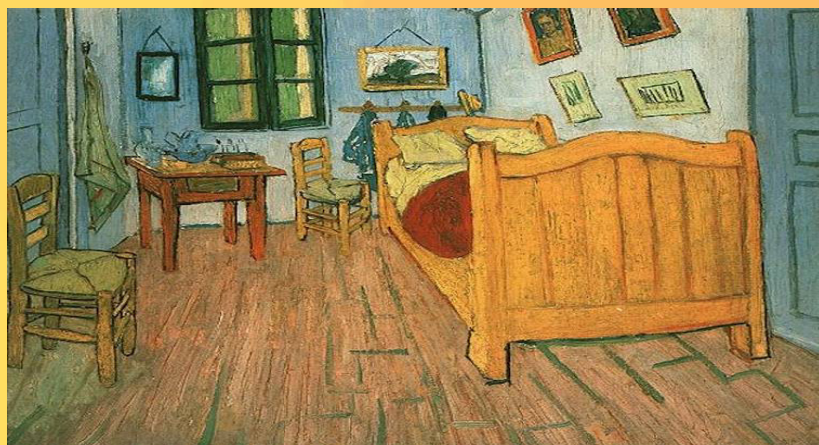
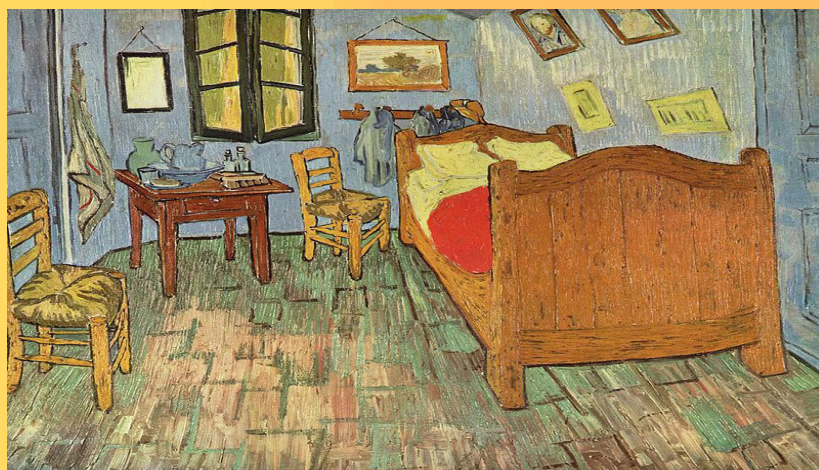


(IN) CÔMODOS

v. 9 | n. Edição Especial | Dezembro | 2020

ISSN:2238-3069

A Áskesis é uma publicação online de acesso livre (Open Access Politic) e tem por missão a divulgação e a reflexão sobre temáticas que lidam com a sociologia e afins. A revista consiste em uma produção semestral dedicada a discutir e divulgar trabalhos acadêmicos, fomentando a prática do exercício crítico de pesquisadores, bem como o diálogo entre as linhas de pesquisa do programa e as temáticas da Sociologia Contemporânea e áreas afins. Pretendemos ser um espaço de publicação de artigos, ensaios, resenhas, traduções, entrevistas e relatos de pesquisas. A revista trabalha com fluxo contínuo de submissão e com chamadas temáticas de dossiê semestralmente.





Áskesis: Revista dos Discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Universidade Federal de São Carlos

Reitora: Profa. Dra. Wanda Hoffmann

Vice-reitor: Prof. Dr. Walter Libardi

Centro de Educação e Ciências Humanas

Diretora: Profa. Dra. Maria de Jesus D. dos Reis

Vice-Diretora: Profa. Dra. Ana Cristina J. da Cruz

Programa de Pós-Graduação em Sociologia

Coordenador: Gabriel de Santis Feltran

Vice-Coordenadora: Priscila Martins Medeiros

Apoio

Programa de Pós Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Carlos (ProPG-UFSCar)

Endereço

Áskesis. Rod. Whashington Luís, 235 - Monjolinho. 13565-905 - Sao Carlos, SP - Brasil - Caixa-postal: 676.

Dados da imagem da capa

Autores: Ana C. Sabadin e Thalles V. Breda

Obra: (In)cômodos, 2020 (arte digital)

Dados da imagem da contra-capa

Autor: Vincent van Gogh

Obra 1: "The Bedroom" (1889), Musée d'Orsay

Obra 2 "The Bedroom" (1889), The Art Institute of Chicago

Obra 3: "The Bedroom" (1888), Van Gogh Museum

Volume 9 | Número Edição Especial

Dezembro de 2020

ISSN 2238-3069

Organizadores:

Thalles Vichiato Breda

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ana Carina Sabadin

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ana Carolina Costa dos Anjos

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Eduardo Henrique Rossler Junior

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Fernando Augusto de Souza Guimarães

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Jade Santoro Cavalli

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Karina de Camargo

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

João Pedro Volante

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Roselene de Lima Breda

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Diagramação

Thalles Vichiato Breda

João Pedro Volante

As opiniões expressas nos artigos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.



Comitê Editorial

Thalles Vichiato Breda

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ana Carina Sabadin

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Ana Carolina Costa dos Anjos

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Eduardo Henrique Rossler Junior

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Fernando Augusto de Souza Guimarães

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Jade Santoro Cavalli

Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Karina de Camargo

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

João Pedro Volante

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar

Roselene de Lima Breda

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar



Conselho Científico

Afrânio Garcia Júnior (L'École des Hautes Études en Sciences Sociales/Centre de Recherche sur le Brésil Contemporain/Centre de Sociologie Européenne – França)

Alice Anabuki Plancherel (Universidade Federal de Alagoas – Brasil)

Anibal Quijano (Binghamton University – USA)

Aristoteles Barcelos Neto (University of East Anglia – Reino Unido)

Berenice Bento (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil)

Bernard Lahire (École Normale Supérieure Lettres et Sciences Humaines – França)

Daniel Cefaï (L'École des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Centre D'Etude des Mouvements Sociaux – França)

Ethel Volfzon Kosminsky (Queens College/CUNY – USA)

Gisele Rocha Cortes (Universidade Federal da Paraíba – Brasil)

Jacob Carlos Lima (Universidade Federal de São Carlos – Brasil)

John Comerford (Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional – Brasil)

José Lindomar Coelho Albuquerque (Universidade Federal de São Paulo – Brasil)

Jose Maria Valcuende del Rio (Universidad Pablo de Olavide de Sevilla – Espanha)

Lucas Cid Gigante (Universidade Federal de Alfenas – Brasil)

Lucila Scavone (Universidade Estadual Paulista – Brasil)

Lucio Oliver (Facultad de Ciencias Políticas y Sociales – UNAM – México)

Luiz Antonio Machado da Silva (Universidade Estadual do Rio de Janeiro/Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil)

Márcia Ochoa (University of Califórnia – USA)

Maria da Gloria Bonelli (Universidade Federal de São Carlos – Brasil)

Michel Misse (Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil)

Miriam Adelman (Universidade Federal do Paraná – Brasil)

Miriam Cristina Marcillio Ribeiro (Universidade Federal da Bahia – Brasil)

Odaci Luiz Coradini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)

Paulo Sergio Peres (Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil)

Paulo Tavares (Goldsmiths College – Inglaterra)

Simone Bateman (Centre National de la Recherche Scientifique/CNRS – França)

Ricardo Mayer (Universidade Federal de Santa Maria – Brasil)

Sílvia Portugal (Universidade de Coimbra – Portugal)

Vera Telles (Universidade de São Paulo – Brasil)

Veronica Gimenez Béliveau (Universidad de Buenos Aires – Argentina)



Editorial

Às leitoras e aos leitores

“Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (Walter Benjamin, Tese VI)¹.

“[...] o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e nas roupas, espera pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lenços e na papelada. E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz” (Albert Camus, *a Peste*)².

É com grande satisfação que anunciamos a primeira *Edição Especial da Revista Áskesis - Revista des discentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar*, intitulada *(In)cômodos*.

A edição que apresentamos a vocês, estimadas leitoras(es), tem caráter duplamente especial. Primeiro porque nos reconecta ao coletivo, às experiências compartilhadas, na reunião de fragmentos de ideias, compartilhando a palavra escrita e o pensamento. Depois, esta edição elabora o passado recente à luz deste momento delicado, perigoso: o momento da pandemia que, no Brasil, é também o momento do obscurantismo, das armadilhas da desrazão.

Os (in)cômodos contêm, antes de mais nada, um diagnóstico e um aviso. Convidam-nos a refletir sobre as condições de possibilidade de um ano tão duro. Ao mesmo tempo, nos mostra algumas das consequências do enfraquecimento da política, no desaparecimento de seu pilar fundamental: o diálogo.

Pensar esta dupla pandemia, sanitária e política, é produzir formas de elaborar o passado e construir um lugar de memória em que saibamos as consequências da desmedida. Desta forma, o ‘bacilo da peste’ não é apenas o da doença, mas o do autoritarismo latente, o aviso de que a

¹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

² CAMUS, Albert. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.



democracia é um exercício de luta cotidiana, sempre fazendo frente aos comodismos.

Portanto, agradecemos gentileza de todes que participaram desta edição, colaborando para o exercício político do debate e reflexão sobre o momento presente. Desta forma, acreditamos que esta edição é, sobretudo, uma edição que incomoda os acomodados, buscando o exercício ativo de um pensamento democrático e emancipado.

E é nesta reflexão também, que prestamos nossas solidariedades às mais de 175 mil vítimas da COVID-19 no Brasil, e mais de 1.5 milhão, no mundo.

Desejamos a todas e todos uma ótima leitura!

Comitê editorial

Dezembro de 2020



SUMÁRIO

PREFÁCIO

13 (In)cômodos

Fernando Augusto de Souza Guimarães e Ana Carina Sabadin

EDIÇÃO ESPECIAL: (In)cômodos

18 Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social

Danilo Silva de Meireles

23 De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências

Eloisa Rosalen

33 A onça-gato, quimera da quarentena

Ana Lucia Lucas Martins

41 Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da pandemia

André Tropiano

51 Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... a live não para

Tassio Acosta

62 O conservadorismo não entra em quarentena: novos avanços e rumos da “ideologia de gênero” na educação

Edimauro Ramos e Mariana Bruno Pinto

70 Incômodos acomodados em cômodos

Mirila Greicy Bittencourt Cunha

76 Covid-19 e desigualdade social: o que nos mostra a pandemia?

Aérica Figueiredo Pereira Meneses e Marta Fuentes-Rojas

86 Sociólogos de laboratório: reflexão sobre os efeitos do isolamento social no fazer sociológico

Tiago Magaldi

95 Reflexões à Distância

Maria Teresa Ruas Coelho



-
- 103** **Quais são os ingredientes da Pesquisa Sociológica? o pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisado**
João Gabriel Selles Pelegrini
- 108** **Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia**
Alcidesio Oliveira da Silva Junior
- 118** **O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa**
Juliana Marques de Sousa, Jennipher Taytsohn e Aline Priscila Craveiro Cardoso



SUMMARY

PREFACE

- 13 **(In)cômodos**
Fernando Augusto de Souza Guimarães e Ana Carina Sabadin

SPECIAL EDITION: (In)cômodos

- 18 **Self-writing, between body and (in)cômodos of social isolation**
Danilo Silva de Meireles
- 23 **From Venice to Chapecó: chronicles of social isolation in their multiple experiences**
Eloisa Rosalen
- 33 **The cat jaguar, quarantine chimera**
Ana Lucia Lucas Martins
- 41 **Digital vertigo and the discomfort in the pandemic Brazil**
André Tropiano
- 51 **Even when things are in need to be calmer, even when the body is in need for more soul to be awarded, live transmissions keep on being spotted**
Tassio Acosta
- 62 **Conservatism doesn't come into quarantine: new advances and directions of "gender ideology" in Education**
Edimauro Ramos e Mariana Bruno Pinto
- 70 **Nuisances accommodated in rooms**
Mirila Greicy Bittencourt Cunha
- 76 **Covid-19 and social inequality: what does the pandemic show us?**
Aérica Figueiredo Pereira Meneses e Marta Fuentes-Rojas
- 86 **Laboratory sociologists: on the effects of the social isolation on the sociological activity**
Tiago Magaldi
- 95 **Reflections from distance**
Maria Teresa Ruas Coelho



-
- 103** **What are the ingredients of sociological research? The researcher who is the research, the research who is the researcher**
João Gabriel Selles Pelegrini
- 108** **For a becoming-saxophonist: learning to live (with) affections in times of pandemic**
Alcidesio Oliveira da Silva Junior
- 118** **Brazil needs to be a big Barra Longa**
Juliana Marques de Sousa, Jennipher Taytsohn e Aline Priscila Craveiro Cardoso

PREFÁCIO



Edição Especial - (In)cômodos

Special Edition - (In)cômodos

Fernando Augusto de Souza Guimarães¹
Ana Carina Sabadin²

Esta **Edição Especial** tem como fio condutor os incômodos despertados no contexto de crises política, econômica e sanitária que vivenciamos. Incômodos permeados por angústias, rompimentos, continuidades, incertezas e indignações que se desdobram em questões sociológicas.

A partir disso, apresentamos narrativas de pesquisadoras e pesquisadores sobre as experiências desde seus cômodos. Mais do que reflexões produzidas nos primeiros meses de enfrentamento desse contexto, os ensaios aqui presentes trazem um arcabouço para refletirmos sobre maneiras de interpretar e viver o cotidiano e a pesquisa social em tempos de pandemia.

Enquanto andávamos no labirinto da escolha da imagem que acompanharia os (in)cômodos partilhados nesta edição, fomos fisgados pela lembrança da obra *O Quarto em Arles*³, de Vincent Van Gogh. Dois aspectos são realçados de imediato: o cômodo retratado e a dimensão espaço-tempo, que, dialeticamente, conecta e afasta os três quadros que compõem a série.

Lemos o(s) quarto(s) de Van Gogh como alegoria do momento em que nos distanciamos dos ritmos das ruas e, muitas vezes, de nossos objetos de pesquisa. O quarto, cômodo íntimo, remete-nos, então, ao afastamento do fluir da vida, ao isolamento e, por vezes, à solidão.

As reflexões desta edição transitam entre o antes, o durante e possíveis futuros pós-pandemia. Os textos são, assim, vistos por nós enquanto uma tela emoldurada, mas que pode ser transportada a outros tempos e espaços para compreendermos a situação presente. São, tais como a obra de Van Gogh, expressões de momentos, sentimentos e expectativas, fruto da subjetividade das pesquisadoras e pesquisadores durante a execução de seus trabalhos.

¹ Editor-gerente da Áskesis. Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Pesquisador do NEREP - Núcleo de Estudos de Religião, Economia e Política. São Carlos - SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4105-3822>. E-mail: fasgui@gmail.com.

² Editora da Áskesis. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar. Pesquisadora do Grupo RURAS - Ruralidades, Ambiente e Sociedade. São Carlos - SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6581-1312>. E-mail: acsabadin@gmail.com.

³ Há três exemplares originais da obra *O quarto em Arles* (VAN GOGH, 1888;1889a;1889b).



Sem sombra de dúvidas, a diversidade de assuntos tratados aqui é resultado do tirar de si tais incômodos, num processo de vir a ser sociólogo, mesmo que em tempos de crise.

Inaugurando os **Ensaio**s, em a *Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social*, Danilo Silva de Meireles convida-nos a explorar os cômodos da casa e os incômodos, sentidos no corpo e refletidos na escrita. “O que este ensaio quer dizer” é o ponto de partida do autor para acionar as descontinuidades desta expansão de si, atravessada por afetos e angústias, durante o isolamento social.

A expansão de si ganha outros contornos em *De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências*, de Eloisa Rosalen. A autora narra o trânsito de uma quarentena, trazendo percepções individuais acerca das experiências coletivas, conforme o deslocamento do próprio corpo por entre espaços, tempos, gerações, relações de gênero e de classe sobre as quais esteve imersa.

Ana Lucia Lucas Martins conduz-nos a refletir sobre a dimensão dentro-fora da sociabilidade na experiência da quarentena em *A onça-gato, quimera da quarentena*. A partir do relato de cenas cotidianas, a autora traz questões que abarcam o fazer sociológico, explorando a mediação da rotina por dispositivos tecnológicos.

André Tropiano, em *Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da pandemia*, também discute a influência das mídias sociais provocada nas práticas cotidianas. Nesse percurso, o autor constrói reflexões acerca da sobre-vivência dessas mídias em tempos de fascismo e pandemia no Brasil.

Tassio Acosta reflete sobre o cotidiano atravessado por um ritmo dinâmico. Em *Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma... a live não para*, o autor discute como a emergência de lives artísticas e intelectuais possibilitam a produção de cultura e de conhecimentos combativos.

Em *O conservadorismo não entra em quarentena: novos avanços e rumos da “ideologia de gênero” na educação*, Edimauro, Ramos e Mariana Bruno Pinto apontam que a retórica antigênero tem se alastrado de maneira endêmica. A partir do Projeto de Lei n. 2.758/2020, argumentam que o atual contexto político brasileiro somados à instabilidade fomentada pela crise sanitária e pelo coronavírus permitem brechas para dar sequência a processos de deslegitimação de sujeitos LGBTI+, suas lutas e direitos.

No ensaio *Incômodos acomodados em cômodos*, Mirila Greicy Bittencourt Cunha questiona o romantismo sobre o lar em tempos de isolamento social. Ao longo da discussão, a autora sinaliza questões já enraizadas e acomodadas na nossa sociedade, contrastando esse romantismo com violências e desigualdades nas relações de gênero, raça e classe social.

Na sequência, em *Covid-19 e desigualdade social: o que nos mostra a pandemia?*, Aérica Figueiredo Pereira Meneses e Marta Fuentes-Rojas



discutem como as condições de vida da população influem no enfrentamento da pandemia. Nesse percurso, as autoras constroem uma argumentação que se desdobra em três lições da pandemia.

Em *Sociólogos de laboratório: reflexão sobre os efeitos do isolamento social no fazer sociológico*, Tiago Magaldi elabora uma (auto)crítica sobre os caminhos que a produção sociológica pode seguir diante da pandemia. O autor também se dedica a apresentar possibilidades abertas por este mesmo contexto que, a seu ver, exige que formulemos novas maneiras de estar no e ver o mundo.

Maria Teresa Ruas Coelho, em *Reflexões à distância*, discute as contribuições das Ciências Sociais para a compreensão e o enfrentamento da pandemia. A autora atenta-se aos desafios do isolamento social ao fazer sociológico e avança o debate ao trazer tarefas futuras herdadas pela área.

Em *Quais são os ingredientes da Pesquisa Sociológica? O pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisador*, João Gabriel Selles Pelegrini, motivado pelo caos aparente da pandemia, debruça-se na energia movediça dos objetos de investigação a fim de refletir acerca do fazer sociológico neste e em outros tempos.

Em *Por um dever-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia*, Alcidesio Oliveira da Silva Junior dialoga com Deleuze e Guatarri para discutir o movimento de vir a ser saxofonista, enquanto uma atividade mobilizadora contra a tristeza que diminui a nossa potência no mundo nos tempos de Covid-19.

Para encerrar esta Edição Especial, apresentamos o ensaio *O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa* de Juliana Marques de Sousa, Jennipher Taytsohn e Aline Priscila Craveiro Cardoso. A partir do relato da experiência na cidade mineira atingida pelo rompimento da Barragem do Fundão, as autoras argumentam sobre alternativas de superação da devastação que vem sendo ocasionada pela pandemia. O Brasil, nesta leitura, pode aprender com Barra Longa: “inegavelmente doída, porém viva, resistente e capaz de disputar seus amanhãs”.

*“That’s how I see this, to keep on, keep on, that’s what’s needed.”
Vincent Van Gogh⁴*

Continuemos.

⁴ “Eis como eu vejo isso: continuar, continuar, isso é que é necessário.” (JANSEN et al., 2014, p.126 – tradução nossa).



Referências

JANSEN, Leo; LUIJTEN, Hans; BAKKER, Nienke (Org). **Vincent van Gogh ever yours: *the essential letters***. Yale University Press: New Haven and London, 2014.

VAN GOGH, Vincent. 1888. **The Bedroom**. Oil on canvas, 72.4 cm x 91.3 cm. Van Gogh Museum, Amsterdam.

_____. 1889a. **The Bedroom**. Oil on canvas, 73.6 × 92.3 cm. Art Institute Chicago, Chicago.

_____. 1889b. **The Bedroom**. Oil on canvas, 57.3 x 74 cm. Musée d'Orsay, Paris.

Como citar este prefácio:

GUIMARÃES, Fernando Augusto de Souza; SABADIN, Ana Carina. Edição Especial - (In)cômodos. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 13-16, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.621>

ENSAIOS



Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social

Danilo Silva de Meireles¹

Resumo: Este ensaio lança fagulhas reflexivas sobre questões vividas no corpo, de experiência pessoal, no período de isolamento social durante a pandemia do novo coronavírus. Com foco nos atravessamentos que competem à produção da escrita e na percepção dos (in)cômodos da casa como lugares de desdobramentos de afetos e angústias. Constitui-se enquanto texto de descontinuidades, característica da nossa condição humana, sem o propósito de ser aplicável aos outros, mas de existir como expansão de si na elaboração de percepções e modos de resistir e existir durante a pandemia.

Palavras-Chave: Escrita de Si. Corpo. Casa. (In)cômodos

Self-writing, between body and (in)cômodos of social isolation

Abstract: This essay launches reflective sparks about issues experienced in the body, from personal experience, in the period of social isolation during the pandemic of the new coronavirus. With a focus on the crossings that compete in the production of writing and the perception of (in)cômodos of the house as places of unfolding of affections and anguishes. It constitutes itself as a text of discontinuities, characteristic of our human condition, without the purpose of being applicable to others, but of existing as an expansion of the self in the elaboration of perceptions and ways of resisting and existing during the pandemic.

Keywords: Self-writing. Body. House. (In)cômodos.

Há dias que sou invadido por uma vontade “de dizer” que não cabe em mim, papel e lápis, bloco de notas do celular, a imensidão de uma tela em branco, qualquer espaço vazio me convida. [sussurros!]. Para minha grata surpresa, é domingo 24 de Maio de 2020, faz duas horas que acordei de um sonho escatológico, uma amiga avisa sobre a chamada de ensaios, vejo nesta possibilidade a chance de dizer.

¹ Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Mídia - UFRN. Integrante do CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Políticas dos Corpos, da UFRN, base do CNPq. João Pessoa, Paraíba, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7899-5250>. E-mail: meirelesdanilo9@gmail.com.



As palavras ficam palatáveis, como em Alice (2002): “beba-me, coma-me”. E cada vez que bebo percebo que encolho, que não sei, é preciso bem mais para poder falar, para escrever ao mundo, do meu mundo e a ele, os signos que aqui se organizam a fim de fazer algum sentido, dentro de um léxico, não é nada além de um jogo, como diria Foucault (2014) de violência para com as coisas que busco nomear na tentativa de dizer.

Submetidos à mesma forma, imposta pelo período pandêmico, vivenciamos formatos diferentes de um mesmo pandemônio, e é nesse contexto de forma e formato a partir do momento corrente que tenho pensado muito na (re)descoberta do meu corpo como espaço, dos outros corpos, dos (in)cômodos aos quais estes corpos estão atravessados e os sentimentos que afloram devido ao isolamento.

Saramago (1998, p. 09) diz “que é preciso sair da ilha para ver a ilha, não nos vemos se não sairmos de nós”, talvez esteja sendo esse o exercício que tenho feito, com uma diferença: para ver a minha ilha, a “saída” se deu para dentro, de modo que o isolamento obrigou-me delinear com mais proximidade e sensibilidade a ilha que abriga meus órgãos, a ilha que abriga meu corpo e logo mais a ilha que abriga todos os outros corpos – esta percebida quando olho da janela.

A ilha que abriga meus órgãos, mas que não se resume a isso, pois abriga algo mais que não ousou nomear a fim de não feri-lo, sobretudo com descrições cristianizadas. É algo que me parece estar preso à carne, e que sente pela carne as opressões e delícias do mundo. O corpo ao tempo que é prisão deste algo, é também o canal que o faz tocar o mundo das coisas. Esse algo fica em evidência quando o isolamento social (proposto pelas instituições de saúde como medida de enfrentamento sanitário ao novo coronavírus) se intensifica, e a ilha que é meu corpo, que transitava, movimentava-se, circulava, tocava outros corpos de outras tantas formas, vê-se então controlada, dirigida e esquadrihada.

Resta-me sair no ficar. É nesse ficar que o que tenho chamado de “algo” se manifesta na conquista da ilha que abriga meus órgãos, desde a manipulação dos alimentos para produzir minha comida, as ideias para o preparo, as técnicas, formas, cores, os cheiros, sabores, como acolho os erros de uma receita e também os acertos, de como vou absorvendo e observando as sensações no meu corpo, os (in)cômodos da casa e do meu corpo vão sendo percebidos.

Meu corpo e os espaços da casa, então, são atravessados por muitos sentimentos, de tristeza, de sofrimento, de alegria quando danço, canto ou coloco música pra ouvir, quando recordo de por o pé na areia das praias de João Pessoa, das reuniões com os amigos, da sensação de que só sou possível com o outro e na interação com eles, meu corpo se movimenta ou se aquieta com esses sentimentos-memórias. A forma como eu toco os objetos, como faço comida, como pinto minhas aquarelas e até como escrevo aqui, tudo isso



tem outro entendimento desde o início do isolamento.

Para uma breve contextualização, a primeira coisa que me perguntei para iniciar estas linhas foi: o que esse convite quer ser? Tenho feito esse exercício com as coisas a minha volta, quando junto meus lápis de cor, minhas aquarelas, quando olho para o teclado do computador, para um papel em branco ou mesmo atento para os pensamentos que estão se elaborando, tenho perguntado pra tudo "o que você está querendo ser?", e a partir daqui fui me ouvindo, ouvindo o algo, ouvindo as coisas a nossa volta e transformando-as no que elas queriam devir, de modo que as coisas foram se gestando e se parindo e passaram a ocupar um lugar que elas mesmas requisitaram para si.

Fiquei por muito tempo em silêncio me perguntando o que este ensaio queria ser, experiência e esforço reflexivo de uma pessoa, como ele queria existir e ser posto no mundo.

Retomando a vontade de dizer e ao "beba-me" de Alice, num encolhimento que não me acolhe, ao contrário, me transtorna, me sufoca e faz sentir pequeno - entendo Conceição Evaristo ao dizer que é preciso ter consciência ao trabalhar com as letras compreendendo que estamos lidando com a arte da palavra - encolhido o breu se instala, não é possível que sumam todas assim, e por mais esforço que se faça não se entregam, fazem-se aos poucos, aparecem e desaparecem, me atravessam. Sim, as palavras me atravessam! Rebolem-me por dentro, cavacam, não sou eu mais que desfiro violências na tentativa de dizê-las, são elas que me ferem por dentro, querem sair, tomar o mundo, o meu mundo, preencherem esse espaço em branco que precede a pergunta terrível do facebook: "no que você está pensando?"

O que falo é resultado de olhares e experiências cristalizadas na comum individualidade dos sujeitos humanos, mas aproximadas pelo acaso da pandemia, são olhares submetidos à mesma forma, mas de diferente formato ["acaso" seja entendido pela definição filosófica, que apreende a imprevisibilidade e a limitação do conhecimento humano].

Resgato os (in)cômodos da casa: meu corpo deitado se cansa das coisas que passam na TV, do monótono catálogo de filmes que me espreitam, o número de mortos e infectados que só cresce [e o inferno que é viver num país dirigido por um des(pre)zível(sidente) que alonga uma crise sanitária ao incentivar e desdenhar de mortes com a frase "é só uma gripezinha", não satisfeito engata uma crise moral, política, econômica e de segurança pública], o quarto tornou-se um lugar de tédio, de inércia sem limites, pois as horas de dormir e de acordar já não precisam ser controladas, dado que estou sem emprego e a pandemia assolou minha produção acadêmica, é no quarto, neste cômodo, que me incomodo de não ser produtivo, fecho as cortinas da janela para que a luz não incomode meu desengano. Essa mesma janela se abre sobre o mundo, nas primeiras horas dos dias em que resolvo esperar, uma luz de sol indireta enche o quarto, toca minha pele, o "algo" em mim desperta para outro tipo de sentimento, já não quero mais o quarto, quero outro cômodo,



a sala, onde recebia os amigos para a dispersarmos choros e risos, toque entre copos cheios que celebravam a vida e suas fases. Já é manhã e a vontade “de dizer” não se disse, de tão ingênua, converteu-se em não querer, porque as palavras não se entregam, e se se entregam é pra fazerem-me de besta, quando acho que as possuo, que as encontrei. Como orvalho, caem leve, no tornozelo de uma planta qualquer que cultivo em minha sacada, e logo se vão, se escorrem, escafedem-se!

Somem as palavras e ficam sentimentos sendo revirados, da sacada vejo: homens e mulheres pedalando e pilotando bicicletas e motocicletas, caixas de entregador nas costas, verdes e vermelhas, crianças a brincar nos quintais de suas casas e varandas, gente deitada na sacada tomando banho de sol, alguns que se arriscam correr subindo a rua, as sirenes das ambulâncias e viaturas anunciam que algumas coisas no mundo não param, dentre elas a violência.

Meu corpo se desloca para um dos lugares que sinto maior prazer em estar, a cozinha: nela faço alquimias, meus chás e encantarias, no dia que puder plantar um altar nesta casa certamente será na cozinha, é daqui que sai o alimento que nutre meu corpo e é aqui que se alimentarão meus guias. É aqui que obedeço ao imperativo “coma-me!” e as palavras soltas vão logo se juntando, se enlinhando, se amalgamam, não querem graça, só desejam tecer uma manhã, os galos cocoricoram, - João Cabral de Melo Neto (1994, p. 345) diz: “um galo sozinho não tece uma manhã; ele precisará sempre de outros galos, de um que apanhe esse grito e o lance a outro” – as palavras vão se tecendo, lançando-se umas as outras, e ao ponto de já estarem quase cruzadas o brilho do sol reluz nesses fios.

E quando recobro a consciência, este espaço, antes em branco, agora preenchido, diz de um não dizer, porque a vontade também era a de não começar por medo de violentar o mundo com palavras que não cabem.

Referências bibliográficas

EVARISTO, Conceição. Minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra. [Entrevista concedida a] Juliana Domingos de Lima. **Nexo**, 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pelacondi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>. Acesso em: 24/05/20.

CARROL, Lewis. **As aventuras de Alice no País das Maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida



Sampaio. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

NETO, João Cabral de Melo. Poema tecendo o amanhã. In: OLIVEIRA, Marly de. (Org) **João Cabral de Melo Neto obra completa**: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SARAMAGO, José. **O Conto da Ilha Desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Como citar este artigo:

MEIRELES, Danilo Silva de. Escrita de si, entre corpo e (in)cômodos do isolamento social. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 18-22, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.513>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências¹

Eloisa Rosalen²

Resumo: Este ensaio traz crônicas de quarentena experienciadas de maneiras diferentes durante a pandemia de Covid-19. Trata-se de um misto entre os relatos sobre as diferentes quarentenas que vivi em três cidades diferentes - Veneza, Florianópolis e Chapecó -, as subjetividades que foram mudando ao longo do tempo e as percepções individuais da experiência coletiva, temporal, geracional, de gênero e de classe.

Palavras-Chave: Covid-19. Quarentena. Experiências.

From Venice to Chapecó: chronicles of social isolation in their multiple experiences

Abstract: This essay features quarantine chronicles experienced in different ways during the Covid-19 pandemic. It is a mix between the reports about the different quarantines that I lived in three different cities - Venice, Florianópolis and Chapecó - the subjectivities that have been changing over time and the individual perceptions of the collective experience, temporal, generational, gender and class.

Keywords: Covid-19. Quarantine. Experiences.

Conforme já estava programado, retornei de Veneza na Itália (uma das regiões com maior população afetada pela COVID-19) no dia 27 de fevereiro, onde estava realizando doutorado sanduíche com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES). No momento em que deixei o país italiano, a

¹ Este texto, apesar de não citar diretamente, possui algumas anotações do diário de isolamento social que mantive durante os últimos meses.

² Doutoranda em História da Universidade Federal de Santa Catarina campus Florianópolis com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Durante o período de setembro de 2019 até fevereiro de 2020 realizei doutorado sanduíche na *Università Ca' Foscari Venezia*, Itália, com bolsa do Programa de Doutorado Sanduíche Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PDSE/CAPES). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5125-9969>. E-mail: rosalaneloisa@gmail.com.



cidade de Veneza já estava fechada há alguns dias em função da disseminação da COVID-19. Também já fazia semanas que eu contava os dias para ir embora; estive em Veneza por seis meses, estava cansada do frio e queria muito ver a minha família. A experiência do doutorado sanduíche tinha sido ótima, com inúmeras atividades, muitos contatos com pesquisadores e, também, muitos livros na bagagem.

Nos últimos dias em que estive na Itália, dediquei-me a preparar as malas e aproveitar o carnaval. Mas, a situação havia se tornado atípica: as aglomerações foram canceladas, o que significou o fim do carnaval; já havia a indicação de evitar a circulação; ocorreu o cancelamento de várias atividades coletivas (como aulas, cinema e teatro); e a tensão era muito forte no ar. Lembro muito bem de estarmos no domingo à tarde (umas horas antes do carnaval ser cancelado) na Praça São Marcos e um dos brasileiros do grupo disse “vamos sair daqui porque o clima está tenso”. Não tínhamos a dimensão de como as coisas iriam piorar e não fazíamos ideia do que se tratava; zombávamos do clima e ríamos da vida. Meu sentimento fútil naqueles dias era de que os ingressos que havia comprado para visitar os museus de Praça São Marcos (que era uma atividade que eu gostaria muito de ter feito e que tinha pago caríssimo) não poderiam ser usados em virtude do fechamento dos museus.

Dos quatro dias que ainda me restavam no momento do início do cancelamento das atividades, dois deles fiquei em casa. Eram os meus últimos dias na cidade. Eu queria aproveitar; em um deles caminhei pela cidade, bebi com amigos, comi pizza, encontrei algumas pessoas para me despedir e, em outro, tentei encontrar os últimos *souvenirs* que tinha que trazer (tentativa um pouco frustrada, porque algumas lojas já haviam fechado por conta própria). Viajei com medo, não de estar doente ou de estar levando algo comigo, mas de ser parada no aeroporto em alguma das duas escalas e perder o voo seguinte, principalmente, no aeroporto de Guarulhos, em São Paulo. Nada aconteceu. Nada aconteceu. Nem uma pergunta, medição de temperatura ou alguma frase dita no alto-falante do avião, sobre ter que apresentar-se caso houvesse sintomas de COVID-19. A indicação do monitoramento de brasileiro vindos do exterior (BRASIL, 2020) havia sido estabelecida naqueles dias e os funcionários do aeroporto não me pareciam estar preparados para o assunto; talvez se as determinações tivessem sido mais rígidas muita coisa poderia ter sido evitada.

Segui a vida. Cheguei em Florianópolis no dia 28 de fevereiro. Encontrei pessoas, abracei, fui ao bar, ao salão de beleza, ao supermercado, circulei pela cidade e pela Universidade Federal de Santa Catarina. Tinha uma tosse que me incomodava desde quando deixei a Itália, mas não considerei que pudesse ser “*grande coisa*”. Com o passar dos dias, foi piorando. No final da semana do dia 07 e 08 de março, passei mal; dormi mal, tive falta de ar. As notícias de coronavírus estavam circulando bastante, o que me deixou ainda mais preocupada. No dia 09 de março, após apresentar alguns sintomas



respiratórios, procurei auxílio médico. Fui diagnosticada como suspeita de ter contraído COVID-19, o que significou isolamento total obrigatório de 14 dias, dedicação exclusiva aos cuidados com a minha saúde e afastamento de todas as atividades acadêmicas. A médica não sabia o que fazer comigo. Enquanto me atendia, ligou para a Secretaria de Saúde de Florianópolis. Também não havia a possibilidade de fazer exames e era o primeiro caso que o Posto de Saúde estava atendendo.

Até aquele momento, eu estava muito tranquila. Assustei-me, na verdade, com a reação das pessoas, quando a médica começou a colocar regras e limites para a minha circulação e me impôs a utilização de máscara. Também senti a tensão quando falei no atendimento no Posto de Saúde sobre os sintomas, a viagem e a possibilidade de estar doente. Ninguém estava usando máscara e foi estranho. Durante os 20 minutos do posto de saúde até a minha casa, momento em que estive na rua de máscara pela primeira vez, todos me olhavam com muita desconfiança. Era um adereço novo, diante de uma situação que poucas pessoas entendiam, e em um momento que o termo “coronavírus” parecia tão distante. Hoje, a utilização de máscara é bastante normal e já assumimos como uma vestimenta do nosso cotidiano. Naquele momento, não era.

Entre em quarentena muito tranquila. Estava sob suspeita. Deveria procurar o médico se os sintomas se agravassem, e como não houve este agravamento pude seguir a minha vida. Sabia que um dia também iria acabar, afinal somente eu estava doente. Não era uma sociedade inteira. O decreto de que o COVID-19 é uma pandemia, pela Organização Mundial da Saúde (OMS), aconteceu alguns dias depois, no dia 11 de março (CORONAVÍRUS, 2020a). Apenas duas coisas me preocupavam: 1ª.) a ausência de notícias das amigas e amigos que deixei na Itália. O que via nos jornais brasileiros sobre a Itália era bastante preocupante, por isso busquei contato com todas e todos, e também alertei que haviam me posto em isolamento nos 14 dias; e 2ª.) as notificações de pessoas com quem eu tive contato no Brasil: a minha orientadora, uma senhora de quase 70 anos que vive com a sua mãe de 90 anos; as amigas e amigos que havia abraçado; entre outras pessoas. Como estava só sob suspeita, tentei deixar todas e todos calmos com as mensagens.

Naquele momento, percebi que a responsabilidade e o cuidado com os outros deveriam ter sido impostos desde o início e que, se tratando de uma questão de saúde coletiva, eu havia falhando. Apesar de saber que era um dilema coletivo (como, a instauração de medidas governamentais para evitar o contágio), significou uma questão individual dolorosa para mim, já que com algumas ações eu poderia ter dissipado o vírus. Mas, poderia melhorar como ser humano e, por isso, decidi não sair de casa por nada nos 14 dias: uma amiga fazia compras de supermercado e me entregava na porta de casa. E tudo o que eu vi durante este período foi intermediado pela Internet, desde compras às conversas com amigas e familiares. Ao final da quarentena compulsória,



estava cansada de estar sozinha. No entanto, eu sabia que iria acabar e tudo iria voltar à normalidade.

Grande engano. Após o início do período de afastamento total de 14 dias, a situação já era diferente. Iria sair de casa e encontrar um mundo novo lá fora. O governador de Santa Catarina já havia decretado isolamento social³ e a tentativa de retomada das minhas atividades tiveram limitações. Por um lado, estava feliz porque sair da quarentena compulsória e entrar naquela decretada pelo governador me pareceria muito fácil: afinal agora eu poderia escolher a minha própria comida e, de vez em quando, poderia ir ao supermercado. Por outro, o mundo já havia mudado, tudo estava parado, não existiam mais voos e ônibus para eu poder visitar a minha família (algo já programado e que almejava bastante), e falar com amigos em Veneza me deixava em pânico.

Florianópolis havia se tornado o epicentro da doença em Santa Catarina. Por muitas semanas, era a cidade de Santa Catarina que mais registrou casos do COVID-19. Apesar de estar em casa significar vários atrasos na pesquisa, minha condição de classe média com acesso ao ensino superior e bolsista de universidade pública se impôs e meu deu possibilidades de continuar a minha quarentena protegida. Não tive que sair para trabalhar, não corria novos riscos com o trabalho cotidiano, não precisei lidar com a perda do meu emprego ou ameaças relativas. Também não tive que lidar com crianças em casa ou com as múltiplas tarefas entre cozinhar para a família, cuidado de tarefas escolares, e ainda as atividades de trabalho doméstico que assolou muitas mulheres da classe-média trabalhadora (DE PIERO, 2020; ONU MULHERES, 2020).

A tristeza tomou conta depois de algumas semanas. A quarentena e a crise política brasileira se somaram e o único sentimento que mantive foi o do desespero. Tomei uma estafa de tecnologias. Percebi que as pessoas deixaram de se falar tanto: talvez cada uma estivesse curando seus dilemas internos; talvez também não quisessem ouvir os problemas de outras pessoas; ou não conseguissem falar tanto porque estavam passando por outros conflitos existências, que pareciam pesar demais. A rotina entre cozinhar, fazer exercícios diariamente, a intercalação de atividades de lazer (como leitura, filmes e séries, cuidados com as plantas, etc.) e a dedicação aos estudos, que fui mantendo no início da quarentena, foi se desfazendo. O cansaço do isolamento social foi grande e assim passou o mês de abril.

Em maio, as informações que chegaram da Itália foram um pouco melhores e já me deram mais esperança. Depois de ler notícias de que a situação da pandemia não iria se resolver em alguns dias ou semanas⁴ (CORONAVÍRUS, 2020c), decidi que assumiria finalmente o risco e visitaria a minha família em Chapecó. Já, havia recusado caronas pelo medo de ser a

³ Os principais decretos de suspensão de atividades, com nº 509, 515 e 525, do governador do estado de Santa Catarina ocorreram respectivamente nos dias 17 e 23 de março. Determinaram: o fechamento de escolas e do comércio, a suspensão da circulação de ônibus de todas as categorias, entre outras atividades. Para saber mais ver: ESTADO, 2020a; ESTADO, 2020b; ESTADO, 2020c.

⁴ Trata-se da noção de que a pandemia de coronavírus seria endêmica.



transmissora de COVID-19 e estava exausta de estar em casa. Fiz mais de 500 quilômetros de uma ponta a outra do estado de Santa Catarina. Desloquei-me a Chapecó quanto esta cidade se tornou o novo epicentro de COVID-19 do estado, registrando mais de 600 casos (MATTEI, 2020). Era a primeira vez que saí de casa para uma distância maior do que aquela entre a minha casa e o supermercado. Não quis beber água, para não precisar ir ao banheiro em nenhum lugar. Estava entusiasmada com a possibilidade de ver a minha família; afinal, fazia mais de 10 meses que tudo se reduziu às conversas via tecnologia.

Em Chapecó, nova baterias de cuidados. Manter distância de todos, nada de abraços, e conversas curtas. Meu pai já havia desenvolvido uma estratégia para sanar o desejo de dar abraços: encostar os cotovelos de longe era o novo abraço. Apesar do meu pai entender que não poderíamos nos abraçar, ele ainda não via problemas em sair de casa. Meus irmãos me deram a incumbência de colocar algumas rédeas nele. Fácil de falar, difícil de lidar na prática: Como determinar que uma pessoa adulta não pode sair de casa, se o presidente do Brasil está na rua sem máscara e mantém contato com as pessoas? Da mesma maneira, depois de dois dias, minha sobrinha de 10 anos disse de maneira honesta e preocupada: “Tia, eu queria te dar um abraço, mas não pode, né”.

Além da influência negativa do presidente, em Chapecó eu percebi como a percepção do processo muda de acordo com a geração. As categorias de classe, de raça e de gênero foram citadas como diferenciadores das experiências vividas neste período desde o início do isolamento social (BOND, 2020; CÂNDIDO, CAMPOS, 2020; CORONAVÍRUS, 2020b). Mas, a de geração ainda me parece pouco lembrada. Também ouvi poucas discussões nos grandes meios de circulação acerca das deficiências e da sexualidade. As dimensões geracionais me fizeram olhar de outra forma para o isolamento social. Se, para mim e para a minha sobrinha de 10 anos, era fácil distrair-se com filmes e vídeos; para o meu pai, com 70 anos de idade e que havia acabado de ganhar seu primeiro celular, ainda era bastante difícil de convencer-se de que deveria permanecer dentro de casa, sem trabalhar ou sem encontrar as pessoas, porque foi dessa forma que viveu a vida toda.

A cidade de Chapecó tinha tido poucos casos de COVID-19 em abril, muitos ainda não acreditavam nem mesmo na possibilidade de a doença chegar. Mas, depois do grande salto de crescimento dos números (após a abertura do comércio), algumas pessoas passaram a ser mais receosas e outras tantas tiveram que aprender a lidar com a sensação do perigo iminente (que pessoas de outras cidades já tinham vivido em outros momentos). Mas, a julgar pela volta de carro que demos no centro da cidade para fazer compra no supermercado, a percepção era de que tudo seguia; não era um dia normal de trabalho, mais parecia um sábado com uma circulação um pouco mais reduzida.

Neste período de quarentenada (seja em Veneza, Florianópolis ou



Chapecó), aflorou em mim a habilidade de escrever às amigas e aos amigos distantes. Por diferentes motivos, as trocas de correspondências virtuais responderam tanto às ansiedades em saber se as pessoas estavam bem, quanto manteve a mente ocupada ao enviar e receber notícias genéricas e específicas. Com/de Lisboa, Berlim, Treviso, Veneza, São Paulo, João Pessoa, Florianópolis, Chapecó, Porto Alegre, troquei mensagem, e-mails, conversas longas, vídeo-chamadas, sobre os mais diversos assuntos, como, tempo (frio, calor, sol, etc.), saúde dos familiares, situação política no Brasil, como estávamos passando, os decretos que cada país fez e suas cronologias (que não mencionarei aqui), troca de indicações de filmes, livros, textos e também afetos virtuais. Alguns dos e-mails foram lidos e escritos aos prantos; principalmente, os que vinham ou eram endereçados para a Itália com recíprocas notícias da situação política do Brasil e a situação das vítimas e doença em cada um dos dois países. No entanto, foram fundamentais para que não perdesse a esperança e o vínculo diante da imposição do distanciamento social.

As diferentes indicações, da permanência em casa e da vivência da crise sanitária causada pela pandemia de COVID-19, foram experienciadas de maneira diferente nas três cidades em que passei; também houve diferentes etapas (que hoje constituo como sucessão de fatos e avalio de maneira retrospectiva). Questões básicas, para quem trabalha com experiências e suas narrativas, como as condições econômicas, de classe, de deficiência, de geração, de gênero, significaram muito na constituição da experiência (BRAH, 2006, CRENSHAW, 2018; DE MELLO, NUERNBERG, 2012; DINIZ, 2017; DAVIS, 2016; PISCITELLI, 2008, SCOTT, 1995 e 2005; SIRINELLI, 1996.). Também, os diferentes lugares e o momento foram determinantes para que as situações fossem mais ou menos sofridas, suportáveis ou aceitáveis. O que significa dizer que não podemos falar de experiências de quarentena sem pensar as diferentes condições e também as multiplicidades ligadas ao tempo, espaço e temperatura; isto é, são quarentenas e isolamentos no plural, constituídos a partir de diferentes questões contextuais que, apesar de ter uma única determinante, sofreram diversas influências (como busquei expressar na narrativa sobre as diferentes quarentenas que vivi).

Também, como lembra a historiadora Joan Scott (1998, p. 27) “Não são os indivíduos que têm experiência, mas os sujeitos é que são constituídos através da experiência”. Neste momento, constatei uma teoria que levei muito tempo para entender: o quanto as experiências vividas intensamente nos últimos meses me constituíram como sujeito, tanto com ensinamentos, novas maneiras de entender e enxergar a vida, novas formas de me relacionar com outros sujeitos (que também estão constituindo-se nas experiências relatadas aqui de maneira individual, mas vividas de maneira coletiva) quanto com novas práticas cotidianas. Por muito tempo, supervalorizei os agenciamentos, mas, a partir da pandemia de COVID-19, com os vários decretos governamentais e determinações institucionais, entendi de maneira explícita que os sujeitos são



(re)constituídos, e seus agenciamentos são “criado[s] através de situações e posições que lhes são conferidas (SCOTT, 1998, p. 42).

Em outras palavras, ao invés de fazer uma leitura sobre como as experiências dos sujeitos são em si diferentes e agenciadas por cada um durante a quarenta ou durante a pandemia de COVID-19, o que parece mais significativo neste momento acerca das diferentes narrativas (memórias, entrevistas orais, diários, autobiografias, etc.) é pensar como as diferentes experiências nos constituíram como sujeitos e nos deram brechas de agenciamento. Também, pensar como aspectos locais e temporais ajudaram a definir esta experiência de isolamento da população (como as três situações que passei). A partir da definição de que a “experiência é, nessa abordagem, não a origem de nossa explicação, mas aquilo que queremos explicar”, significa que “esse tipo de abordagem não desvaloriza a política ao negar a existência de sujeitos”, ao invés disso “interroga os processos pelos quais sujeitos são criados, e, ao fazê-lo, reconfigura a história e o papel do/ a historiador/ a, e abre novos caminhos para se pensar a mudança” (SCOTT, 1998, p. 51).

Além disso, “os significados das categorias da identidade mudam, e, com eles, as possibilidades para se pensar o “self”” (SCOTT, 1998, p. 44); um aspecto bastante importante para quem se centra em análises das narrativas. Pensar a minha situação só foi possível diante do que foi acontecendo, de novas regras, novas formas de convivência e novos contatos nos diferentes estágios vividos, os diferentes contextos, as condições interseccionais que atravessam o meu corpo e agenciamentos, e o tempo percorrido até aqui. As percepções do meu “self” e da minha identidade nas diferentes quarentenas são muito distintas; na Itália eu era brasileira fazendo as malas e deixando o país sem medo; em Florianópolis eu era a suspeita de COVID-19 trancada dentro de casa e assustada com a vida; em Chapecó eu era a filha estudante universitária que recém havia retornado da Itália e que sabia lidar melhor com o distanciamento social do que a geração mais velha em função de ter me constituindo com as experiências anteriores.

Por último, a conjuntura é ainda muito difícil de mensurar. Ainda não sabemos como terminará toda esta situação no Brasil. Vemos, neste momento, alguns fios de esperança vindo do exterior. Mas, uma coisa é certa: nunca mais seremos os mesmos! Já mudamos a maneira como nos relacionamos e isso recaiu diretamente em nossos afetos e nos nossos corpos, com regras importantes para a não transmissão, a perda de abraços e toque, que sempre foram fundamentais para a nossa sociedade, e o distanciamento social incorporado a nossa cotidianidade. Já nos (re)constituímos como sujeitos em nossa sociedade. Se seremos melhores ou piores, ainda não dá para saber. O que posso pensar e decidir como historiadora é a maneira que irei narrar o que está acontecendo nas diferentes sociedades por meio das compressões temporal e espacial. E, como estudiosa de narrativas (sejam elas orais sejam escritas), pensar como os diferentes sujeitos irão relatar este acontecimento,



tanto de acordo com suas categorias interseccionais de (des)privilégios quanto a partir da forma que se constituíram como sujeitos a partir de diferentes marcos temporais. Mas esta não pode ser uma história sem sentimento, emoções ou vozes dos sujeitos.

Referências

BOND, Letycia. SP: violência contra mulher aumenta 44,9% durante pandemia. **Agência Brasil**, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-04/sp-violencia-contra-mulher-aumenta-449-durante-pandemia>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. **Cadernos Pagu**, v. 26, p. 329-376, jan-jun. 2006

BRASIL vai monitorar passageiros vindos de Itália, França e Alemanha com sintomas de coronavírus. **TERRA**, 24 fev. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/brasil-vai-monitorar-passageiros-vindos-de-italia-franca-e-alemanha-com-sintomas-de-coronavirus,f96f7ed30ef396d52adb9e7a7a0e110f9p2ozt2v.html>. Acesso em: 26 fev. 2020.

CANDIDO, Marcia R; CAMPOS, Luiz A. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres. **Dados: Revista de Ciências Sociais**, 14 mai. 2020. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CORONAVÍRUS: OMS declara pandemia. **BBC**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51842518>. Acesso em: 13 mar. 2020a.

CORONAVÍRUS é mais letal entre negros no Brasil, apontam dados do Ministério da Saúde. **G1**, 11 abr. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/11/coronavirus-e-mais-letal-entre-negros-no-brasil-apontam-dados-do-ministerio-da-saude.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2020b.

CORONAVÍRUS: o que é um vírus endêmico, como pode se tornar o Sars-Cov-2. **BBC**, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52722190> Acesso em: 20 mai. 2020c.

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Ação Educativa**. 2004. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso



em: 10 ago. 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

DE MELLO, Anahi. G.; NUERNBERG, Adriano H. Gênero e deficiência: interseções e perspectivas. **Estudos feministas**, v. 20, n. 3, p. 635–655, dez. 2012.

DE PIERO, Bruno. Mães na quarentena: Isolamento social lança luz sobre desigualdade de gênero na ciência. **Pesquisa Fapesp**, 19 mai. 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/maes-na-quarentena/>. Acesso em: 07 jun. 2020.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 509**, de 17 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: http://www.doe.sea.sc.gov.br/material2/Edicao_Extra/Jornal_2020_03_17-A_ASS.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020a

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 525**, de 17 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/Secom_Noticias/Documentos/VERS%C3%83O_ASSINADA.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020b.

ESTADO DE SANTA CATARINA. **Decreto nº 525**, de 23 de março de 2020. Florianópolis, SC, Disponível em: https://www.sc.gov.br/images/DECRETO_525.pdf. Acesso em: 23 mai. 2020c.

MATTEI, Lauro. A COVID-19 em SC: Chapecó é o Novo Epicentro da Doença no Estado. **Boletim COVID-19 em SC**, n. 2, 18 mai. 2020. Disponível em: <https://noticias.paginas.ufsc.br/files/2020/05/19.05.20-Boletim-n.2.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

ONU MULHERES. Trabalhadoras domésticas remuneradas na América Latina e no Caribe frente à crise do Covid-19. **BRIEF**, América Latina, n. 1.1, p. 1-19, 12 jun. 2020. Disponível em: https://oig.cepal.org/sites/default/files/pt-trabajadoras_del_hogar_portugues-.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, dez. 2008.

SCOTT, Joan W. A invisibilidade da experiência. **Projeto História**, São Paulo, v. 16, p. 297-325, fev. 1998.



SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-94, jul-dez. 1995.

SCOTT, Joan W. O enigma da igualdade. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 11-30, jan. 2005.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). **Usos e abusos da história oral**. 8º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996. p. 131-137.

Como citar este artigo:

ROSALEN, Eloisa. De Veneza a Chapecó: crônicas de isolamentos sociais em suas múltiplas experiências. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 23-32, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.480>

Data de submissão do artigo: 08/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



A onça-gato, quimera da quarentena

Ana Lucia Lucas Martins¹

Resumo: O cotidiano do novo “isolamento social” é relatado neste ensaio de modo a construir uma narrativa que expressa uma sociabilidade que se marca por um dentro-fora produzido pela rotina da experiência da quarentena. À rotina é imposta a mediação de dispositivos tecnológicos para lidar com a realidade criada pela necessidade de conter o contágio pelo vírus. A evolução do ensaio encontra questões que atravessam o fazer sociológico.

Palavras-Chave: Quarentena. Vírus. Cotidiano. Tecnologias. Sociologia.

The cat jaguar, quarantine chimera

Abstract: The daily life of the new “social isolation” is reported in this essay in order to build a narrative that expresses different moments of sociability that has as its mark an inside-out produced by the routine of the quarantine experience. The mediation of technological devices is imposed on the routine to deal with a reality created by the need to contain the contagion by the virus. The evolution of the essay finds questions that go through sociological doing.

Keywords: Quarantine. Virus. Daily life. Technology. Sociology.

Este ensaio é um relato pessoal, mas escrito com a intenção de deixar aparecer um dentro-fora que vem constituir um cotidiano inventado por uma situação social inusitada, a quarentena imposta como segurança sanitária pelo contágio de um vírus que resultou numa escala pandêmica atingindo grande parte das regiões do mundo.

A imagem

A motivação deste relato teve origem num fato inesperado, a circulação de um vídeo nas redes sociais (*Facebook, Instagram, WhatsApp*) quando a quarentena alcançava seu segundo mês. A imagem mostrava um mamífero andando sobre uma grande rocha com cobertura de vegetação no seu cume, identificada como o Morro do Pasmado na Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao me deparar com a imagem fui capturada por uma janela para fora, a paisagem

¹ Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Rio de Janeiro, RJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0226-8807>. E-mail: martins.allu@gmail.com.



natural e uma “onça-parda” que atravessava a rocha íngreme com desenvoltura e oferecia seus movimentos para contemplação. Compartilhei nas minhas páginas a cena que me deslumbrou. A postagem e comentários para amigos, grupos de *zap* e familiares ocupou uma parte da tarde e gerou em todos uma perplexidade momentânea até que uma pergunta me retira do encantamento. A região parece pequena para abrigar uma onça, “onça vive em território amplo”. Entra no debate biólogos amigos e a imagem recebe um veredicto, o mamífero não seria uma onça-parda, mas um grande gato doméstico *habitué* do lugar. Este intervalo vivido, da *fake news* da natureza selvagem à natureza domesticada, numa tarde melancólica, funcionou como uma epifania da experiência da quarentena no desejo de partilhar da liberdade da vida natural evocados nos imaginários com a desaceleração do movimento da vida social. A liberdade sugerida pela cena da natureza contrastava com os dias confinados que avançavam. O resíduo dessa experiência permitiu esse ensaio. O dentro para onde a vida se voltara precisava ser visto, descrito, como uma inquietação que vislumbrasse um fazer sociológico, um artesanato, sobre a rotina, a repetição, e quem sabe com um novo que se apresenta.

Figura 1



Fonte: rede social *Facebook*, 2020.

O relato

A quarentena adentra seus cinquenta dias. É difícil narrar o que se passa desde que a vida desativou um modo e instalou do dia para a noite outra inserção no mundo. O recolhimento em casa e um turbilhão de sentimentos foram dois atos simultâneos que exigiram pisar em ovos. Os sinais surgiam. No dia onze de março saí preocupada de um Fórum sobre fotografia no século XIX, éramos muitos numa sala de cinema fechada no Instituto Moreira Salles. Na mesma semana um banco com um vidro de álcool gel ocupava o centro da sala de espera da análise. Eu já estava de máscara. Troquei em casa as toalhas



de rosto do banheiro por uma papelreira instalada por mim, e registrei o feito, afinal pela primeira vez dei conta de usar uma furadeira de parede. A cada saída à rua espreitava! as pessoas, o entra e sai das lojas, supermercado e decidia como fazer a compra de alimento, de álcool gel que escasseava, quase uma raridade, de álcool 70, salvei um litro numa loja de material de limpeza recém inaugurada numa rua próxima e com ele me mantive segura até encontrar novos fornecedores. Os fregueses do vendedor de churros da esquina sumiram, o vi ali, sentado, olhando para algum lugar distante, parecia perdido. O vendedor de quentinha para trabalhadores mirava o celular e a rua como se quisesse produzir alguma compreensão pelo súbito desaparecimento do movimento. A suspensão das aulas foi o alerta nessa semana que estava por terminar. Todas as atividades suspensas, canceladas, o trabalho na Universidade, a análise, a próxima sessão seria virtual, e restava a minha filha adolescente voltar para casa. Estava abrigada em casa de amigas e amigos, circularam pela moradia um dos outros por três ou quatro dias após o encerramento das aulas, tempo para se apropriar da ideia de que deixaria os amigos, os passeios, a escola, as festas e se isolaria em casa com a mãe e as aulas seriam virtuais. Um choque!

Portas fechadas o modo de vida *zap* foi acionado. Quem fornece o quê? Os dias consumidos nas trocas de informações e buscas de telefones de locais de fornecedores de alimentos, produtos de limpeza, assegurar os remédios de uso contínuo por um tempo maior, e conhecer protocolos de limpeza e proteção ao vírus. Uma rotina insana se instalou, lavar, cozinhar, criar uma logística que parecia não ter fim, como receber o que chegava de fora, desinfetar, guardar. Estava quase maníaca por sustentar que tudo estaria bem, fiquei numa exaustão física e emocional. Pertencço ao chamado “grupo de risco” e se fosse contaminada, como fazer? Sou eu e minha filha. Overdose de angústia. Acordei com a lembrança de uma tia-avó, querida, com quem pouco convivi e que deixou imagem curiosa na família. Tinha um excesso de zelo por si estava sempre arrumada, vaidosa, uma pessoa agradável e divertida, todas as vezes que a encontrei era uma alegria, unhas feitas, cabelos penteados, roupas íntegras, lençinho no pescoço um *savoir-faire* muito próprio, parecia sempre sonhar com algo. Evocava um personagem de filme antigo, moradora elegante do subúrbio do Rio de Janeiro, Brás de Pina, e jamais esqueço um almoço na sua casa que fui com minha mãe, eu era criança. Cabritos na rua, almoço delicioso, uma tarde de subúrbio e acabei apresentada àquilo que fez a fama de excêntrica da minha tia-avó. Ela tinha um toc, tudo era limpo com água fervida. Ficamos lá olhando, meio incrédulas, minha mãe e eu, a tia ferver as águas e enxaguar chão, paredes, louças, com água fervente, não suportava a ideia de micróbios frequentarem a sua cozinha. Viveu até os cento e dois anos. Certamente a minha fúria atual nesta quarentena contra qualquer possibilidade de contaminação talvez estivesse ancorada naquele olhar perplexo que um dia dirigi à querida tia.

Início a análise *online*, puro estranhamento, o que aconteceria com o



inconsciente? Parecia impensável interagir dessa maneira depois de anos de divã. Faço a sessão sentada na cadeira que pego sol à janela olhando para uma gravura de um artista espanhol que tenho pendurada na parede. Sonho que estava sentada lado a lado com o analista, ao sol na janela, na cadeira de palha de Bali. Aceitei o sonho como uma transferência em atividade. Melhor.

O isolamento social é um modo de nomear um novo tempo da vida social. Coloquei em prática uma rotina antivírus, tudo parecia sobre controle depois do primeiro desafio de receber compras do supermercado. Conversas com amigas, amigos e a chamada com a família no domingo pelo *Face-Time!* Estávamos todos no mesmo barco. Como navegar nesse barco? Exercícios respiratórios ocupou-me de imediato os pensamentos, com a natação e hidroginástica suspensa onde ancorar o meu corpo? Precisava de um corpo para caber tanto impacto. O vírus, uma fita de RNA (ácido ribonucleico) envolvida numa capa de proteína, penetra pelas vias aéreas superiores, produz uma “tempestade de citocinas” e é altamente infectante, o estrago nos pulmões pode ser fatal. Vaguei pela rede social em busca de alguma coisa que pudesse responder à minha aflição. Encontro no *facebook* uma prestigiada coreógrafa que oferece duas semanas de aulas como uma dádiva para si e o seu público, embarco nos movimentos adoráveis, o que fazer quando ela encerrar seu gesto dadivoso? Cai no meu *feed* de *Instagram* uma chamada para yoga, Yoga na Maré. Fui levada pelo nome e acho a ancoragem para meu corpo, estava tudo ali, era para iniciantes, ensina a respirar, havia frequentadores na sala virtual, e a partilha com um projeto de inclusão com a Favela da Maré na cidade do Rio de Janeiro. Incluí nas práticas meu mantra, de certo modo subutilizado, adquirido ao final dos anos 70 para meditação. Aprendi a meditar eu tinha dezessete anos, com o grupo que divulgava os ensinamentos da meditação transcendental do Maharishi Mahesh Yogi aquele que havia iniciado os Beatles. Recebi o mantra oferecido por duas mulheres ocidentais com véus indianos numa singela cerimônia individual, lembro que havia frutas numa mesa e uma difusa luz aconchegante. O mantra é uma palavra que não devo revelar a outra pessoa, “é seu mantra”, assim me disseram, e se inscreveu no meu cérebro como uma marca, registro que nunca esqueci. Respira, respira, respira.

O cotidiano é inventado dia a dia em meio à dinâmica do vírus, à dinâmica da política, à dinâmica da economia. O país está conturbado, em conflito, uma força política suicida toma conta da Nação. Não nos vemos como nação, a ideia das três raças que um dia construiu uma narrativa identitária sobre a Nação foi-se nos últimos anos, somos um país com pobreza à luz do dia como nunca vista, a pandemia escancarou a janela da miséria, da desigualdade social, foi um encontro com nós mesmos. Não há água para lavar as mãos. Água e sabão são os bens de primeira necessidade para desinfecção. Não há água, saneamento, emprego, comida. O Brasil tem uma enorme população que vive do trabalho informal caracterizado pela mobilidade e precisava parar. Uma gigantesca fresta se abre, o muito a fazer vem de grupos de voluntários, auto-



organizações nas favelas, associações da sociedade civil, doações pelas redes virtuais. O debate público significativo ocorre com as instituições de pesquisa científica num contexto de ações de governos locais pouco coordenadas. Há escárnio governamental diário para lidar com a segurança sanitária, as políticas do governo central são precárias diante da desorganização que a pandemia causa num país já desmontado nas suas políticas sociais e fracassado ao lidar com a crise econômica. É o governo errado na hora errada.

Coisas diferentes acontecem no isolamento social, a vida se recolhe para olhar tudo de perto. Passou na minha cabeça a experiência que vivi quando escrevia a tese de doutorado, sobre representações de pobreza urbana no cinema brasileiro, e fui morar fora do Rio de Janeiro por três meses perto de uma floresta e cachoeiras no alto de um vale em Boa Esperança, região de Nova Friburgo, sem luz elétrica e descobrir que a vida era feita de outras escalas, outros sons, outros cheiros, outros modos, um desdobramento. A vizinhança com pequenos agricultores plantadores de inhame redimensionava meu tempo e espaço social. Acho que essa experiência serviu para descortinar um bem estar na aflição pandêmica. Trabalho, ócio, atividades domésticas, redefinir planos, expectativas, ansiedade que vem e vai, medo, o laço com a filha, o excesso de comunicação, a falta de comunicação, os silêncios, as pausas no espaço doméstico, os desaparecimentos estratégicos no quarto, é preciso aprender para estar junto nestas condições e permutar nossos cômodos. Mexemos nas gavetas, arrumamos armários, abrimos arquivos de fotos e histórias, reencontramos saudades, insistimos numa partilha de tarefas, aprender a cuidar de si num momento de crise e da casa.

Ouçó e leio sobre um “novo normal” não sei que categoria é essa. Acho que não quero saber. Não tenho pressa em saber como será a vida pós-pandemia. Ela é agora. Mal dou conta dos intensos instantes do presente ao ritmo de uma curva epidemiológica que sobe e define o tempo do antes e depois da curva, ainda haverá um pico. Não há linha de fuga para o futuro, nem quero mais o “normal” do passado, havia isso? Soube na pandemia que vivia num normal, nada estava normal na nossa vida, nesta cidade, neste país. A indiferença com a desigualdade era normal? a vida cavada na herança do açoite era normal? Os assassinatos de jovens negros na cidade que habito estava normal? Algo disruptivo se postou antes do vírus. Resta fazer com que a vida fique um pouco mais anormal depois da pandemia. Talvez alguma consciência se inscreva e a normalidade seja desnaturalizada, um insight sociológico coletivo faria bem.

O tempo passa e a quarentena assume suas feições no dia a dia. Saídas cautelosas para passear a cachorra uma vez por semana, aos sábados, no alto da rua numa praça cercada de vegetação da Mata Atlântica, as entregas de alimento, produtos de higiene, as invenções culinárias, a entrada forte dos temperos indianos e asiáticos na alimentação, *curry*, gengibre, cúrcuma, páprica, misturada à nossa herança negra e índia, leite de coco, leite de castanha, peixe, a tapioca, o dia da feijoada, o desejo do bife sangrento



finalizado na manteiga, o *fish and chips*, o *guacamole*, a massa com molho de tomate, a preguiça de chegar na cozinha, o macarrão instantâneo da filha com a condição de fazer um tempero doméstico. O pão feito pela amiga que descobriu uma habilidade durante a pandemia chega na minha casa pelo mensageiro da *loggi* um “pão ostentação”, como ela chama, com gorgonzola e nozes. Preparar o próprio alimento todo dia, legumes, verduras, frutas, atenta para fortalecer a imunidade, buscar receitas na *Internet*, seguir o *Chick Corea* nas *lives* diárias ao entardecer, e o tempo passa. Uma incursão noturna no quarteirão de casa, a rua escura, silêncio atravessado pelos latidos dos cães quarentenados, adquire ares de conto noir, galões de lixo dos prédios enfileirados numa quantidade maior que a habitual escondem um homem de meia idade que vasculha os dejetos.

O mundo dos aplicativos e plataformas invade o cotidiano. Para quase tudo se baixa um aplicativo, tenho o registro da leitura que fiz com uma dose de dificuldade de alguns capítulos de um livro manifesto “*Gadget* você não é um aplicativo”, queria pensar impactos da tecnologia da realidade virtual na vida social com vistas a um curso na universidade no ano passado. O autor a partir de sua experiência, como crítico dos principais intelectuais do Vale do Silício nos anos 80, e das mudanças que a *World Wide Web* traria para a vida social, no comércio e na cultura, faz um alerta para a retórica anti-humana impregnada na cultura do Vale do Silício que faz as pessoas “serem obsoletas para que os computadores pareçam ser mais avançados” (LANIER, 2010, p.46). Vem à mente a fala do personagem Macunaíma, num vislumbre de estranhamento, no filme de Joaquim Pedro de Andrade em 1968, “já não sabia mais quem era máquina quem era gente na cidade”. Pesquiso e assisto filmes em plataformas de *streaming*, escolho plataformas de *web* conferência para atendimentos online de alunos, reuniões, *Zoom*, *Google Hangouts*, *Google Meet*, arquivo links e publicações de artigos nacionais e internacionais que abordam os efeitos da epidemia na vida social, exerço minha rotina e misturo trabalho e vida como observa Wright Mills (2000) sobre a condição do ofício do sociólogo. Estranho essa inserção social catapultada para a realidade virtual. A vida social na mutação das suas relações face a face encontra mediação para as relações num dispositivo tecnológico que traz o fora para dentro no isolamento social. A banda larga da casa já não atende aos novos usos, práticas, é necessário atualizar a velocidade da rede. Reconfigurar.

A universidade propõe novas diretrizes e inicia discussões para gerar uma política que se adeque às incertezas do momento. No período de isolamento social quer classificar as atividades acadêmicas como “trabalho remoto” e que apresentemos um “plano de ensino emergencial”. Percebo que uma mudança mais profunda começa a ser desenhada e pode reformular por completo nossa prática na formação universitária, em particular o ensino. O vírus antecipa várias casas de uma transformação que estava em curso que parecia mais orgânica embora com precariedades, a introdução de tecnologias



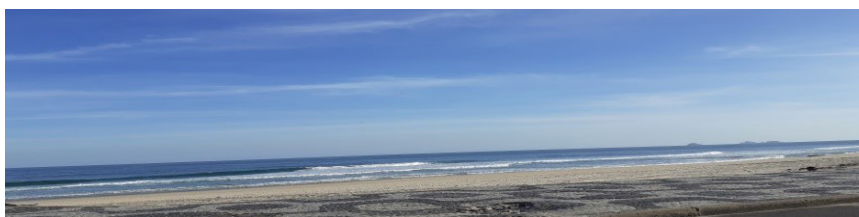
para aplicar na atividade docente o que é bem diferente do uso que faço com o audiovisual numa relação de prática de ensino com *interações face a face* e todos os seus ruídos e comunicações (GOFFMAN, 2011)

Mudanças na sala de aula podiam ser notadas a cada semestre. Num seminário em aula no último semestre antes da doença do Covid-19 os alunos e alunas portavam cada um seu celular pelo qual se orientavam com as leituras para exposição do tema. Nenhum papel, lápis, caneta, apenas *smartphone, tablet*. Percebo a cena como um registro etnográfico de um tempo que se anunciava por interações com dispositivos tecnológicos. Situação inquietante na quarentena com a (im)possível conversão das nossas relações de trabalho face a face para relações virtuais em escala ampla. Pergunto de que modo mudará nossa forma de produzir, organizar, armazenar, transmitir o conhecimento e como isso impacta na formação de jovens universitários? A quarentena exige lidar com os estranhamentos e convoca problemas novos para pensar as relações sociais.

Persiste a realidade dos mais vulneráveis. O vírus avança para as periferias, favelas, áreas com forte densidade populacional, encontra a pobreza, nas mídias de jornalismo noticiam o contágio e morte nas populações indígenas extremamente sensíveis. Saber de pessoas próximas queridas contaminadas, a recuperação, a listagem dos mortos pelo país, o indagar da história de cada um. Haverá um luto coletivo a ser vivido.

Setenta e cinco dias após o início do isolamento saio pela primeira vez com minha filha para um passeio de carro. Vou além do bairro em que moro com o objetivo de olhar o mar. Seguimos pela orla, estamos inseguras, o vibrátil da cidade não toca apesar do dia solar de outono e céu azul. O fora expressa um ambiente pestilento. As pessoas, as ruas, o uso da máscara. Do imenso horizonte azul de um mar calmo ficou o ruído do leve movimento das ondas na areia, estranhei, uma sensação de que o mar respirava. Pensei no artigo do Phillipe Descola (2020) publicado no *Le Monde* que tinha acabado de ler. Trafegando pela avenida da orla comentei sobre a ideia do Descola de nomear o capitalismo como o “vírus da natureza”, essa imagem se encaixou nas impressões que eu tive naquele momento do barulho do mar. Voltamos para casa, lavamos as máscaras e penduramos no varal. Quanto a quimera, segundo Jorge Luís Borges (1989), perdeu sua forma incoerente e restou a palavra, significa o “impossível”, ideia falsa”, “vã imaginação”.

Figura 2



Fonte: Arquivo pessoal- Ana Martins, 2020.



Referências bibliográficas

BORGES, JorgeLuís. **O Livro dos Seres Imaginários**. São Paulo. Editora Globo, 6ª ed. 1989.

DESCOLA, Phillipe. Nós nos tornamos vírus para o planeta, entrevista para o Jornal Le Monde. **Blog do Sociofilo**, 2020. [publicado em 29 de maio de 2020]. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2020/05/29/notas-sobre-a-pandemia-nos-nos-tornamos-virus-para-o-planeta-entrevista-para-o-jornal-le-monde-por-philippe-descola-e-nicolas-truong>. Acesso em: 9 de jun. de 2020.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2011.

LANIER, Janier. **Gadget**. Você não é um aplicativo! Um manifesto sobre como a tecnologia interage com nossa cultura. São Paulo. Saraiva, 2010.

MILLS, C. Wright. **The Sociological Imagination**. New York. Oxford University Press, 2000.

Como citar este artigo:

MARTINS, Ana Lucia Lucas. A onça-gato, quimera da quarentena. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 33-40, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.485>

Data de submissão do artigo: 09/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da Pandemia

André Luís Cardoso Tropiano¹

Resumo: Nesse ensaio imergiremos no cotidiano permeado pelas tecnologias digitais implicados nos nossos fazeres diários, em que as dicotomias entre ser e estar, tempo e espaços se conectam como uma possibilidade. Durante a pandemia de COVID-19, a (con)vivência mediada foi um desafio imposto em nossas várias experiências cotidianas. *Smartphone*, computador, *wi-fi*, televisão e *tablet* se tornaram elementos essenciais nos cômodos de casa, fixos ou móveis, sempre conectados à internet e conectando nossa vida nos fluxos das mídias sociais. Não há como dissociar o fazer sociológico das redes digitais e das influências que elas exercem nas nossas práticas cotidianas. Minha intenção é provocar reflexões para sobre-vivências nas mídias sociais em tempos de fascismo no Brasil da pandemia.

Palavras-Chave: Pandemia. Fascismo. Sociedade em Rede. Mídias Sociais. Cotidiano.

Digital vertigo and the discomfort in the pandemic Brazil

Abstract: In this essay, we immerse on Everyday Life crossed by the digital technologies implied in our daily duties, in which the dichotomies between being, time and space are connected as a possibility. During the COVID-19 pandemic, mediated (co)existence was a challenge imposed on our various experiences. Smartphone, computer, wi-fi, television and tablet are the essential elements in the home, set or mobile models, always connected to the Internet and connecting our lives in social media flows. There is no way to dissociate sociological practice to digital networks and the influences they exert on our daily practices. I intend to provoke some reflections for survival in social media in fascism times in pandemic Brazil.

Keywords: Pandemic. Fascism. Networked Society. Social Media. Everyday Life.

¹Mestre em Educação, Cultura e Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGECC-UERJ). Membro do Núcleo de Estudos Sobre Periferias (NEsPe-FBEF/UERJ). Bacharel em Comunicação Social, também pela UERJ. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ORCID:0000-0001-5717-2733. E-mail: andretropiano@yahoo.com.br.



1. Cotidianos (cor)relatos

Ainda é cedo e o barulho do alarme ecoa em todo o quarto. Não que ele seja grande, até porque cada vez mais os apartamentos são menores nas grandes cidades, talvez por isso o eco seja tão alto. Estico as mãos na tentativa de desligar o alarme. Caio no sono. A música mais irritante e mais adorada torna a tocar, a soneca esperada ou desesperada. Lembro que não tenho que sair de casa, mas tento manter a rotina. Desligo o *tablet* que tocava as oito horas de música de relaxamento para o sono, das quais só tocaram seis horas. Pego o celular. Dessa vez, desligo o alarme.

Ainda sonolento, clico no aplicativo azul, vejo as notificações embaçadas. Agora clico no verde e vejo as conversas nos grupos. O que eu perdi enquanto dormia? Alguém quer falar comigo? Alguém se preocupou comigo nesse tempo em que estava *off*? Aparentemente não. Nesse horário ainda estão acontecendo algumas *lives*, de quem virou a madrugada na música ou quem começou a manhã religiosamente orando. Levanto-me lentamente. Faço iniciar minha rotina: banho, dentes, café.

Ligo a TV. Os números dobram, as recomendações extrapolam, as informações se ausentam, o drama de um mundo inteiro assolado por um vírus de alto contágio. Parece filme distópico, mas é real. O que é real? O celular toca para uma chamada de vídeo. É minha avó, ela passou a usar o aplicativo de mensagens e ligações do celular para falar com todos. Vejo metade do rosto dela, peço para ela acertar. Rimos. Conversamos amenidades, sobre o tempo, a comida, os animais de estimação, compartilhamos tempo e espaço. Fazemos voto de um bom dia, de proteção, de iluminação. Desligo.

Invariavelmente quando o celular está às mãos, clico no aplicativo azul. Atualizo as notícias, arrasto o dedo na tela que vai rodando, rodando, numa espécie de zapear da TV. Assisto aos vídeos de gatinhos fofos: curto, comento, compartilho. Passo para outra rede. Café na mesa. Comento as decisões políticas, tomo as informações por meio dos principais sites de empresas jornalísticas. No *WhatsApp*, aquele grupo da família esbanja teorias da conspiração absurdas. Se o seu pai não é um *bolsominion* você é privilegiado sim.

Acompanho as histórias ou *status* do *Instagram*, pulo de imagem em imagem, vídeo em vídeo, da amiga de infância com quem nem falo mais no dia a dia – ela virou *youtuber*! –, ao *digital influencer*, *instagrammer* – sim, é uma profissão! –, celebridades, humoristas, ativistas, astrologia, gatos fofos, etc. Informação. Entretenimento. Tempo. Tempo. Tempo.

Essas imagens cotidianas refletem o que Manuel Castells (2003, 2017) chama de Sociedade em Rede. É importante pensar essa relação com a tecnologia como o tecido de nossas vidas que se ligam pela cultura, pelas sociabilidades, relações econômicas numa conexão global protagonizada pela comunicação. Nesses tempos em que não podemos sair de casa, os artefatos



culturais, tais como computador, celular e *tablet*, possibilitaram que os impedimentos impostos pela pandemia fossem contornados pela conexão em rede, por meio da Internet. Ou, seja, ele afeta de maneira tão direta e intensa a nossa subjetividade e instiga, provoca e desafia o fazer sociológico que não pode ser pensado sem a presença das redes digitais.

Não estamos aqui falando de uma novidade tecnológica, mas da construção de uma normalidade, que se impôs na intensidade com que os artefatos culturais se consolidaram durante a pandemia no nosso cotidiano (CERTEAU, 2014). Assim como Christine Hine (2004), entendo que não há fronteiras entre o presencial e a vida *online*. Cada vez menos conseguimos separar o que é face a face do que é virtual, sobretudo com os avanços das tecnologias ubíquas. Hine (2004) denominou esse fenômeno como *Everyday Internet* – Internet Cotidiana, em livre tradução, em que os lugares digitais e físicos não são mais dicotômicos, mas sim espaços próprios de sociabilidades que são totalmente integrados às nossas experiências físicas ou presenciais.

Essa tendência teórica e metodológica está alinhada também ao sociólogo Manuel Castells (2003), que entende que vivemos na cultura da virtualidade real, que reside no âmbito dos híbridos que experienciamos com intensidade cada vez maior sob a influência das redes e tecnologias digitais em nossa sociedade.

Os artefatos culturais estão presentes nos nossos cômodos de casa, no nosso fazer enquanto pesquisadores e são cada vez mais decisivos socialmente com as tecnologias ubíquas, que possibilitam a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar, mantendo um estado de onipresença. Lucia Santaella (2013) defende a ideia de que a condição de nossa existência é ubíqua e isso traz efeitos para nossas condições físicas, psicológicas e computacionais. De fato, podemos pensar: por que fui cobrado por não responder prontamente a uma mensagem de aplicativo ou me vi numa situação em que não pude recusar uma chamada de vídeo?

Nem tudo são flores no mundo tecnológico e virtual, o que é um prato cheio para as pesquisas nesse campo. Precisamos observar muitas experiências ruins que podem ser vivenciadas dentro do ciberespaço, sobretudo quando a questão abrange a discussão política, religiosa e étnica que podem afetar diretamente o bem-estar social, inclusive. Nesses tempos de desinformação do público, em que imperam as famosas *fake news*, principalmente nos processos eleitorais considerados fraudulentos ao redor do mundo, elas mostram também o potencial organizativo que as redes possuem.

Observamos que é preciso alterar essa perspectiva negativa, organizando-nos e pensando em novas formas de intervir na mídia e outros setores da comunicação, criando um espaço que de fato proporcione um debate justo sobre a democracia. Nesse momento social em que o poder é o poder de comunicação, precisamos também estimular o diálogo, tanto em casa, na rua, no trabalho, quanto no ciberespaço.



Sobre essa presença da política nas mídias sociais digitais observamos que após as eleições de 2018, em que a extrema direita assume a presidência, houve uma escalada de ódio que se intensifica, fazendo imergir muitos discursos fascistas. Essa situação também fez aumentar o paradoxo de presença-ausência nas redes, pois a necessidade de se manter informado se coloca como um dilema pela imprescindibilidade de se manter lúcido, longe dos transtornos de ansiedade tão comuns nesse contexto.

2. As vertigens das mídias e o fascismo no Brasil

Nos últimos anos, principalmente após as manifestações de Junho de 2013, o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, as mídias sociais se tornaram um ringue de disputas políticas. Tanto em nosso país quanto na América Latina, vivemos um momento em que as políticas públicas e econômicas promovidas por governos de esquerda alçaram vários países, os quais passaram a ocupar patamares de felicidade social em muitos *rankings*, o que deu a nossa região um lugar de destaque no cenário internacional. Atualmente, observamos a extrema direita tomar espaço, aumentar os discursos de ódio (ou de medo) e conseguir eleger um presidente. Com a pandemia (Covid-19) tudo foi se intensificando: os ataques à imprensa, o desleixo à doença, a desatenção à educação, a despreocupação com os mais vulneráveis.

Um discurso nacionalista cego, aliado a confusão informacional, aos ataques e recuos diários, que vão cansando, minando e desinteressando as pessoas, desvelam táticas que são próprias dos governos fascistas. O que não falta a esse governo são proximidades com o discurso fascista. O medo e a repulsa pelo Partido dos Trabalhadores (PT) foi uma mola propulsora da situação atual, criada e alimentada pelas mídias corporativas e pelas mídias sociais digitais, que trouxeram os ingredientes certos para engajar e levar o fascismo ao poder.

As grandes corporações da internet, a exemplo do *Facebook*, *Google*, *Amazon* e *Netflix*, são verdadeiros monopólios da atenção, da visibilidade, do consumo, da vigilância e da manipulação política em todo o mundo. Manuel Castells (2016) aborda a necessidade de se interpor aos monopólios midiáticos que oferecem enormes riscos às democracias, uma vez que essa comunicação não deve e não pode ser gerida por uma única narrativa. No Brasil, enfrentamos há anos esse desafio em relação a regulação dos meios de comunicação (rádio, TV e internet), agora precisamos de criar espaços para um debate qualificado em relação às mídias sociais digitais.

Atualmente normalizamos a entrega de nossos dados a essas empresas pela internet, concedendo desde nosso e-mail, telefone até documentos e cartões de crédito em prol de uma praticidade e de uma suposta liberdade. A reflexão proposta por diversos críticos da internet, como Andrew Keen (2012)



e Eli Pariser (2012), atenta para a necessidade de observar o fenômeno com certa cautela, sobretudo com o crescimento desses monopólios empresariais que expandem seus domínios nas redes.

O documentário da *Netflix*, *Privacidade Hackeada* (2019), lançado em 24 de julho de 2019, aborda o caso da venda de dados realizada pelo *Facebook* e o uso feito pela empresa *Cambridge Analytics* para influenciar as democracias ao redor do globo, por meio de estratégias políticas-discursivas durante as eleições sem diversos países. O documentário cita, inclusive o caso do Brasil, em que pelo menos 400 mil usuários tiveram seus dados violados, na ocasião da eleição presidencial de 2018. O caso reverberou de tal maneira que acarretou consequências jurídicas ao *Facebook* em vários países. No Brasil, a empresa foi multada pelo Ministério da Justiça no valor de 6,6 milhões, no final de 2019, porém a questão pouco repercutiu nos espaços e na própria rede, sem que levantasse um debate mais significativo sobre a privacidade e a gestão dos dados pela empresa.

Os vários escândalos de venda de dados pelos sites de redes sociais digitais são um território de grande disputa. Podemos refletir em que medida o consentimento de liberação de dados por parte dos usuários pode permitir que sejam compartilhados com outras empresas? Fábio Malini e Henrique Antoun (2013) percebem que as estratégias empregadas pelas empresas na internet são sempre de redução da liberdade em favor de sua mercantilização e acumulação de capital através das informações coletadas.

Rememoro, assim, uma situação que me ocorreu, durante as aulas de estágio docente, em que uma das alunas dizia que no *Netflix* temos mais liberdade para escolhermos o que queremos ver. É fato que é uma mudança de hábitos de consumo. Antes íamos a uma locadora, depois passamos a baixar vídeos pela *web*, por meio de programas específicos (mesmo que depois tenham se tornado ilegais) ou comprávamos o DVD no camelô e, posterior a isso, passamos a usar o *bitTorrent*². Agora, aceitamos pagar por um serviço que escolhe o que a gente pode ver. Cada dia é mais difícil traçar caminhos alternativos para ter acesso a conteúdos de grande circulação fora dos circuitos, tal como o cinema e a música. Um fato curioso sobre essas fronteiras de legalidade/ilegalidade foi a recente disponibilização do filme “Bacurau” completo no *Facebook*. No *Twitter*, um dos diretores do filme, Kleber Mendonça Filho, posou na compra do DVD em um camelô na rua e questionou a escolha da capa.

Mas que liberdade é essa do *Netflix*? Recordo de outro episódio, anterior as eleições presidenciais de 2018, em que se levantava muito a questão dos discursos da extrema direita que tendem a um nazi-fascismo. Acabávamos de discutir com um familiar sobre as suas posições políticas perigosas e muito

² Protocolo de rede que permite aos usuários compartilharem arquivos e realizar *downloads* sem estar em um servidor. É um exemplo de rede peer-to-peer de transferência de dados entre dois ou mais usuários.



próximas desses discursos, mas sem muito sucesso de diálogo. Ligamos o *Netflix* na TV, para a nossa surpresa uma das primeiras sugestões era o filme “22 de Julho”, que conta a história de um fanático da extrema direita e racista que assassinou 77 jovens, em 2011, na Noruega. O alvo-principal eram adolescentes que estavam em um acampamento da ala jovem do Partido Trabalhista, na Ilha de Utoya. O filme deixou um ar reflexivo, pois sua estreia coincidiu com esse processo eleitoral e sabemos que os lançamentos das produções são segmentados por regiões. Por que o Brasil foi uma dessas praças escolhidas? Proposital ou acidental?

3. Os filtros (in)visíveis e as táticas de sobrevivência

A mesma aluna da aula de estágio docente, que citei anteriormente, também discordou de mim em relação a questão da publicidade no *Facebook*. Ela me deu um exemplo e disse acreditar que tínhamos o poder de escolha. Podemos escolher o que vemos no *Facebook*. Ela disse que tinha criado o hábito de classificar as postagens de anunciantes, por exemplo. Nos três pontinhos que aparecem do lado direito da postagem, você pode entender o porquê de você estar vendo esse anúncio e ocultá-lo. Conseguimos entender a gravidade disso? Quanto mais informação eu dou ao *Facebook*, mais informação serão requeridas e mais irá saber sobre mim, sobre as minhas escolhas e as minhas preferências.

O que eu pesquiso, o que eu converso, principalmente o que eu tenho interesse em comprar, consumir, magicamente vira um bombardeio. Certo dia pesquisava por casacos na internet. Abro o *Facebook*, ao rolar o *feed* o que mais vejo são casacos, várias marcas, vários tipos. Você não queria casaco?

Em outra ocasião, conversava em casa sobre a necessidade de comprar máscaras para poder sair na rua. O celular estava próximo. Não seguimos a recomendação do Mark Zuckerberg de fechar a câmera do computador (e por que não tapar o áudio do celular?), por que parece paranoia. Quem ia querer saber das minhas conversas privadas e fúteis? Abro o *Facebook*. É máscaras que você quer? Tem lisa, estampada, cirúrgica, de tecido, descartável, lavável. Dessas situações emerge uma questão: filtramos ou somos filtrados? Sem querer tender ao dualismo, ao maniqueísmo. Em que medida, quando filtramos, damos mais informações para a plataforma?

Então, cada vez que classifico uma postagem, eu dou a possibilidade de que ele me mostre outros conteúdos para que eu classifique. Importante notar que nem todo mundo tem o letramento para diferenciar conteúdos patrocinados de conteúdos orgânicos. É verdade que a palavra “patrocinado” aparece bem pequena abaixo do nome da página que está pagando a divulgação. Porém, de toda forma, o estrago já está feito. Gostei daquilo, cliquei, comprei. Recebi o *e-mail*, confirmo a compra, recebo diariamente ofertas, ao lado direito do



e-mail vão aparecer ofertas relacionadas. O ciclo do consumo. É um ciclo sem fim.

A partir dessa questão, questionamos as táticas do cotidiano, conforme Michel de Certeau (2014), em que nomeio de sobre-vivências. Evoco, assim, um clássico da literatura distópica, “Admirável Mundo Novo”, do escritor britânico Aldous Huxley (1979), publicado em 1932, em que tratava de uma sociedade futura sob um regime autoritário. Na obra literária, o domínio não se dava pela coerção ou violência física, mas sim pelo controle dos sentimentos e comportamentos. Alguma semelhança? As “previsões” de Huxley englobavam a fertilização *in vitro*, clonagem, experiências imersivas em audiovisual e o uso excessivo de psicotrópicos, por exemplo. Essa aproximação com a realidade atual, faz pensar até onde seremos capazes de chegar e em que bases estamos construindo nossa sociedade?

A gente precisa entender como o consumo rege esse mundo capitalista e a maneira com que as mídias tentam manipular nossas necessidades. Sair do *Facebook* ajuda? Do mesmo modo, parar de ver televisão ajuda a combater a manipulação midiática? Particularmente, penso que não. A mídia está aí, ela faz parte do nosso mundo e precisamos lidar com ela. Quando nos ausentamos do debate, nós saímos da bolha ou entramos em outra bolha? (FERRARI, 2018)

Outro ponto que se coloca é a possibilidade de diálogo com o fascismo. Existe essa possibilidade? Como? Ensina? Certamente quem tiver a fórmula vai ganhar muito dinheiro nesses tempos obscuros. Talvez essa seja a fórmula: dividir para conquistar. Enfim, eu tentei. Juro que tentei de todas as formas, conversar, de maneira respeitosa, honesta, humilde. Falhei. Até que eu cansei, adoeci, perdi as esperanças. Mas é assim que ele age, rouba nossa vontade de viver, nossa esperança por um mundo melhor. Então, reaja! Durante as eleições passou pelo meu *feed*: “Aplicativo para descobrir quem segue página de Jair Bolsonaro faz sucesso no Facebook”. Não hesitei, deletei todos os supostos amigos que habitavam a minha rede e alimentavam a rede dos medos, dos ódios.

Diante dessa problemática, também penso sobre como o corpo humano lida com todas essas transformações que são, em suma, sociais e culturais. Quais as mazelas psicológicas que podem ser impor ao humano? As relações humanas se constituem dentro da sociedade em rede como relações de disputa discursiva, em que a preocupação com a saúde é algo legítimo e cada vez mais latente. O filósofo Byung-Chul Han (2015) aborda o comportamento social da negação na cultura ocidental e comonos transformamos em sujeitos ansiosos, estressados, insatisfeitos, infelizes a medida em que a tecnologia avança a passos largos. Essas consequências têm relação direta com o contexto em que se insere o ciberespaço, com a flexibilização das relações e adaptabilidade constante, inclusive das relações sociais e individuais.

A ansiedade, síndrome de *burnout*, do pânico, *workaholics*, são apenas alguns dos distúrbios facilmente notados em meio a tanta gente de olho nas



telas nas ruas, praças e transportes. Ao mesmo tempo, nunca se falou tanto em bem-estar, alimentação saudável, atividades físicas, seguindo a cartilha do Vale do Silício. O senso comum grita aos ouvidos que temos um desempenho e uma produção a realizar na velocidade e na eficácia das tecnologias. “A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais ‘sujeitos de obediência’, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos.” (HAN,2015, p. 22). A palavra empreendedorismo dita a ordem da sociedade em rede, uma vez que o trabalho é cada vez mais automatizado, digitalizado, o humano ganha novas capacidades, mas também perde outras às custas de se manter o sistema econômico capitalista.

4. (In)conclusões

Este ensaio teve como objetivo imergir, de maneira subjetiva, nas questões que se impõem para o fazer sociológico nos (in)cômodos que se tornaram as mídias sociais como um campo social, cultural e psicológico. Essa experiência poderia ser de limitação aos cômodos de nossa casa, mas se expandem sem fronteiras de espaço-tempo, ampliando nossa visão e tornando ainda mais complexas nossas subjetividades. Se por um lado, podemos acreditar que a pandemia parou o mundo num viés econômico, podemos também pensar que ela manteve a produção humana, sobretudo na comunicação. Nada mudou ou tudo mudou, para melhor ou para a pior? Tivemos que nos adaptar, começar ou manter o trabalho de casa, com reuniões, aulas, confraternizações, aniversários pela tela do celular ou do computador.

Fomos impelidos a acompanhar as notícias, a comentar a política, a estudar, a participar de eventos *online* e até mesmo a experimentar o relaxamento e os exercícios físicos de maneira mediada. A sensação de espaço e tempo se fundiram e se alargaram, gerando muitos sentimentos difusos sobre a realidade. Isso gerou uma reflexão sobre os meios de comunicação, sobretudo as mídias sociais digitais. No Brasil, em que vivemos um governo de aspecto fascista, essas percepções ficaram ainda mais latentes, trazendo ainda mais confusão mental para os sujeitos. Para nós, enquanto pesquisadores, vivendo e produzindo sobre esse espaço-tempo e seus fenômenos, ficamos com esses incômodos.

No momento em que questionamos a urgência de estar nas mídias sociais digitais, observamos o avanço neoliberal e neoconservador tomar conta do que há tempos acreditávamos ser a terra da liberdade, espaço para surgimento das múltiplas vozes e da partilha dos conhecimentos. A manutenção da liberdade de expressão passa pela manutenção da democracia, como o sistema de governo em que o poder emana do povo, em que o povo possa fiscalizar e acompanhar como são desenvolvidos os trabalhos da gestão de seus países. Podemos



acreditar que a internet é uma ferramenta fundamental na luta pela liberdade na sociedade em que vivemos, mesmo que as instituições não consigam responder na mesma velocidade do debate público. A opinião pública formada nessa arena pública que é o ciberespaço traz questionamentos e agenciamentos de pautas de interesses diversos por muitos coletivos e movimentos sociais. Esses movimentos retroalimentam a democracia e exigem dos governos uma postura perante as novas características e demandas da sociedade.

A medida em que a flexibilização da quarentena vai acontecendo, especialistas e jornalistas falam em um “novo normal”. O que chamam de “novo normal” é realmente novo? Que normalidade tínhamos antes? Questionar esses padrões estabelecidos socialmente é próprio do pesquisador das ciências sociais, bem como vislumbrar as possibilidades para entender e sair da crise democrática em que nos encontramos.

Como dar atenção a tudo? Como responder e dialogar com tantas demandas? Todas essas disputas e conflitos se dão pela nossa atenção, seja em relação ao consumo, ao entretenimento, a ação política, a reivindicação dos direitos humanos. Tudo passa na nossa *timeline*. Não há fórmula, nem há quem dê conta de tudo. Nesses tempos precisamos entender as nossas próprias necessidades em buscar estar bem, mesmo diante das tempestades. É preciso identificar o momento em que não estamos bem para nos expor a tantas notícias, situações e entender a condição de ser sujeito limitado, condicionado e inacabado.

Nas relações sociais, esse momento fez reforçar ainda mais nossa necessidade em trocar afetos, cuidar daqueles que queremos bem e criar vínculos afetivos sinceros e positivos. Ser solidário aos problemas sociais, agir positivamente e cultivar amizades também é lutar ativamente pela democracia e por dias melhores em nosso país. Sejamos resistência.

Referências bibliográficas

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e de esperança**: movimentos sociais na era da internet. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano** – artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2014.

FERRARI, Pollyana (org.). **Fluido, Fluxos**. Reflexões sobre imagens voláteis, gênero, pós-verdade, fake news e consumo neste tempo de espirais fluidas.



Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

HINE, Christine. **Etnografia virtual**. Trad. Cristian P. Hormazábal. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

HUXLEY, Aldous. **Admirável Mundo Novo**. 5. ed., Porto Alegre: Globo, 1979.

KEEN, Andrew. **Vertigem digital**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulinas, 2013.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação Ubíqua**. São Paulo: Paulus, 2013.

PRIVACIDADE HACKEADA. Direção: JehaneNoujaim e Karim Amere. Estados Unidos: Netflix, 2019. Streaming, color (116min).

Como citar este artigo:

TROPIANO, André. Vertigens digitais e os (in)cômodos no Brasil da pandemia. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 41-50, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.511>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... a *live* não para

Tássio Acosta¹

Resumo: Este trabalho, pensado de forma mais livre e plural, busca analisar a emergência das *lives* artísticas e intelectuais no contexto pandêmico do novo coronavírus e a possibilidade recreativa que elas catalisam para o isolamento social neste contexto. Para isso, tensiona-se as críticas realizadas pelo governo Bolsonaro aos setores culturais e acadêmicos ao mesmo tempo em que tais setores mostram-se imprescindíveis, tanto para o fazer educacional como para o fazer cultural à medida em que informam e entretêm. As seções estão organizadas a partir de trechos da música 'Paciência' de Lenine, no intuito de explorar a intersecção entre arte e conhecimento acadêmico-científico, proporcionados nas inúmeras *lives* realizadas.

Palavras-Chave: *Live*. Coronavírus. Covid-19. Cultura. Educação

Even when things are in need to be calmer, even when the body is in need for more soul to be awarded, live transmissions keep on being spotted

Abstract: This work, thought in a more spared and diversified way, seeks to analyze the emergence of artistic and intellectual live transmissions within the new Coronavirus pandemic as well as its recreational power as they catalyze social distancing practices in this context. To this end, the criticism levelled by Bolsonaro's government regarding cultural and academic sectors seems out of sync as, simultaneously, the need for both sectors prove to be even more essential for cultural and academical production, since they can inform and entertain. The sections are organized after excerpts from the lyrics of a song by Lenine, "*Paciência*", aiming to explore the intersection between art and the scholar-scientific knowledge that arise within several live transmissions.

Keywords: Live transmissions. Covid-19. Culture. Education. Life.

¹ Docente da Universidade Santa Cecília. Doutorando em Educação (Unicamp), Mestre em Educação (UFSCar), Especialista em Ética, Valores e Cidadania na escola (USP), historiador e pedagogo. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Diferenças (Impróprias - UFMS) e Coordenador da Linha de Pesquisa SUBJETIVIDADES - gêneros, sexualidades e diferenças (Unisanta). Suas áreas de pesquisa são: relações de gêneros, sexualidades e diferenças na escola e seus consequentes processos de subjetivação. São Paulo - SP - Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1608-4363>. E-mail: tassioacosta@gmail.com.



1. Uma outra Introdução

Enquanto todo mundo espera a cura do mal. E a loucura finge que isso tudo é normal. Eu finjo ter paciência
(LENINE, 1999)

Com base no convite para a produção de um ensaio mais livre e desimpedido, uma narrativa possível-, para este dossiê provocativamente intitulado de *(In)cômodos*, muito me perguntei sobre como conseguiria sistematizar os atravessamentos que vêm marcando meu corpo e minha subjetividade neste momento de quarentena e forte movimento anti-ciência.

Estas duas vivências, as quais aqui cunho enquanto *experiências de vida*, são novas para a minha geração, nascida durante a década de 80 e, portanto, pós-ditadura militar (1964-1984), com a Constituição Federal (1988) promulgada, o Real enquanto moeda relativamente segura internacionalmente (1994) e com grande investimento na criação e expansão de universidades e institutos federais (2002-2014). Esses acontecimentos marcam cronologicamente períodos específicos, cada qual em uma década, produzindo um marco histórico, uma *singularidade*.

Entretanto, durante a década de 2010, após uma série de rupturas institucionais com a midiaticização da Lava-Jato, as Jornadas de Junho de 2013, o Golpe de 2016 e a eleição do Presidente Jair Messias Bolsonaro em 2018, o país passou a experimentar a emergência de novos movimentos na contramão da ciência, como é o caso do movimento anti-vacina e a descrença na ciência em proporções globais que se tornou mais marcante e visível a partir da disseminação do novo coronavírus agora na década de 2020.

Enquanto os Estados adotam a quarentena como forma de minimizar o contágio e assegurar maior fluidez na gerência do risco de sobrecarga do sistema público de saúde pela alta demanda, o Governo Federal propagandeia o fim do isolamento social em nome da saúde financeira do país, mesmo que para isso a saúde de seus habitantes fique em risco. Prioriza-se os CNPJ em detrimento dos CPF (SAKAMOTO, 2020).

Na internet estoura uma guerra de narrativas, disputas de produções de verdade e propagação de *fake news*, onde as vidas aparentam não importar, sejam elas do espectro político da direita ou da esquerda. Ancorados no ódio e na intolerância materializados em ataques raivosos e cegos, a despeito da necessidade urgente de solidariedade e apoio emocional que todos apresentamos, e que parece ter deixada de ser prioritária no Brasil contemporâneo.

2. No meio dessa guerra informacional, os mortos

Com o intuito de ficarmos em casa e assim evitar maior disseminação



do vírus entre nossos pares, uma série de *lives* está sendo realizada: sertanejo, sofrência, funk, pagode, rock, MPB (Gil e Caetano já foram, esperamos esperançosos por Bethânia e Chico!!!), do Lula e do Bolsonaro, do Ciro e do Amoedo, até do Boulos, mais risonho, ocorreu. Felipe Neto *parou a internet* ao participar do programa Roda Viva (RODA VIVA..., 2020)², participação que fez surgir uma nova discussão: será que ele realmente se arrependeu dos ataques raivosos que fazia contra a esquerda (principalmente contra o PT) ou apenas está surfando na onda dos ataques contra o bolsonarismo? Enfim, as *lives* nos entretêm e ocupam nosso tempo com discussões, debates e uma forma de lazer em isolamento.

Dentre todas estas *lives*, nunca antes na história desse país uma imensa quantidade de professores se fez presente no debate público direto, para além dos muros universitários e artigos publicados. Explicam temas desconhecidos ou pouco entendidos por parte da sociedade em geral, promovem debates com outros professores e se mostram mais humanos. As *lives* democratizaram o acesso ao ensino de qualidade pelo qual há décadas lutávamos.

De um lado, as transmissões de *lives* mostram-se positivas porque atingem àqueles que há tempos propagam má-fé perante a produção de conhecimento no contexto acadêmico público, tão perseguido, acusado e que, nas palavras do ex-Ministro da Educação Abraham Weintraub, promovem balbúrdias, plantações de maconha e produção de drogas sintéticas, discurso que se soma a ataques do próprio ex-Ministro contra reitores das universidades públicas, em seu *Twitter*³ (AGOSTINI, 2020)

O rol de benefícios é visível nestas *lives* acadêmicas por caminhar na direção da popularização do conhecimento acadêmico-científico através da internet, de maneira informal e mais aberta. Por outro lado, reflito aqui neste trabalho em tela, sobre como somos cobrados a dar uma resposta imediata para a sociedade por meio destas mesmas *lives*. Em tempos pandêmicos, como lidamos com a nossa saúde mental frente a tamanha cobrança?

Tal qual a importância das artes musicais enquanto forma de entreter as pessoas, como vimos nas *lives* de cantores dos mais variados estilos, as *lives* acadêmicas também têm a sua importância: informar e construir entendimentos outros perante o que vivemos no momento atual.

Será, portanto, a partir desta pergunta-problema, sobre a nossa saúde mental em tempos pandêmicos e as demandas sociais por *lives*, que buscarei pensar um pouco em nossa situação atual, nas demandas cotidianas e nas cobranças em promover uma resposta aos anseios da sociedade em geral, num momento em que muitos estão em suas casas e preocupados com o alastramento incontrolável do coronavírus. Afinal de contas, vivemos um momento de grande aflição marcando nossas subjetividades.

² Programa foi ao ar no dia 18 de maio de 2020. Ver Neto (2020a).

³ Os tuites (posts feitos na plataforma digital) foram apagados, embora sejam facilmente localizados em matérias jornalísticas, mas a fonte primária não é mais possível referenciar.



3. Ou um desenvolvimento

Será que é tempo que lhe falta pra perceber
Será que temos esse tempo pra perder
E quem quer saber
A vida é tão rara (tão rara)
(LENINE, 1999)

A cada passar de semana nos deparamos com números cada vez maiores de pessoas que se infectam ou falecem em decorrência do coronavírus. Chegamos à marca de cento e vinte e cinco mil mortes!⁴ Por trás dos nomes, há pessoas, parentes, amigos, profissões e sonhos interrompidos abruptamente. Padecem as almas, os corpos, a coragem. Nos enlutamos, nos calam, ficamos atônitos.

Com esse aumento exponencial do número de infectados e vitimados, e as recomendações cada vez mais expressas por uma ampliação do isolamento social, precisamos buscar possibilidades de resistências para nos acalantar. Contamos com a sorte de artistas e intelectuais promoverem *lives* que nos distraiam com as suas músicas, seus estudos, perspectivas e teorias. Tais quais uma fênix, tiram força de lugares até mesmo desconhecidos para nos propiciar um momento de proximidade, de empatia, de afeto. De paz.

Quando o arquiteto Oscar Niemeyer (2007) afirmou que *a vida é um sopro*, pouco associamos ao nosso cotidiano, principalmente porque a frase veio de alguém centenário. Como podemos associar a vida ser rápida, um sopro, quando o seu autor morreu há poucos dias de completar cento e cinco anos? Dificilmente olharíamos para as nossas vidas imaginando que elas também poderiam ser um sopro. Mas são.

Será que fizemos tudo o que deveríamos, o que gostaríamos e ansiamos? Será que nossos objetivos pessoais foram cumpridos e nos sentimos realizados ao olharmos para trás e assistirmos às nossas práticas?

Ah! Quando essas perguntas – muitas vezes sem respostas – nos rondam, logo podemos nos lembrar de Chico Buarque (1993) cantando *Futuros Amantes* onde, em suas duas primeiras linhas do primeiro verso inicial, afirma: “não se afobe, não; que nada é pra já...”. Seria melhor aceitarmos as condições das vidas, as suas descontinuidades e suas fugas?

O icônico Renato Russo (1986), outro cantor e letrista que nos ajuda a pensar os tempos pandêmicos que vivemos, na última linha do primeiro verso de *Tempo Perdido*, com a sua Legião Urbana, lembrou-nos que “temos todo tempo do mundo” e, por isso, temos condições de olharmos para as nossas práticas e repensarmos nossas atitudes. Entende-se aqui, portanto, que a pandemia do novo coronavírus atravessou nossos corpos e produziu novas subjetividades, não melhores e nem piores, apenas outras. Será que devemos no afobar por não termos mais todo tempo do mundo? Não sei mais.

⁴Dados consolidados no momento do envio final do artigo, dia 4 de setembro de 2020.



O filósofo alemão Friedrich Nietzsche (2008, p. 421) pontuou que “temos a arte para não morrer perante a verdade”, uma vez que a realidade tal qual se apresenta para nós é o resultado de todas as relações de poder que temos em nossos cotidianos, atravessando em meio a produção do saber e produzindo, assim, corpos disciplinados e normatizados, mas também corpos que resistem e escapam. Ao mesmo tempo, reconhece-se na própria arte o seu grau de agenciamento e de governmentação, uma vez que a arte está dentro de uma dada sociedade e ela tem seus valores, suas referências.

Se todos somos governados, por que não nos tornarmos corpos ingovernáveis? Se a relação do saber e poder busca produzir corpos disciplinados, por que não nos tornarmos indisciplinados? Em tempos pandêmicos, onde produzimos *relações outras*, será esse um grande momento para pensarmos as nossas ações, as nossas práticas e assim produzirmos *modos outros de viver? Estéticas outras de vida?*

Como se pode ver, estou construindo um amplo arsenal de perguntas que não tenciono responder aqui, mesmo porque não é possível obter tais respostas em meio às produções que dispomos, estamos no momento presente, no gerúndio e com nossas vidas sob riscos. Estes questionamentos são frutos do tempo histórico em que vivemos, neste presentíssimo, nesta história imediata, e só conseguiremos pensar em respostas possíveis a partir do nosso cotidiano – ou daquilo que entendíamos enquanto tal e muito provavelmente estará diferente quando saímos de nossas casas e retomarmos aos nossos trabalhos, às rodas de amigos e encontros familiares e nos depararmos com uma outra sociedade, pós-coronavírus.

Um fato é incontestável para todos nós: a vida que levávamos anteriormente não existirá mais. Podemos nos tornar mais solidários com nossos pares ou até mesmo ainda mais individualistas, sem nos preocuparmos com o outro – uma vez que este outro deixou de se fazer presente em nossos cotidianos de isolamento e passou a ser números estatísticos de recuperados, infectados e mortos. Mas, ao mesmo tempo, pode ser que, em virtude deste mesmo período de isolamento, nossos corpos sintam a necessidade de outros corpos, de uma retomada maior do contato físico e que redes de solidariedades sejam construídas. Estas duas pontas da mesma corda podem se fazer presentes no mundo pós-pandêmico. Não me arrisco ao exercício de futurologia, a internet é voraz em remoer o passado para atacar o presente, mesmo que para isso descontextualize ou direcione a interpretação ao seu interesse; o importante é o ataque em troca dos *likes*.

Imaginávamos que as relações sociais mudariam com a retomada de uma tentativa de normalidade, mas o que vimos na França, país fortemente atingido pelo coronavírus, foi exatamente o oposto. Cidadãos formaram filas nas lojas de departamento e de eletroeletrônicos como a *Zara*, *Fnac* e *Primark* para consumir (DÉCONFINEMENT en..., 2020). O mesmo ocorreu em um shopping de Blumenau, região Sul do Brasil, onde os consumidores



foram recebidos com salva de palmas dos trabalhadores do estabelecimento comercial ao som de um saxofonista, muito nos lembrando a cena final do Titanic (SHOPPING DE BLUMENAU..., 2020). Conforme destacado em matéria do Universo On-Line (LOPES, 2020, texto eletrônico), “em meio a aberturas, Sul vê casos de coronavírus subirem 86% em uma semana”.

Se de um lado a economia agradece com tais suspiros de retomada de circulação de capital, ao mesmo tempo nos indagamos sobre a intensidade de mudanças que o coronavírus produz em nossas subjetividades. Ora, será que com todo esse caos social as pessoas passaram a pensar ainda mais em si mesmas e em comprar produtos para ocupar seus espaços vazios internos como cabides sem roupas?

Sem dúvidas devemos recuperar Nietzsche (2008, p. 421) com a já citada frase “temos a arte para não morrer perante a verdade”, pois, pelo visto, a verdade “esfregada em nossos rostos”, com as filas nas portas das unidades francesas das lojas *Zara*, *Fnac* e *Primark*, podem nos indicar que o individualismo se fará ainda mais presente em nossas relações interpessoais. Tomara que eu esteja errado e nos tornemos mais solidários, ao menos aqui, banhados no calor dos trópicos.

Como já pontuado, buscar produzir respostas frente às necessidades da sociedade e tentar pensar em novas possibilidades sociais em meio ao caos pandêmico é uma tarefa árdua – e quase impossível –, mas o convite a pensar a questão e conseqüentemente produzir este trabalho não pode ser negado, sobretudo em tempos atuais, quando também estou trancado em meu apartamento há sete meses, e contando...

Na edição passada deste mesmo periódico, intitulada *Narrativas em disputa: as políticas públicas brasileiras entre continuidades e descontinuidades*, uma série de artigos foi publicada para debater os problemas atuais. Atente-me aqui ao seu editorial, onde o [comb]ativo comitê editorial pontua que “essa pandemia vem, assim, escancarar a miséria, as desigualdades, as insuficiências, as falas descabidas, a indignação. Vem escancarar - e também reforçar - um não futuro, dilapidando as utopias e os horizontes imaginativos” (ÁSKESIS, 2019, s/p). Se a vida é um sopro, quando suspiramos?

Cada uma busca, à sua maneira, uma forma de suspirar, de acalantar suas almas em tempos pandêmicos de isolamento. Obviamente, as empresas também aproveitam desse momento para faturar alto promovendo *lives* patrocinadas – mas isso é um outro ponto em que não me detenho aqui, mas que vale a pena pontuar. Buscarei, nesta rota final de escrita, pensar sobre como nos adequamos e acionamos mecanismos de compensação para o bem de nossa saúde mental.

Quebras de paradigmas foram vivenciadas por todos nós. O musicista Roberto Carlos, com seu amplo histórico de Transtornos Obsessivos Compulsivos (TOC), superou muitas dificuldades e realizou *lives* quebrando tradição e recomendando um isolamento radical (ROBERTO CARLOS..., 2020),



o rapper Emicida mandou ‘um salve’ para Gabriela Pugliesi por ter realizado uma festa durante a quarentena e afirmou que ela ‘lançou tendência’, após, no casamento de sua irmã, diversos casos de coronavírus serem confirmados (EMICIDA MANDA..., 2020). Já Taís Araújo e Cátia Vieira, representante do Fórum Nacional de Mulheres Negras, preocupadas com o aumento exponencial da violência doméstica durante a quarentena debateram o problema (ARAÚJO, 2020). O músico Lô Borges, pertencente ao Clube da Esquina afirmou que o “isolamento vertical é uma roupada desse irresponsável que está no comando do país” (LÔ BORGES CRITICA..., 2020, texto eletrônico).

No sentido oposto, Marcelo Marcus Fonseca, fundador do Teatro de Incêndio, de São Paulo, criticou⁵ as *lives* e vídeos produzidos por artistas interpretando textos clássicos durante a quarentena, uma vez que, para ele, realizar leitura de texto clássico produz um despropósito perante a produção original de um determinado autor. Recomenda, ainda, caso o ator de fato queira interpretar um texto, que produza o seu próprio, mais específico, não utilizando algo já existente e que requer meses de ensaio, conforme pontuado por ele.

Felipe Neto, no dia 9 de maio de 2020, publica, em seu *Twitter*, uma *vídeo-carta aberta para todos os artistas e influenciadores do Brasil* (NETO, 2020), rompendo institucionalmente com diversos artistas e influenciadores digitais brasileiros que se silenciavam frente ao Governo Bolsonaro após inúmeros ataques à democracia, a liberdade de expressão e terem participado de manifestação favorável ao AI-5, em abril do mesmo ano.

Professores universitários vêm produzindo um amplo acervo de *lives* para debater problemas diversos que afligem a sociedade: o projeto Somaterapia⁶ convida semanalmente nomes dos anarquistas brasileiros como Silvio Gallo, Margareth Rago e Salete Oliveira. O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP)⁷ promove debates com os professores sobre temas variados. A editora N-1 vem socializando textos de grandes nomes como Daniel Defert, Judith Butler, Jacques Rancière, Achille Mbembe, dentre outros.

Não há dúvidas. Enquanto nos recomendam evitar sair de casa e ter contato físico com outras pessoas, as *lives* entraram em nossas casas e passaram a fazer parte de nossos cotidianos. Sejam elas realizadas por professores ou artistas, mais bem estruturadas e profissionais ou mais amadoras e caseiras, artistas e intelectuais continuaram produzindo cultura e conhecimento combativos.

⁵ Ver Fonseca (2020).

⁶ O projeto recebe a descrição em sua *Fanpage* (página na plataforma *Facebook*) como “é um processo terapêutico-pedagógico, realizado em grupo e com ênfase na articulação entre o trabalho corporal e o uso da linguagem verbal” (SOMATERAPIA, 2020, texto eletrônico).

⁷ O IFSP vem mantendo um canal na plataforma *Youtube*, com endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/user/ifspoficial>.



4. Ou uma conclusão

Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma. Até quando o corpo pede um pouco mais de alma. Eu sei, a vida não para (LENINE, 1999)

A partir do convite para a escrita de um ensaio mais livre, plural, possível, busquei aqui construir uma análise do contexto atual em que vivemos. Incerto de ter construído uma linha argumentativa num espaço de tempo tão curto, rápido e dinâmico, em que aquilo que vivenciamos ontem não existe mais e o que pretendemos fazer amanhã, talvez não ocorra porque pode nem mais existir, seja porque o responsável pela *live* possa estar contaminado ou porque pode ser atacado pelo Gabinete do Ódio anti-cultura e anti-ciência e/ou pelo tribunal inquisitorial da internet, atentos ao seu 'primeiro deslize'.

Valorizo a iniciativa de artistas em geral, de todas as múltiplas expressões, por suas produções culturais e compartilhamento de suas impressões de mundo atravessadas pelas letras e arranjos musicais, pelas cores dos pincéis e pela perspectiva de quem vê rimas, sons e cores num contexto pandêmico, opaco.

Valorizo também os inúmeros intelectuais que se dedicam a distribuir seus anos de leituras e escritas para compartilhar, por meio de uma câmera de celular e webcam do computador, seus conhecimentos de forma fácil e que possibilite maior comunicação para todos que assistem, sobretudo àqueles não participantes dos bancos acadêmicos e devotados às pesquisas.

Por fim, reconheço a importância das *lives*, ainda que estejamos num momento de grande desgaste emocional, e agradeço a todos aqueles que as realizam e nos acolhem em suas melodias e conhecimentos. Obrigado!

Câmera do celular aqui



Câmera do celular aqui



Referências bibliográficas

A vida não para não. A vida não para
A vida é tão rara (LENINE, 1999).

AGOSTINI, Renata. MEC cortará verba de universidade por 'balbúrdia' e já enquadra UnB, UFF e UFBA. **Estadão**, São Paulo, 30 abril 2020. Disponível em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-e-ufba,70002809579>. Acesso em: 21 maio 2020.

ARAUJO, Tais. Papo sobre violência doméstica com @clatiavieira. *In*: Taís de verdade, Rio de Janeiro, 21 maio 2020. 51m. Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/tv/CAd602zgMkx/>. Acesso em: 22 maio 2020.

ASKESIS. Carta às leitoras e aos leitores. **Áskesis**, São Carlos, v.8, n.1, s.p., jan./jun. 2019. Editorial. Disponível em: <https://www.revistaaskesis.ufscar.br/index.php/askesis/article/view/412>. Acesso em: 1 dez. 2020.

DÉCONFINEMENT en France : réouverture des commerces à Paris [S. l.: s. n.], 2020. 1 vídeo (1 min). Publicado pelo canal France 24. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dl4iQRKIAP0>. Acesso em: 22 maio 2020.

EMICIDA. [S.l.: S.n), 2020. 1 vídeo (1m). Publicado pelo canal Sente a pressão show. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sckq_3ZbzaA. Acesso em: 22 maio 2020.

FONSECA, Marcelo Marcus. Transmissão ao vivo. Facebook. 10 maio 2020. 7m 53s. Disponível em: https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=538103357097152&id=100026924773477. Acesso em: 22 maio 2020.

FUTUROS Amantes. [Compositor e intérprete]:Chico Buarque. *In*: Para todos. Intérprete Chico Buarque S.l, 1993. 1 Cd, faixa 9

LOPES, Nathan. Em meio a aberturas, Sul vê casos de coronavírus subirem 86% em uma semana. **UOL**, São Paulo, 20 mai. 2020. Coronavirus. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/26/sul-casos-de-coronavirus-semana-crescimento.htm>. Acesso em: 26 maio 2020.

LÔ BORGES critica Bolsonaro: Isolamento vertical é uma roubada desse irresponsável. **UAI**, Belo Horizonte, 16 maio 2020. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2020/05/16/noticias-musica,258463/lo-borges-critica-bolsonaro-isolamento-vertical-roubada-irresponsavel.shtml>.



Acesso em 22 maio 2020.

NETO, FELIPE. **Vídeo-carta aberta para todos os artistas e influenciadores do Brasil**. 9 maio 2020. Twitter: @felipe neto. Disponível em: <https://twitter.com/felipeneto/status/1259149884629925890>. Acesso em: 22 maio 2020.

NIETZSCHE, F. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Apresentação de Gilvan Fogel. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

OSCAR NIEMEYER. A vida é um sopro. Direção: Fabiano Maciel. Música: João Donato, Berna Ceppas, Kamal Kassim, Felipe Poli. [S.l.], 2007. color.(90min);

PACIÊNCIA. [Compositor e intérprete]: Lenine. *In: Na Pressão*. Intérprete Lenine, [S.l.], 1999. 1 CD, faixa 3 (4 min.)

SAKAMOTO, Leonardo. Covid: Elite vai ao STF mais preocupada com "morte de CNPJs" do que de CPFs. **UOL**, São Paulo, 7 maio 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/leonardo-sakamoto/2020/05/07/covid-elite-vai-ao-stf-mais-preocupada-com-morte-de-cnpj-s-do-que-de-cpfs.htm>. Acesso em: 21 maio 2020.

ROBERTO CARLOS quebra tradição em 2ª live e defende isolamento "radical". **UOL**, São Paulo, 10 maio 2020. Entretenimento. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2020/05/10/live-roberto-carlos-quarentena-dia-das-maes.htm>. Acesso em: 22 mai. 2020.

RODA VIDA/ Felipe Neto | 18/05/2020 [São Paulo, s.n]. Publicado pelo canal RodaVida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac>. Acesso em: 22 maio 2020.

SHOPPING DE Blumenau reabre após o governo de Santa Catarina autorizar; [S.l, s.n], 2020. 1 vídeo (1 min.) Publicado pelo canal **UOL**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NoBYGDJoGhc>. Acesso em: 26 maio 2020.

TEMPO perdido. [Compositor e intérprete]: Renato Russo. *In: Dois*. Intérprete Renato Russo [S.l.], 1986. 1 disco vinil, lado A, faixa 6 (5 min).

Agradecimento em especial ao Gabriel Silva Xavier Nascimento pela correção gramatical do texto em tela.



Como citar este artigo:

ACOSTA, Tassio. Mesmo quando tudo pede um pouco mais de calma, até quando o corpo pede um pouco mais de alma... a live não para. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 51-61, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.473>

Data de submissão do artigo: 28/05/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



O conservadorismo não entra em quarentena: novos avanços e rumos da “ideologia de gênero” na Educação

Edimauro Ramos¹
Mariana Bruno Pinto²

Resumo: Este ensaio visa problematizar os novos rumos do factóide da “ideologia de gênero” que teve um novo enfoque no Brasil em meio à pandemia do novo coronavírus (*Covid-19*). Em maio de 2020 veio a público um Projeto de Lei nº 2758/2020 redigido pelo deputado Filipe Barros, filiado ao Partido Social Liberal (PSL/PR), no qual se reivindica que o gênero seja sinônimo de sexo biológico. Tal fato é inconstitucional e retrógrado em relação aos direitos conquistados pela comunidade LGBTI+, sobretudo pela comunidade trans. Com isto, olhando para o operar da tramitação desse *slogan*, pretende-se, neste ensaio, debater sobre a influência do Projeto nº 2758/2020 e de seus intuitos na Educação brasileira, bem como sobre os modos por meio dos quais seus subterfúgios instalam discursos, ofensivas antigênero e diferenciações.

Palavras-Chave: Ideologia de gênero. Educação. Projeto de Lei nº 2758/2020.

Conservatism doesn't come into quarantine: new advances and directions of “gender ideology” in Education

Abstract: This essay aims to problematize the new directions of the “gender ideology” factoid which had a new focus in Brazil in the middle of the new coronavirus (*Covid-19*) pandemic. In May 2020, a bill written by the Congressman Filipe Barros, affiliated to the Partido Socialista Liberal (PSL-PR) was made public, in which he claims that gender is synonymous of biological sex, which is unconstitutional and backward to the rights won by the LGBTI+ community, especially by the trans community. With this, looking at the operation of the processing of this slogan, the purpose of this essay is to discuss the influence of this project and its intentions on Brazilian education and how its subterfuges install speeches, anti-gender offensives and differentiations

Keywords: Gender ideology. Education. Bill nº 2758/2020.

¹ Pedagogo e pesquisador graduado pelas Faculdades Integradas de Itararé (Nova FAFIT). (Itapeva/SP) edimauroamos@hotmail.com.

² Mestre em História, Cultura e Identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professora (Itararé/SP) -ma.brunop@gmail.com.



1. A pandemia que revelou outras endemias sociais

O novo coronavírus tem descortinado muitas facetas de nossa sociedade e tem perpetuado mais desigualdades que atingem as camadas mais vulneráveis e invisibilizadas por esse sistema. Assim sendo, espera-se, no momento atual, que o governo, em contraste com seus encargos e responsabilidades, faça os devidos redirecionamentos para conter tanto os efeitos da pandemia quanto das demais endemias sociais que se legitimam por estruturas de poder conservadoras.

Sem escapar dos impactos da quarentena, a antidemocratização, por meio do ensino à distância, também se acentuou na Educação, fazendo com que alunos e alunas sem acesso aos recursos tecnológicos e sem acesso à internet sejam prejudicados, enquanto àqueles que dispõem dos mesmos para dar continuidade aos estudos o fazem normalmente. Um exemplo de tal impacto foram as campanhas para a realização do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) mesmo durante esse quadro pandêmico, que aconteceram no mês de maio. O exame, no entanto, foi adiado.

Em meio ao caos e incertezas em que o Brasil já se encontra, ofensivas antigênero pegam carona neste cenário e eclodem com mais força a fim de provocar outras mortes além daquelas causadas pelo vírus: mortes de vidas lésbicas, gays, bis, trans. O deputado Filipe Barros (PSL/PR) protocolou o Projeto de Lei nº 2758/2020 que exige e determina que o sexo biológico e suas estruturas cromossômicas devam caracterizar a noção e o significado de gênero no Brasil. Citando os estudos de Judith Butler, o deputado justifica que o termo tem sido utilizado de forma ambígua.

Sabe-se que a questão da “ideologia de gênero”, como discorre Junqueira (2019), eclodiu de maneira intensa no Brasil no campo da Educação por conta da exclusão dos termos gênero e orientação sexual dos Planos Educacionais Nacionais, Estaduais e Municipais. Assim, a escola, munida de discursos antigênero, passou a investir ainda mais em processos de subjetivação em seu espaço e em suas práticas. Tal *slogan* pretende “[...] renaturalizar a ordem social, moral e sexual tradicional e apontar como antinaturais crenças, ideias ou atitudes que contrariem essa ordem” (JUNQUEIRA, 2019, p. 129). A referida ideologia tem demonizado e criminalizado docentes que vislumbram e incorporam debates de gênero em suas aulas e escolas e, por outro lado, tem deslegitimado a vida de alunos e alunas LGBTI+.

Desta forma, para além dos efeitos epidemiológicos que a pandemia tem expressado, vemos que essas e muitas outras retóricas antigênero também têm se alastrado de maneira endêmica, transbordando em um momento importuno com a finalidade de impedir que instituições, como a escola, promovam possibilidades para acolher essas dissidências. Não obstante, observa-se, também, que abordagens interseccionais entre gênero, classe e raça não estão imunes às fragmentações decorrentes da pandemia e do isolamento.



Ao falar de gênero nesse panorama pandêmico não podemos ignorar, também, o aumento da taxa da violência doméstica no Brasil durante o isolamento: cônjuges têm agredido e exercido poder sobre suas esposas no confinamento. Tais condutas são uma das respostas aos reforços dos ditames de gênero orientados, também, pela defesa de masculinidades hegemônicas que são sustentadas por instituições e discursos que defendem e naturalizam essas condutas como instintivas. Com isto, nota-se que essas linhas de poder e o conservadorismo se recusam de entrar em quarentena, ou seja, não cessam até a que a tormenta da falaciosa “ideologia de gênero” se espalhe em sua completude nos céus da sociedade.

Conforme expõe Duarte (2020), observamos diante do distanciamento social e da quarentena a ineficácia e a precariedade das lideranças políticas, situação que abre espaço para reflexões e críticas sobre suas omissões. Neste quadro pandêmico no qual nos encontramos, vemos que sujeitos LGBTI+ e demais identidades de gênero que subvertem os binarismos têm suas vidas e corpos ameaçados e em estado de crise. Isso atinge suas dimensões sociais, econômicas e trabalhistas, sem citar as diversas implicações educacionais (DUARTE, 2020).

Neste momento tão desafiador que desperta exercícios reflexivos, com a pandemia como pano de fundo, buscaremos ponderar, por meio deste ensaio, sobre como a proposta do Projeto de Lei nº 2758/2020 vem acentuar, ainda mais, posicionamentos conservadores que se respaldam em uma ideologia inexistente que tem se alastrado no campo da Educação. Contrastando tal panorama aos ataques aos gêneros e às sexualidades dissidentes na escola, bem como aos ataques aos docentes que lutam para fomentar tais problematizações, vislumbramos que um Projeto de Lei desse porte promove nada menos do que a essência de filosofias nefastas e das tecnologias de gênero que assombram o cenário político e educacional brasileiro.

2. O Projeto de Lei nº2758/2020: ataques e rumos da “ideologia de gênero” na Educação

O deputado Filipe Barros (PSL/PR), enuncia no Projeto de Lei nº 2758/2020 que:

Nas últimas décadas o termo ‘gênero’ tem recebido significados múltiplos, provocado grandes confusões no campo legislativo e favorecido grupos de pressão hostis à instituição da família. Convém, portanto, especificá-lo no texto da lei, de modo a não permitir que o mesmo seja usado intencionalmente de forma ambígua, deturpando os autênticos propósitos dos legisladores quando o invocam (BRASIL, 2020, texto eletrônico).

Citando Butler (2003), filósofa que ratifica a ideia de independência de sexo ao gênero e seu caráter polissêmico, o deputado critica a obra da autora



e os usos pós-estruturalistas por ela atribuídos ao termo. Para ele, o gênero é e deve ser equivalente à seguinte equação: sexo = gênero.

O Projeto de Lei nº 2758/2020 ganhou destaque não apenas por ser inconstitucional e por reviver a tensão antigênero na sociedade – algo recorrente em projetos de lei dessa natureza – mas sim por não dar prioridade ao *script* e às agendas políticas em prol do combate à *Covid-19*. Há desvio do foco da pandemia, dado que o deputado opta por deixar de lado os dados alarmantes de mortes e infecções que têm elevado o país quase ao topo das estatísticas relacionadas à *Covid-19* no mundo.

Por outro lado, e não menos importante, o Projeto de Lei Projeto de Lei nº 2758/2020 é retrógrado em relação aos direitos conquistados pela comunidade LGBTI+, e sobretudo aos direitos conquistados pela comunidade trans³. Vale lembrar que o Brasil é o país que mais assassina pessoas trans, seja por violência ou pela morte e invisibilidade social, claramente elucidadas pelo Projeto de Lei nº 2758/2020. A reação ao projeto por parte do público e de ativistas LGBTI+ foi marcada por grande indignação. Erika Hilton, pré-candidata à vereadora pelo PSOL/SP e ativista dos Direitos Humanos, por exemplo, foi uma das figuras que usou as redes sociais para expressar que é inadmissível que um projeto segregacionista como este seja apresentado em meio a uma pandemia.

Diante disso, sabe-se que o avanço da “ideologia de gênero” tem assombrado a educação brasileira há algum tempo, de modo que esse Projeto de Lei e mais dispositivos retóricos podem instalar ainda mais o caos nesse cenário. Livros infanto-juvenis foram confiscados e vieram a público acompanhados de discursos antigênero que vetaram pautas e reflexões sobre gênero em seus enredos, bem como as mídias que viabilizaram e ainda viabilizam o desatrelamento entre sexo, gênero e sexualidade também foram banidos. Porém, os focos não são precisamente esses artefatos, mas sim os sujeitos inseridos nesses meios.

Além desses ataques, declarações públicas tiveram palco para expressar o repúdio em torno de tais pautas, reforçando que elas não deveriam, em hipótese alguma, figurar nos documentos educacionais a fim de instalar ditaduras e regimes *gayzistas*, feministas e comunistas, segundo os defensores antigênero. Tal *slogan* foi se multiplicando e organizando estratégias para figurar nos mais diferentes artefatos da política educacional brasileira (PARAÍSO, 2016).

Como foi exposto, sabe-se que a “ideologia de gênero” não é uma discussão atual, já que é uma retórica que vem se estendendo desde a década de 1990 (JUNQUEIRA, 2019). Nesses embates, o *slogan* já figurou muitas deliberações nos setores religiosos, sociais e educacionais e, durante esses anos em que avança, as instâncias religiosas e conservadoras detêm, em seus discursos,

³ O termo trans abrange identidades múltiplas: travestis, transgêneros, homens e mulheres trans.



diferentes estratégias de fazer com que essa fantasmagórica ideologia não “desmoralize” ou “desvirtue” as famílias, os jovens e crianças.

Além dos arautos religiosos que ainda tendem a alertar sobre a suposta ideologia, tais pressupostos retóricos para o combate à “ideologia de gênero” têm mobilizado demais esferas sociais para que não esqueçam do binômio sexo-gênero e façam o reforço dele por meio de ofensivas que deslegitimem outras possibilidades. A escola e o currículo não escaparam de tais embates: entre os anos de 2014 a 2017 houve grandes e movimentadas deliberações nesse campo. No percurso atual, a “ideologia de gênero” tem tido momentos de destaque nas agendas e discursos do Presidente da República e da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos: ambos repreendem veementemente quaisquer menções ou referências à “ideologia de gênero” e tratam de sua dizimação como uma “urgência”.

O Projeto de Lei nº2758/2020 é uma das últimas armas que, mesmo sem fazer menção direta à “ideologia de gênero”, mostra ao que veio, sobretudo se ampliarmos o campo de visão à educação brasileira e tudo o que já foi pesquisado sobre esse sintagma e as suas falseabilidades. Tal dispositivo reacionário pode colocar todas as pesquisas já realizadas e em andamento em risco de retrocesso, fazendo com que a normalização, a diferenciação e o ordenamento ajam com mais rigor (PARAÍSO, 2018).

O contexto das práticas educacionais vivenciado na contemporaneidade tem acentuado as desigualdades presentes nesse sistema e, ao observar iniciativas como a do deputado pertencente a bancada do PSL, fica evidente a urgência do debate sobre o papel da discussão de gênero no currículo escolar brasileiro. Com isto, cabe compreendermos que a pedagogia não se resume a um conjunto de habilidades e técnicas de aprendizagem, mas sim um discurso construído historicamente, socialmente e culturalmente (SOUZA, 1999). Diante desse debate, cabe o questionamento sobre a forma como as questões de gênero são inseridas nas práticas educacionais, ou seja, de que forma a escola tem sido espaço fundamental na construção da identidade de crianças e adolescentes e sido reflexo de ideologias hegemônicas que permeiam o imaginário social.

A filósofa Marcia Tiburi (2018) observa que no interior das instituições de educação há, por exemplo, a prevalência de discursos que enfatizam a mulher como “rainha do lar” em datas comemorativas como o dia das mães. E o que a permanência de tais falas podem explicitar? Tais experiências pedagógicas demonstram a existência de práticas e discursos que seguem aprisionados às ideias essencialistas da divisão de papéis de gênero fixos. Homens e mulheres, nestas práticas e discursos, têm suas identidades ligadas ao sexo biológico excluindo todos aqueles que fujam de papéis estabelecidos socialmente. Amordaçadas pelas noções essencialistas de gênero, como o referido Projeto de Lei nº2758/2020 e demais mecanismos, tais reforços expressos por esta ideologia vêm reafirmar que práticas pedagógicas acríticas e impeditivas são



meios mais seguros para deslegitimar as identidades dissidentes.

Recorrendo a Stuart Hall (2006), é possível observar que a construção das identidades ultrapassa os papéis sexuais essencialistas, pois a mesma é construída cultural e socialmente, sendo fruto de intersecções e diálogos estabelecidos pelos sujeitos nas diversas dimensões de sua existência. Então, como é possível que a educação tente estabelecer papéis rígidos na formação de jovens e crianças? Ao compreendermos que não só os documentos orientadores da Educação, mas também os projetos de lei construídos podem afetá-la, vemos que os mesmos são práticas discursivas carregadas de interdições e que revelam não apenas o desejo, mas também aquilo que é objeto do desejo (FOUCAULT, 1996).

Fica evidente, então, que a exclusão promovida pelos debates sobre gênero ou mesmo o seu uso essencialista são corporificações de um pensamento que excluí, socialmente, sujeitos dos espaços da Educação. Isso se dá pelo estabelecimento de estereótipos binários que não consideram a existência daqueles que não obedecem aos padrões estabelecidos. Aqueles que são vistos como sujeitos desviantes têm seus direitos fundamentais negados, entre os quais está o direito a uma educação plural, crítica e democrática. Assim, faz-se necessário ressignificar os discursos em torno da Educação tidos como campos de disputa de poder (FOUCAULT, 1996). Isso porque as instituições escolares têm papel determinante na construção de uma pedagogia plural e aberta que compreenda a existência de sujeitos que não obedecem à imposição binária, visto que a ofensiva antigênero entra em conflito com a oferta de uma educação de qualidade (JUNQUEIRA, 2019).

Torna-se evidente que a “ideologia de gênero”, em contraste com o Projeto de Lei nº2758/2020 arquitetado por Filipe Barros, deputado do PSL, configura-se como mais um dos mecanismos estruturados para invisibilizar subjetividades insubmissas às balizas de gênero. No tocante à escola e às práticas pedagógicas, constata-se que se o Projeto de Lei nº2758/2020 for aprovado, o mesmo servirá de combustível para o aniquilamento de identidades LGBTQIA+ e demais indivíduos que sacodem a normatividade.

Encarando o cenário atual catastrófico que perpassa toda sociedade por conta do coronavírus e das desigualdades ampliadas nesse tempo, vemos que uma iniciativa como a do Projeto de Lei nº2758/2020 pretende desviar o foco. Utilizam este momento para dar sequência ao processo de deslegitimação de lutas e direitos de sujeitos que estão a um passo de perdê-los em meio ao quadro pandêmico. Sem dúvidas, essa iniciativa afetará a educação e fomentará ainda mais os discursos e percursos da “ideologia de gênero” nesse âmbito.

Assim, não compete apenas aos sujeitos diretamente afetados por tais regimes de exceção a demanda de que sejam garantidos os direitos prescritos. A mobilização e a insatisfação por parte da sociedade são importantes para que figuras como o deputado Filipe Barros reconheçam que existem vidas para além de binarismos, binômios, trinômios e afins. No que tange à Educação,



cabe manter atenção às estratégias e discursos que transitam e buscam se infiltrar nas práticas educacionais para afastar subjetividades não normativas do horizonte das possibilidades.

Enquadrar os sujeitos aos moldes das expectativas biológicas e apelar para a Biologia como norte inquestionável para tais estabelecimentos corrobora para a limitação de outras existências e experiências às zonas de poder e demarcações das fronteiras de gênero, além de provocar a exclusão de corpos que provocam instabilidades a tais limitações. Falar, problematizar e provocar deslocamentos sobre a importância desses debates nos espaços educativos e em quaisquer espaços sociais parece ser o caminho mais eficaz e viável para combater e provocar o desmonte das sequelas dessa ideologia perversa. Que sejamos contra a “ideologia de gênero” e suas faces manipuladoras, mas que percebamos, também, quem são os agentes que a propagam.

Referências bibliográficas

BRASIL. Câmara dos Deputados. **Projeto de Lei 2758**, de 12 de maio de 2020. Determina que tanto o sexo biológico como as características sexuais primárias e cromossômicas definem o gênero do indivíduo no Brasil. Câmara de Deputados, Brasília, 2020. Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1892753. Acesso em: 15 mai. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Vidas precárias e lgbtqifobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. **Associação de Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora – APESJF**, Juiz de Fora, 18 maio 2020. Disponível em: <https://www.apesjf.org.br/vidas-precarias-e-lgbtqifobia-no-contexto-da-pandemia-a-necropolitica-das-sexualidades-dissidentes-2>. Acesso em: 06 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”. In: RIBEIRO, Marcos. (Org.) **A conversa sobre gênero na escola: aspectos conceituais e político-pedagógicos**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019. p. 125-136.



PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss3articles/paraiso.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2020.

PARAÍSO, Marlucy Alves. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy Alves; DA SILVA CALDEIRA, Maria Carolina (Ed.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.p. 23-52.

SOUZA, Jane Felipe de. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais: implicações para educação infantil**. Trabalho apresentado na 22^a Reunião Anual da ANPEd, Caxambu – MG, 1999. Disponível em: http://titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf Acesso: 12 jun.2020.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2018.

Como citar este artigo:

RAMOS, Edimauro; PINTO, Mariana Bruno. O conservadorismo não entra em quarentena: novos avanços e rumos da “ideologia de gênero” na educação. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 62-69, nov. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.499>

Data de submissão do artigo: 15/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Incômodos acomodados em cômodos

Mirila Greicy Bittencourt Cunha¹

Resumo: A escrita que se segue são memórias e ideias de dentro do movimento de se adentrar. Promoção do isolamento social a refletir sobre questões de gênero e colonização enraizadas, acomodadas aos nossos dias a causar incômodos e violências nos cômodos das casas.

Palavras-Chave: Isolamento social. Gênero. Colonização.

Nuisances accommodated in rooms

Abstract: The writing that follows are memories and ideas from within the movement to enter. Promotion of social isolation to reflect on rooted gender and colonization issues, accommodated to our days causing discomfort and violence in the rooms of the houses.

Keywords: Social Isolation. Genre. Colonization

Abram os cadernos, a aula já vai começar. Vou lhes ensinar a transformar vidas!

Mary Cavalcanti Ramos de Almeida (1964, São Caetano/PE – 2020, Caruaru/PE), 55 anos, vítima do novo coronavírus. In: inumeraveis.com.br

Ensaio. O próprio nome já deve revelar uma leitura outra, sem peso, pressão ou cobrança, como de fato deveria ser todo o conjunto acadêmico que por vezes se transforma em mais um modo colonial, corrompido e então reproduzidor de muito do que questiona. Aproveitando o momento atípico atual à revisão e ao repensar nas formas, nos modos e rumos “que queremos”, invisto num texto de leitura acessível. Como é o meu desejo para um verdadeiro diálogo e troca entre instituições escolares e sociedade. Da universidade com a comunidade. Esta, por não saber o que de fato se passa dentro “dos muros”, nas salas, corredores, laboratórios, bibliotecas, nos Polos, nos centros, nos grupos, nas cidades universitária, afasta-se, e assim, não apoia. A luta dos discentes, docentes, da educação, é enfraquecida, desamparada. Quem sabe a necessidade desenfreada por pesquisas para o atual foco COVID-19, não reabre outra possibilidade para o estreitamento desse laço tão importante e

¹ Doutoranda Ciências Sociais UFES/ES. Brasil. ORCID. <https://orcid.org/0000-0003-3274-0516>
E-mail mirila.greicy@gmail.com. Sou grata pelas considerações de pareceristas, editora e demais envolvidos que contribuem para meu aprimoramento. À ocasião da escrita do texto o espanto eram 46.679 mortes, hoje (27 de ago. 2020) são 117.665.



poderoso? Assim, parafraseando a fala de Ailton Krenak em entrevista (2020), o texto são memórias e ideias. Memória dos aproximados dez anos de estudo no ensino superior público e gratuito (graduação mais pós-graduação), como autorização a narrar uma história sobre o mundo que vivo, a partir do que aprendi junto às Ciências Sociais e Humanas na academia. E ideias, como possibilidades de produção de memórias.

Luto, para ele, era verbo.

Marcos Raimundo Silva Menezes (1962-2020, Manaus/AM)
58 anos, vítima do novo coronavírus. *In:* inumeraveis.com.br

Mesmo após o resultado, Donald John Trump à presidência dos Estados Unidos, eu segui confiando até o final das apurações dos votos do segundo turno, ainda hoje não acreditando que o presidente “do meu país” é Jair Bolsonaro. Incômodo contatado em efeito avalanche a cada novo dia através de notícias em que se é possível confundir quando são “fatos”, ou quando são as *Fake News*. E por que essa é a primeira memória ao se tratar da nossa atualidade? Porque hoje, no Brasil, dia 18 de junho de 2020, os dados estatísticos, conforme apresentação do consórcio G1, O Globo, O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e UOL,

atualizados às 8h desta quinta-feira (18) [são]:

- 46.679 mortes

- 960.640 casos confirmados

[...] Pelo 2º dia consecutivo, o país teve mais de 1,2 mil mortes registradas no período de um dia. É a 7ª vez que o número passa desse patamar desde o início da pandemia.

E tal quantitativo de vidas, não meramente números, não alcançaria tamanha proporção se medidas governamentais fossem outras.

Há mais de três meses em isolamento social, a “bagunça” nas casas parece ser permanente. Muitas atividades foram interrompidas, adiadas. Novas demandas chegaram. Outras muitas situações se transformaram. Casas, colocada no plural, pois, para além da casa física, estrutura em comum como o habitar junto aos familiares, há a junção de cinco diferentes “casas” particulares, como é o meu caso, em minha família. A palavra segue em aspas para a representação dos cinco seres humanos adultos, que retomam a convivência, apartada desde os anos da adolescência dos três filhos, com agora todos passados dos trinta anos de idade. São universos um tanto quanto distanciados, em uma estrutura até então tida como “de passagem”. A visita aos finais de semana à casa dos pais, espaçados conforme a agenda de trabalho permitisse, retorna a ser a nossa casa. Portas abertas assim como os braços e corações de um pai e uma mãe, que diante situação inusitada em seus mais de 70 anos de vida “nunca imaginável”, concorda em ser o melhor “enfrentarmos juntos”.

A medição do tempo passa a ser incômoda. Os cômodos necessitam de serem transformados a cada necessidade. A sala vira a academia na hora do



yoga. Em dias alternados aulas de canto, capoeira, sapateado, todos retomados conforme o resgate dos objetos após “uma geral na casa”. Assim como agora parece estar estampada a sabedoria do viver e de levar a vida, o dia pelo dia. Quantas coisas desnecessárias. Acúmulos acomodados que incomodam cômodos. Retêm ar, espaço, fluxo. O fluxo das compras foi totalmente alterado. As horas não são mais entre prateleiras, mas sim no *site* do único mercado da cidade a fazer entrega. O telefone passou a realizar a função ligar, um tanto quanto abandonada, para os pedidos que não possuem o aplicativo *WhatsApp* a disposição. Nunca se ouviu tanta buzina e gritos na rua de “eentregaaa”.

Após um primeiro momento que foi quase que uma satisfação por um descanso, reunião com os seus, enquanto o estado de choque ainda não permitia uma compreensão e leitura da realidade, quando o acompanhamento dos países europeus nos deixavam em suspensão ao que de fato nos acometeria, uma segunda sensação foi de descrença. O ciclo não oscilou. Os buracos que ainda não saltamos são sobre as mesmas questões desde a nossa origem: violência. E, como consequência, desigualdade. Ambas no plural: violências e desigualdades.

Lembro que um dos meus primeiros pensamentos quando foi decretado o isolamento social foi justamente a sociabilidade. Esta falsa convivência que o cotidiano da sobrevivência não nos permite nos conhecermos (a nós mesmos e quem dirá ao outro). A casa só é o nosso “lar, doce lar”, quando se é apenas para dormir. Após uma jornada de trabalho de dez horas ou mais, tempo em transporte público de quatro horas ou mais, e cinco horas ou mais de televisão. E, quando o “clima começa a esquentar” em casa, temos a alternativa de sair de casa, de dar uma volta “para esfriar a cabeça”.

E agora? Não há mais o sair de casa. Não há tantas horas em locomoção, dentro de transporte. Também como a cabeça tem que ser esfriada em casa. Tudo dentro de casa. Não tarde inicia-se compartilhamentos de mensagens de pais com suas crianças, reconhecendo o ofício dos professores, das creches, das escolas. Provavelmente situação de acúmulo de tarefas que não é novidade para muitas mulheres diante “os já estabelecidos papéis de gênero, onde às mulheres caberia o lugar de ‘cuidadoras’, de ‘donas de casa’, de principais responsáveis pelos domicílios e pelas famílias.” (MATOS, 2020, n.p.). Bem como estar em vulnerabilidade e risco, com consequências no aumento de divórcios, assédios, agressões, mortes, violências contra mulheres por seus conjugues – “conjugue”, na tentativa de uma palavra, ainda que casamento, contrato, união civil ou estável, matrimônio, mesmo que sem reconhecimento governamental, religioso, cultural, social, enfim, pois o significado de companheiro ou parceiro não cabe nessas situações.

Ou seja, o romantismo sobre o lar, a família, o casamento, fica desmascarado assim como a nossa permanente desigualdade sobre as relações de gênero. O lar se mostra um lugar de medo e abuso (COSTA, 2020) e questiono (2019, p. 161): “Seria um lugar, *o seu lugar* [para as mulheres], a



casa?”. ELAS, que morrem em suas próprias casas, por seus conjugues, são as “que estão agora mesmo na linha de frente do combate e do enfrentamento à COVID-19” (MATOS, 2020, n.p.). É a *feminização* da força de trabalho na saúde (MATOS, 2020; PISANE, 2020), semelhante também no Serviço Social e na Educação. Mas essa maioria no número de mulheres não estão nos principais postos de decisão e comando (MATOS, 2020; PISANE, 2020).

Quem cuida de quem cuida? Quem cuida das filhas e dos filhos de quem cuida? Quem cuida da casa de quem cuida?

Analisar o atual cenário é evidenciar nossa origem para quem ainda não (quer?) vê. Somos filhas e filhos da violência. Nascemos de ventres de cor e etnia violadas por “atos de agressão e desprezo” (CONDÉ, 2019, p. 16). Se o novo coronavírus chega ao país pela elite, por aqueles que possuem poder aquisitivo e que estavam em viagens internacionais a retornar ao Brasil, agora o vírus permanece em crescente contaminação no público onde já são concentradas outras violências, pela falta, pela desigualdade: a população negra. Não por acaso o mesmo grupo com menor poder aquisitivo. Negros e pobres.

O que a terça-feira, 17 de março de 2020, tem em comum com a terça-feira, 02 de junho de 2020, para além do dia da semana? A primeira data foi o dia de falecimento da primeira vítima da COVID-19 em nosso país. A segunda foi o dia de falecimento “do menino Miguel”, em aproximados três meses de isolamento social. A primeira vítima fatal do novo coronavírus era uma “trabalhadora doméstica, de 63 anos, que contraiu o vírus de sua empregadora que, apesar de apresentar os sintomas característicos da doença, recusou-se a dispensá-la” (PISANE, 2020, n.p.). Mirtes, mãe de Miguel, o deixou com sua empregadora pois “teve que ir passear com os animais de estimação da patroa”. Mulheres, negras e pobres.

A questão do Brasil segue sendo a colonização. Vinda por todos os lados, nos deixando sem ar, em alusão ao caso George Floyd que traz novo suspiro mundial para aqueles que sabem que o ar nunca foi puro, que a respiração nunca foi fácil. A linha vertical é sobretudo homem branco - mulher negra. Interação, raça, gênero e classe social, apontado pelo conceito *Interseccionalidade* (CRENSHAW, 1991).

A asfixia sobre nossos povos originários, indígenas e negros, fica em evidência e permanece sendo os dados que ainda não paramos para “exorcizar as dores, curar os traumas” (EVARISTO, 2019, p. 7). Mais do que navegar, é preciso atravessar as águas (CONDÉ, 2019). Para os termos em uso *infodemia* e *desinfodemia*, a proporcionar um tom de “guerra” e “fim do mundo” sobre a própria situação já caótica e inédita da pandemia, retomo o já citado Ailton Krenak (2019) que, segundo suas *Ideias para adiar o fim do mundo*, este, é mais um cenário. Os povos originários estão a mais de 500 anos vivendo “fins de mundo”.



Referências bibliográficas

A VULNERABILIDADE atinge especialmente negros e pobres. Campus e comunidade. **UFJF Notícias**, Minas Gerais, 20 mar. 2020. Disponível em:<https://www2.ufjf.br/noticias/2020/03/20/a-vulnerabilidade-atinge-especialmente-negros-e-pobres/>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

BEM ESTAR. Coronavírus. Brasil tem 46.679 mortes por coronavírus, mostra consórcio de veículos de imprensa. **Consórcio G1, O Globo, Extra, O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e UOL**, 18 jun. 2020. Disponível em:<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/06/18/brasil-tem-46679-mortes-por-coronavirus-mostra-consorcio-de-veiculos-de-imprensa-atualizacao-das-8h.ghtml>. Acesso em: 18 de jun. 2020.

CARVALHO, Daniel; URIBE, Gustavo. Coronavírus. Quem é de direita toma cloroquina, quem é de esquerda, Tubaína, diz Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 19 mai. 2020. Disponível em:<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/05/bolsonaro-diz-que-novo-protocolo-sobre-cloroquina-sera-assinado-nesta-quarta-feira.shtml>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelho em seu pescoço causa indignação nos EUA. News Brasil. **BBC Brasil**, 27 mai. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52818817>. Acesso em: 16 de jun. 2020.

CASO Miguel: Peritos vão novamente ao edifício onde menino morreu. Investigação. **Diário de Pernambuco**, Pernambuco, 08 de jun. de 2020. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2020/06/caso-miguel-peritos-vaio-novamente-ao-edificio-onde-menino-morreu.html>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

CONDÉ, Maryse. **Eu, Tituba: bruxa negra de Salem**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

COSTA, Patrícia Rosalba Salvador Moura. Violências contra mulheres em tempos de COVID-19. Boletim Especial **ANPOCS**, n. 10, 2020. Disponível em:<http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2321-boletim-n-10-violencias-contra-mulheres-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. 1991. Disponível em:<https://>



www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/. Acesso em: 15 de jun. 2020.

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt. Corpo feminino na dança e na rua: considerações sobre pontos de encontro na cidade do Rio de Janeiro. **PIXO**, Rio Grande do Sul, v.3, n.10, p. 160-173, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/view/16887/10870>. Acesso em: 13 jun. 2020.

INUMERÁVEIS. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br>. Acesso em: 17 de jun. 2020.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MATOS, Marlise. Pandemia COVID-19 e as mulheres. Boletim Especial **ANPOCS**, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2322-boletim-n-11-pandemia-covid-19-e-as-mulheres>. Acesso em: 14 jun. 2020.

PISANI, Mariane da Silva. O enfrentamento e a sobrevivência ao Coronavírus também precisa ser uma questão feminista! Boletim Especial **ANPOCS**, n. 11, 2020. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/ciencias-sociais/destaques/2323-boletim-n-12-o-enfrentamento-e-a-sobrevivencia-ao-coronavirus-tambem-precisa-ser-uma-questao-feminista>. Acesso em: 13 jun. 2020.

VOZES DA FLORESTA – A aliança dos Povos da Floresta de Chico Mendes a nossos dias. Direção: Thiago B. Mendonça. Produção: Memória Viva. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRTJIh1os4w>. Acesso em: 14 de jun. 2020.

Como citar este artigo:

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt. Incômodos acomodados em cômodos. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 70-75, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.510>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Covid-19 e desigualdade social: o que nos mostra a pandemia?

Aérica Figueiredo P. Meneses¹
Marta Fuentes-Rojas²

Resumo: O presente ensaio teve por objetivo refletir sobre a Covid-19 sob o contexto das desigualdades sociais. Fez-se aqui a utilização de indicadores sociais para pensar sobre como as condições de vida da população influenciam no enfrentamento da doença em questão. O texto também explorou o que nos mostra a pandemia em relação à temática proposta.

Palavras-Chave: Covid-19. Pandemia. Desigualdade social. Distanciamento social.

Covid-19 and social inequality: what does the pandemic show us?

Abstract: This essay aimed to reflect on Covid-19 in the context of social inequalities. Social indicators used to think about how people's living conditions influence in combating the disease in question. The text also explored what the pandemic shows in relation to the proposed theme.

Keywords: Covid-19. Pandemic. Social inequality. Social distancing.

1. Introdução

Considere a seguinte cena: Brasil, 20 de março de 2020. Tem-se o registro de 921 casos da Covid-19 (*Corona Virus Disease 19*) (BRASIL, 2020). A Organização Mundial de Saúde (OMS) havia caracterizado tal enfermidade como pandemia e, na Itália – epicentro das infecções na Europa –, o sistema de saúde entrava em colapso em algumas regiões, sendo registradas 627 mortes por Covid-19 em 24 horas. Dias antes, aquele país havia adotado medidas mais rígidas de distanciamento social para tentar controlar a disseminação do vírus (SÁ, 2020).

Naquela semana, no Brasil, alguns estados decretavam medidas para

¹ Psicóloga, mestra em Ciências Humanas e Social Aplicadas (Unicamp) e doutoranda em ciências da saúde (FMRP-USP). Brasília-DF, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3213-6848>. E-mail: aericafp@gmail.com.

² Psicóloga, mestra em Educação (Unicamp) doutora em Saúde Coletiva (Unicamp) e docente (FCA/Unicamp). Campinas-SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1759-4944>. E-mail: fuentes@unicamp.br.



conter o avanço da Covid-19, dividindo a opinião pública entre aqueles que concordavam e aqueles que discordavam de tais ações. No âmbito geral, as redes sociais forjavam o palco desses embates e davam o tom sobre o enfrentamento da questão que estaria por vir, além da própria pandemia: crise no sistema de saúde, polarização, negação, *fake news*, questões políticas e sociais, entre outras.

Também das redes sociais digitais partiu a mensagem que serviu de motivação para a presente reflexão sobre a Covid-19. Em um grupo de compartilhamento de mensagens – daqueles grupos de família com discussões polêmicas, mensagens duvidosas e diferentes manifestações –, naquela semana, tal enfermidade tornou-se o principal tema das discussões. Entre as várias mensagens, uma delas chamou a atenção: “Aqui tá uma briga. Eu falei um monte porque essas babás e faxineiras e pedreiros tem que sair do prédio. Estão usando nossos elevadores.” (sic) (INTERLOCUTORA A, 2020).

A interlocutora da mensagem – funcionária pública – estava trabalhando em casa, sem comprometer sua renda. Sua preocupação, naquele momento, era a ameaça do outro à sua saúde. Porém, esse outro não era o morador ou o visitante, era alguém específico, pertencente a algumas categorias profissionais que, ao circular no mesmo espaço social que ela, representava – para ela – um risco. Nesse ínterim, vale questionar: para aquela interlocutora, por que apenas essas categorias profissionais eram uma ameaça à sua saúde? Por que aquelas pessoas – as babás, as faxineiras e os pedreiros – não se encontravam também em suas casas em distanciamento social?

De fato, para essa cena, têm-se várias inquietações, bem como diferentes perspectivas de análise. A primeira delas envolve questões individuais que remetem à falta de empatia da interlocutora com o outro – no caso, as babás, as faxineiras e os pedreiros. Diante de algo tão grave como é o caso de uma pandemia, na mensagem, ela considera – de modo egoísta – apenas a sua saúde, não se preocupando com esses outros, que poderiam estar ali por necessidade financeira e por não poder ficar em casa sem comprometer a renda.

Outro caminho para analisarmos a cena em questão seria transcendendo os aspectos individuais e a postura pessoal da interlocutora para pensá-la sob uma perspectiva coletiva e social, questionando, inclusive, como as diferentes classes sociais são atingidas pela pandemia da Covid-19. Na cena, é possível perceber que a interlocutora e as categorias profissionais ali referidas estão em condições desiguais, dando-se, a partir dessas condições, o enfrentamento da pandemia. Debruçar-nos-emos, neste ensaio, sobre tal direção para refletir a respeito da Covid-19.

Vivemos em uma sociedade desigual, seja em condições de vida, seja em condições de oportunidades. Por vezes, tais desigualdades passam por um processo de naturalização e negação pela sociedade. Assim, temos aqui, como objetivo primaz, uma reflexão sobre a Covid-19 em um contexto marcado por desigualdades sociais. Trata-se de um ensaio teórico, que fez uso de dados de

indicadores sociais para pensar sobre o contexto que se insere a pandemia no Brasil e como as condições de vida da população influenciam no seu enfrentamento.

Diante do exposto, além da presente introdução, as linhas que se seguem apresentam mais três seções. Na segunda seção discorreremos sobre a Covid-19 e as principais medidas sanitárias de contenção da disseminação do vírus. Na terceira seção buscamos refletir sobre como as desigualdades sociais atravessam o enfrentamento da pandemia e impactam nas medidas de contenção da enfermidade em questão, bem como as ações governamentais de enfrentamento da pandemia, com destaque para os desafios enfrentados. Por fim, na última seção tecemos algumas considerações sobre o que nos mostra a pandemia da Covid-19.

2. A Covid-19 e as medidas sanitárias de contenção da pandemia

A Covid-19 é a sigla da doença causada pelo SARS-CoV-2 (*Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*) – vírus da família *Coronaviridae* – patógenos cujo alvo principal é o sistema respiratório (LAI *et al.*, 2020). Seus sintomas se assemelham com os sintomas de uma gripe, porém, sua manifestação clínica está associada a uma forma grave de pneumonia, ao passo que os óbitos se dão em decorrência de falência respiratória progressiva. No estágio mais grave, o paciente necessita de cuidados em Unidade de Terapia Intensiva (UTI) e uso de ventiladores pulmonares. Nesse ínterim, um aumento repentino de casos sobrecarregaria a oferta desse serviço. Logo, medidas são adotadas para reduzir o número de contágio, buscando evitar o colapso dos sistemas de saúde (ROTHAN; BYRAREDDY, 2020).

Os primeiros casos da Covid-19 foram registrados em Wuhan, China, em dezembro de 2019, e rapidamente o vírus se espalhou pelo mundo, reforçando a alta transmissibilidade do vírus e a velocidade das contaminações. A partir daí, observou-se um grande surto global, chegando a registrar, no dia primeiro de junho, 6.057.853 pessoas infectadas e de 371.166 óbitos acarretados por tal enfermidade no mundo (ROTHAN; BYRAREDDY, 2020; WHO, 2020). No Brasil, a chegada oficial da Covid-19 se deu em fevereiro, sendo o primeiro caso confirmado no dia 26 daquele mês. Após 100 dias, o país contabilizava 645.771 casos. Quanto aos óbitos, o primeiro ocorreu em 17 de março. Em 05 de junho, o país registrava 35.026 óbitos – quantitativo atualmente em franca ascendência (BRASIL, 2020).

Apesar dos esforços, até o momento não foram identificadas medidas efetivas de manejo clínico da doença e não se tem uma vacina contra a Covid-19 (LAI *et al.*, 2020). O que se sabe é que adoção de intervenções para controlar o surto – distanciamento social, quarentena e isolamento social³ – tornou-se

³Distanciamento social é quando se impõe restrições de interações sociais para reduzir a contaminação.



fundamental no controle da pandemia. Além disso, as autoridades sanitárias também recomendam a higienização das mãos, a limpeza de objetos e, mais recentemente, o uso de máscaras em locais públicos (SCHUCHMANN *et al.*, 2020).

A China foi um dos países a adotar medidas mais duras de distanciamento social, impondo o bloqueio total, principalmente em Wuhan – epicentro da epidemia. Hong Kong, por sua vez, implementou o controle de suas fronteiras, a quarentena para quem retornava de locais com altos índices de infecção e um amplo programa de testagem, com isolamento dos infectados. A Coreia do Sul também implementou um programa de testagem até para assintomáticos, além do distanciamento social ampliado. Países europeus impuseram medidas de distanciamento social, testagem, quarentena para os infectados e, diante do aumento de casos, alguns, como a Itália, decretaram o bloqueio total (SÁ, 2020).

No Brasil, o Governo Federal não adotou uma política padronizada na condução das ações frente à pandemia, ao passo que as medidas de distanciamento social se deram de modo descentralizado, acarretando variações entre os diferentes estados. Alguns governadores e prefeitos adotaram medidas mais rigorosas, enquanto outros optaram por medidas mais brandas ou relaxaram as ações logo após algumas semanas. Em geral, medidas mais rígidas foram adotadas por gestores de estados e municípios com maior gravidade da pandemia. Alguns chegaram a decretar o bloqueio total para frear o avanço do vírus, entre os quais estão o estado do Maranhão e as cidades de Fortaleza e Niterói (MORAES, 2020).

É fato que as intervenções em questão têm se apresentado como medidas eficientes e economicamente viáveis, possibilitando reduzir o número de infectados e evitando o colapso dos sistemas de saúde (SCHUCHMANN *et al.*, 2020). No caso do Brasil, a ausência de uma coordenação nacional frente à pandemia tem suscitado efeitos diversos. Um desses efeitos é a polarização de políticas de distanciamento social, onde estados e municípios adotam suas próprias estratégias. Se por um lado tais medidas podem estar mais adaptadas às necessidades locais, por outro lado, tendem a resultar na falta de padronizações para impor ou relaxar as medidas supramencionadas. Além disso, prefeitos e governadores, por estarem mais próximos da população, sofrem pressões para afrouxar as medidas. Tudo isso amplia as chances de um processo caótico e desordenado de relaxamento das medidas de distanciamento social, além de dividir a população e fragilizar o enfrentamento da pandemia (MORAES, 2020).

Isolamento social é quando as pessoas infectadas são separadas das não contaminadas, a fim de evitar o contágio. Quarentena é a reclusão de pessoas que tiveram contato com infectados por um período de tempo (SCHUCHMANN *et al.*, 2020). O distanciamento social tem sido mais utilizado e pode variar em medidas mais brandas, como o fechamento parcial, até medidas mais duras, como o bloqueio total das atividades não essenciais.



3. Desigualdade social e os desafios para o enfrentamento da pandemia

Ainda que nas últimas décadas o Brasil tenha apresentado aparentemente avanços na queda sistemática da desigualdade social, o país ainda transita entre os mais desiguais do mundo. No contexto da pandemia da Covid-19, tal aspecto ganha destaque, pois, as condições de vida da população são fatores determinantes na adesão de medidas sanitárias de controle da disseminação do vírus. Retomando a cena apresentada no início do presente ensaio, é possível perceber que as medidas de controle de qualquer epidemia que seja passam pelas condições sociais da população. Aderir ou não às medidas apresentadas pode até ser uma escolha pessoal, mas tem-se aí uma escolha intrinsecamente relacionada às condições sociais de trabalho, renda e moradia da população.

O Brasil convive com realidades distintas não apenas territoriais e geográficas, mas, principalmente, sociais. Em 2019, por exemplo, enquanto 10% dos mais ricos concentravam 42,9% da massa de rendimentos mensais do país, a fatia desse bolo direcionada aos 10% mais pobres era de apenas 0,8% (IBGE, 2020). Tal disparidade na distribuição de renda fica mais evidente quando nos debruçamos sobre o número de indivíduos em situação de pobreza. Conforme a Síntese de Indicadores Sociais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018, 25,3% do total da população – que corresponde a um quarto da população ou 52,5 milhões pessoas – viviam com rendimentos de 44% do salário mínimo, equivalente a aproximadamente R\$ 420,00 (quatrocentos e vinte reais) mensais. Naquele mesmo ano o país registrou um total de 13,5 milhões de pessoas em situação de extrema pobreza – que representa 6,5% do total da população brasileira – que sobreviviam com uma renda inferior a R\$ 145,00 (cento e quarenta e cinco reais) mensais (IBGE, 2019).

Outro aspecto a ser observado é em relação ao trabalho. Desde 2015, o trabalho informal tem aumentado, transformando-se em um importante marcador da desigualdade social (IBGE, 2019). No primeiro trimestre de 2020 a taxa de informalidade atingiu 39,9% da população ocupada, representando um contingente significativo de trabalhadores sem uma renda estável e sem acesso à proteção social advinda dos direitos trabalhistas. Somado a esse incremento de trabalhadores informais, há aqueles em situação de desemprego. Assim, no mesmo período, a taxa de desempregado passou de 11,2% para 12,6%, e a previsão é que a crise agrave ainda mais a situação (IBGE, 2020).

Considerando a necessidade do distanciamento social, é importante compreender as condições de moradia da população. Dados de 2018 apontam que ao menos 5,6% da população residiam em domicílios inadequados com mais de três moradores para cada cômodo utilizado como dormitório, ao passo que 2,8% dos domicílios não possuíam banheiro de uso exclusivo dos moradores (IBGE, 2019). Ainda sobre a questão, há aqueles que não possuem



moradia e vivem nas ruas. Embora o Brasil não possua dados oficiais, um estudo realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estimou a existência de aproximadamente 222 mil pessoas em situação de rua em março de 2020 (NATALINO, 2020). Trata-se de um contingente elevado de indivíduos em situação de extrema vulnerabilidade, que dependem de ações para atenuar os efeitos da pandemia, pois se encontram em total restrição de direitos.

Outro aspecto a ser observado é a questão do saneamento básico, considerando a importância da higienização das mãos e de objetos nas medidas de contenção. Dados do IBGE apontam que em 2018, 9,7% da população residia em domicílios sem acesso à coleta de lixo, 15,1% não possuía abastecimento da água por rede e 35,7% não tinha acesso ao esgoto sanitário (IBGE, 2019).

De fato, a pandemia em curso tem trazido o recrudescimento das desigualdades sociais, afetando cada vez mais a população mais vulnerável, que se vê na necessidade de optar por alimentar sua família, correndo maior risco de exposição ao vírus, já que não recebe se não trabalha. Nesse ínterim, vale questionar: como proceder ao distanciamento social quando o grupo familiar vive em condições precárias (famílias que moram em um cômodo, sem acesso à água, sem condições de higiene mínimas) e que precisam sobreviver à Covid-19 ou à fome?

Tais dados revelam que por mais que se perceba que todas as classes sociais estão suscetíveis ao vírus, a Covid-19 não atinge a todos igualmente. Com isso, aqueles que já estavam em uma situação de pobreza ou de vulnerabilidade social antes da pandemia, tendem a ser mais atingidos, estando também mais suscetíveis a contrair o vírus em decorrência de suas condições de moradia, vida, trabalho e acesso ao saneamento básico.

Nesse sentido, o encontro do vírus em comento com a realidade vivenciada por muitos brasileiros pode representar grandes riscos, agravando ainda mais as condições de vulnerabilidade e acarretando, segundo Calmon (2020), rupturas sociais ainda maiores. Para esta autora, uma possível saída seria a ampliação do sistema de proteção social, que atuaria na mitigação dos efeitos da crise, bem como no combate às desigualdades sociais existentes na nossa sociedade.

O enfrentamento da pandemia no Brasil tem abrangido medidas sanitárias para a contenção da Covid-19, bem como aquelas implementadas para abrandar os efeitos da crise econômica e social então originadas. Entre as medidas sanitárias vale destacar o distanciamento social e no que tange às medidas sociais e econômicas, merecem destaque a criação do Auxílio Emergencial e as ações voltadas àqueles em situação de rua.

Instituído em abril de 2020, o Auxílio Emergencial buscou minimizar os impactos da pandemia, garantindo, por três meses, o valor de R\$ 600,00 (seiscentos reais) para indivíduos maiores de 18 anos, sem vínculo de emprego formal ou Microempreendedor Individual (MEI), cuja renda familiar mensal

não ultrapassasse meio salário mínimo *per capita* ou três salários mínimos no total. Até o dia 24 de abril, 50,5 milhões de pessoas tinham sido consideradas elegíveis para receber o benefício, isto é, cerca de um quarto da população (BARTHOLO *et al.*, 2020).

Quanto à população em situação de rua, muitas ações têm sido adotadas pelos municípios para contornar as dificuldades e assegurar as condições mínimas para o enfrentamento da pandemia. Em levantamento realizado por Silva *et al.* (2020), identificou-se, nas capitais das regiões Nordeste e Sudeste, diferentes iniciativas para essa população, revelando que suas carências têm sido um dos focos de atenção dos gestores.

Sem entrar no mérito da implementação e do impacto desses programas – Auxílio Emergencial e ações para pessoas em situação de rua –, é possível identificar pelo menos dois desafios a serem enfrentados nesse momento. Sabemos que tais programas surgiram em um momento que exigia uma resposta rápida frente às necessidades da população em meio à crise em questão. Nesse sentido, o primeiro desafio seria utilizá-los no combate à desigualdade social no país. Sobre a questão, Komatsu e Menezes-Filho (2020) apontaram que se o Auxílio Emergencial tivesse por objetivo os indivíduos mais pobres, sua implementação teria impacto positivo na redução da pobreza e da desigualdade. No caso da população de rua, sempre negligenciada e sempre à margem das preocupações dos gestores, o desafio posto, como destacado por Silva *et al.* (2020), seria incorporar tais ações na agenda de prioridades do governo. Além disso, faz-se importante pensar na continuidade desses programas – Auxílio Emergencial e ações para pessoas em situação de rua – para além da pandemia, transformando programas pontuais em políticas públicas de enfrentamento à desigualdade social, bem como o fortalecimento e a expansão da Política de Assistência Social.

Um segundo desafio a ser enfrentado pelos programas supramencionados – talvez o mais desafiador – é a necessidade de articulá-los com as medidas sanitárias de controle da pandemia – o que implicaria em superar a fragmentação, exigindo estratégias coordenadas que promovessem o diálogo entre ambas. Tal integração poderia potencializar as medidas sanitárias, contribuindo, de um lado, para amenizar questões sociais e econômicas e, de outro lado, conter o avanço da pandemia e reduzir os riscos para aqueles em situação de vulnerabilidade social.

4. Mas afinal, o que nos mostra a pandemia?

Sharon Daniel (DANIEL, 2006), em um de seus trabalhos, desenvolveu o conceito de segredo público. Para aquela autora, existem dois tipos de segredo, a saber: 1) aqueles que devem ser mantidos ocultos do conhecimento público, secretamente; e, 2) os segredos públicos, que a sociedade elege para manter



distante dela. A sociedade de então se mostra cada vez mais um ambiente com desigualdades estruturais, que são transformadas em segredos públicos em um processo de naturalização e negação.

Uma pandemia descortina tais segredos, revelando as condições desiguais de vida dos brasileiros e as dificuldades de acesso a direitos básicos (moradia, renda e saneamento, por exemplo). Diante do exposto, no presente ensaio buscamos lançar luz aos segredos públicos, refletindo sobre a Covid-19 em um contexto de desigualdade social – percurso que permitiu identificar que a pandemia denota pelo menos três lições.

A primeira lição se refere às condições desiguais da população frente à pandemia. Retomando a cena apresentada no início do ensaio, enquanto alguns se encontram no conforto de suas casas, sem comprometer suas rendas, outros não têm casa ou sua situação de emprego e renda não permitem que permaneçam nessa condição sem afetar seu sustento e o de sua família.

A segunda se trata da necessidade de se pensar estratégias para o enfrentamento da pandemia a partir do contexto social. As medidas adotadas devem contemplar não apenas aquelas de contenção da disseminação do vírus e dos efeitos imediatos causados pela crise, mas também as questões estruturais da sociedade, ao passo que a continuidade dessas ações também deve ser programada.

Por fim, a terceira é a necessidade de se ter um plano coordenado de ações, que supere a fragmentação e promova a articulação. Um plano entre as três esferas de governo que inclua estratégias sanitárias organizadas, assim como aquelas sociais e econômicas, de modo integrado e contínuo.

Referências bibliográficas

BARTHOLLO, Leticia *et al.* As transferências monetárias federais de caráter assistencial em resposta à Covid-19: mudanças e desafios de implementação. *In. Nota Técnica*. Disoc, n.72. Brasília: Ipea, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponíveis em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

CALMON, Tricia V. L. As condições objetivas para o enfrentamento ao COVID-19: abismo social brasileiro, o racismo, e as perspectivas de desenvolvimento social como determinantes. *In. Revista NAU Social*, Salvador, v.11, n.20, p. 131 – 136, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2UWLv39>. Acesso em: 24 maio 2020.

DANIEL, Sharon. The Public Secret: Information and Social Knowledge. *In: Intelligent Agent*, v.6, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.intelligentagent>.



com/archive/Vol6_No2_community_domain_daniel.htm. Acesso em: 24 maio 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Primeiro Trimestre de 2020**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020 Disponível em: <https://bit.ly/3hLflh>. Acesso em: 15 jun. 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/37KyCyy>. Acesso em 16 jun. 2020.

KOMATSU, Bruno K.; MENEZES-FILHO, Naercio. Simulações de Impactos da COVID-19 e da Renda Básica Emergencial sobre o Desemprego, Renda e Pobreza e Desigualdade. In: **Policy Paper**, São Paulo, n. 43, 2020.

LAI, Chih-Cheng *et al.* Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) and coronavirus disease-2019 (COVID-19): The epidemic and the challenges. In: **International Journal of Antimicrobial Agents**, v. 55, n. 3, 2020.

MENESES, Aérica Figueiredo P.; FUENTES-ROJAS, Marta. Aqui *tá* uma briga. [Interlocutora A em grupo de aplicativo de comunicação capturada por], mar. 2020.

MORAES, Rodrigo F. Covid-19 e medidas legais de distanciamento social: isolamento social, gravidade da epidemia e análise do período de 25 de maio a 7 de junho de 2020 (boletim 5). **Nota Técnica**, Dinte, n. 22. Brasília: Ipea, 2020.

NATALINO, Marco. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). **Nota Técnica**, Disoc, n.73. Brasília: Ipea, 2020.

ROTHAN, Hussin A.; BYRAREDDY, Siddappa N. The epidemiology and pathogenesis of coronavirus disease (COVID-19) outbreak. In: **Journal of Autoimmunity**, v. 109, 2020.

SÁ, Edvaldo B. A saúde pública e o enfrentamento da crise causada pelo coronavírus. In: **Nota Técnica**, Disoc, n.68. Brasília: Ipea, 2020.

SCHUCHMANN, Alexandra Z. *et al.* Isolamento social vertical X Isolamento



social horizontal: os dilemas sanitários e sociais no enfrentamento da pandemia de COVID-19. *In: Braz. J. Hea. Rev.*, Curitiba, v. 3, n. 2, p.3556-76, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2AHL2LF>. Acesso em: 14 jun, 2020.

SILVA, Tatiana *et al.* População em situação de rua em tempos de pandemia: um levantamento de medidas municipais emergenciais. *In: Nota Técnica. Disoc*, n.74, 2020.

WHO. World Health Organization. **Coronavirus disease (COVID-19):** Situation Report, n. 133, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3fDL9X7>. Acesso em: 16 jun. 2020.

Como citar este artigo:

MENESES, Aérica Figueiredo Pereira Meneses; FUENTES-ROJAS, Marta. Covid-19 e a desigualdade social: o que nos mostra a pandemia?. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 76-85, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.535>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Sociólogos de laboratório: reflexão sobre os efeitos do isolamento social no fazer sociológico¹

Tiago Magaldi²

Resumo: Neste ensaio tomo por tema geral os impactos da pandemia no fazer sociológico, focando particularmente nas consequências do confinamento dos próprios sociólogos. Desenvolvo dois pontos: no nível dos sociólogos, a tendência à cristalização da distância social anterior à pandemia, posto esta pandemia sustar, em grande medida, a troca de experiências entre pesquisadores e pesquisados, tendência esta que pode ter efeitos epistemológicos; o segundo ponto se refere às possibilidades abertas pela situação de “momento crítico” (terminologia dada pela sociologia pragmatista francesa) que vivemos, que exige dos agentes sociais não só uma investigação acerca dos pressupostos normativos da situação interrompida, como também os obriga a formular novas maneiras de estar no e ver o mundo no qual se percebem.

Palavras-Chave: Sociólogos. Isolamento social. Experiência. Desigualdades. Momento crítico.

Laboratory sociologists: on the effects of the social isolation on the sociological activity

Abstract: In this essay I take as general issue the impacts of the pandemic situation on the sociological activity, focusing on the consequences of the confinement of the sociologists themselves. I develop two points: on the level of the sociologists, the tendency to the crystallization of social distance, as the pandemic suspends, in great measure, the exchange of experiences between researchers and the people being researched, tendency that might have epistemological effects; the second point refers to the possibilities opened by the “critical moment” situation (terminology given by the French pragmatist sociology) in that we live in today, which demands of the social agents not only an investigation on the normative presuppositions of the interrupted situation, but also forces them to formulate new ways of being and seeing the world they perceive themselves to be a part of.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Doutorando em Sociologia no PPGS-UFSCar, São Carlos – SP, Brasil. Membro do Laboratório de Estudos do Trabalho e Mobilidades (LEST-M). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7498-0492>. E-mail para contato: tmgranato@gmail.com.



Keywords: Sociologists. Social isolation. Experience. Inequalities. Critical moment.

Luc Boltanski (2012) afirma que o fazer científico só é possível na medida da possibilidade do cientista se colocar em uma posição de exterioridade àquilo que é pesquisado, ao seu objeto, de modo que não seja pessoalmente afetado pelo seu movimento. Ao conjugar essa posição com o método científico torna-se possível “fazer ciência”, isto é, engajar-se na atividade de descrição e análise daquilo que é, teoricamente, exterior ao cientista, e isto a partir de um “laboratório”, fora do qual o sociólogo – cientista que nos interessa aqui particularmente – seria um agente social como tantos outros, participante ativo nos consensos e conflitos de seu cotidiano (BOLTANSKI, 2012, p.20). No atual momento de pandemia, a imensa maioria dos pesquisadores se vê subitamente confinada nos espaços físicos instrumentalizados enquanto nossos “laboratórios”. A intensidade face-a-face de nosso cotidiano diminui drasticamente, e passamos a lidar com o mundo nos termos de uma exterioridade radical, se comparada à situação anterior. Portanto, creio ser o momento propício para ensaiar uma reflexão acerca dos impactos que uma exterioridade radicalizada pode ter no fazer científico da sociologia – exterioridade esta que não começou em função da crise sanitária, nem terminará com ela, fato que justifica uma reflexão a seu respeito. Sociologia da ciência não é um campo ao qual particularmente dedico esforço intelectual; mas estou convencido de que o momento exige que todos invistamos energia no tema, e mesmo a reflexão ainda pouco controlada pode contribuir. É neste espírito que desenvolvo o tema.

É razoável considerar que os cientistas sociais aderiram ao isolamento quase em sua totalidade, seja em função da participação na comunidade científica, que nos faz levar mais a sério os prognósticos sombrios dos colegas das ciências biológicas, seja pelo massivo antagonismo da comunidade acadêmica de Humanidades ao atual governo federal. Como ocorre com muitos outros profissionais, tal fato impôs novas condições de trabalho; mas àqueles cujo ofício é justamente investigar o social o “novo normal” trouxe dificuldades particulares. Pretendo desenvolver aqui o argumento de que a firme adesão ao isolamento social tende a reforçar a clivagem social e ideológica que insula os cientistas sociais de outras sociabilidades que eles têm por objetivo profissional compreender. É marcadamente uma reflexão para “uso próprio”, pois me encontrava então no momento de retornar ao campo após a escrita do texto de qualificação de doutorado, e subitamente me vi, em função da convicção no perigo real que o novo coronavírus representa, impossibilitado de fazê-lo. Não obstante, a temática foi escolhida porque, creio, também permite um vislumbre sobre como a posição do intelectual pode influenciar a representação do real que ele constrói e sobre a qual reflete.

A noção de exterioridade é particularmente importante para os variados



pesquisadores do social, uma vez que investigamos algo do qual também fazemos parte, independentemente do “recorte” específico do objeto com que trabalhemos. Sociólogos políticos estão envolvidos em jogos de poder, por menores que sejam; sociólogos do trabalho são tão trabalhadores quanto os seus sujeitos de pesquisa; sociólogos urbanos experimentam as cidades tanto quanto seus etnografados, e assim por diante. Enquanto cientistas do social, vivemos simultaneamente no interior e no exterior do mundo reconstruído que investigamos³; temos de lidar frequentemente, em nosso cotidiano, com aquilo que tematizamos analiticamente em nossos “laboratórios”. E é isso, a meu ver, que permite a produção da melhor ciência social: não a “compilação puramente teórica”, “professoral” e bem arranjada de conceitos, de grande persuasão lógica – do tipo que Bourdieu (2009, p.24) criticava duramente –, mas a confecção particularizada de categorias finamente adequadas às descrições empíricas produzidas, confecção esta que exige do autor *familiaridade* com o objeto pesquisado, e *eloquência* para costurar os diferentes aspectos da problemática em uma totalidade coerente em si mesma.

Em muitos casos, a pandemia sustou os principais procedimentos de produção dessa familiaridade: entrevistas presenciais deixaram de ser feitas, etnografias e observações foram interrompidas. Para a sociologia do trabalho, tema ao qual me dedico e sobre o qual escrevo com mais propriedade, o momento se mostrou particularmente dramático: a interrupção das atividades econômicas conjugada com o risco de contaminação proporcionado pelas aglomerações de pessoas praticamente impediu qualquer atividade de campo “tradicional” (aqui no sentido de “não virtual”) significativa. Isto não significa que a atividade científica tenha sido interrompida. De nossos “laboratórios” domésticos, coletamos dados, realizamos análises, produzimos artigos e participamos de seminários virtuais. Desde o momento em que se percebeu ser a situação presente mais duradoura do que se imaginava em média, tem havido uma profusão de “lives”, com a contribuição assídua de sociólogos, cientistas políticos e antropólogos para o debate público. Mas, por seguirem o formato acadêmico, e serem divulgadas para este mesmo público, tais atividades não parecem ter o condão de chocar nossa experiência do mundo, choque este necessário para a compreensão do Outro social: vejo-os como canais que interligam os distintos “laboratórios”, agora individualizados, como antes o eram os seminários e congressos acadêmicos da área.

Note-se que não se trata aqui de criticar tais tipos de encontro, em seu formato pré-pandemia, físicos, ou os que têm ocorrido hoje, virtuais – debates regulares entre colegas de área são necessários para a consolidação, complexificação e avanço da sociologia, como dizia, acertadamente, C. Wright Mills⁴ –, mas sim de afirmar que o contexto pandêmico tende a cristalizar

³ Agradeço a Ramon Chaves pela apresentação desta ideia, por cujo desenvolvimento assumo inteira responsabilidade.

⁴ “Um intercâmbio corrente, informal, dessas revisões do ‘estado de meus problemas’ entre cientistas sociais ativos é, eu sugiro, a única base para uma descrição adequada dos ‘principais problemas da



a distância entre os agentes que produzem conhecimento sociológico de ponta, em toda a sua complexidade (necessária, frise-se), e o debate público amplo, na medida em que, primeiramente, susta enormemente a inserção dos pesquisadores em seus campos de pesquisa, reforçando neles a tendência a um ensimesmamento profissional: nossas atividades intelectuais passam a se dar cada vez mais exclusivamente *dentre e para* os pares. Ao suspender interações que propiciam certas *experiências* aos pesquisadores e aos pesquisados, confinando a ciência produzida pelos primeiros às reflexões “de laboratório”, o isolamento social ganha também dimensões gnosiológicas. O presente texto, por exemplo, não deixa de ser resultado direto disto.

Em segundo lugar, é razoável supor que a experiência do isolamento seja bastante diferente conforme a posição na estrutura de distribuição de bens na qual os indivíduos se encontrem, que pode ser tomada como indicador de uma série de desigualdades particularmente importantes em momentos de pandemia – como o local de moradia e, sobretudo, a estabilidade de renda. Segundo Lima (2019, p.9), em 2014 a remuneração mensal média de cientistas políticos, sociólogos e antropólogos vinculados a universidades estava acima de dez mil reais – o que os colocaria, hoje, certamente, dentre os 10% mais ricos da população brasileira (OXFAM, 2017). E, embora, segundos dados recentes, a profissão de professor universitário não seja a que agrega a maior parte dos cientistas sociais diplomados (BALTAR; BALTAR, 2017, p.272), é esta a responsável por grande parte da produção científica nacional na área das ciências sociais. Isto reforça a importância da experiência da diferença, tão característica do trabalho de campo, na necessária reflexão sobre os condicionamentos de classe que inevitavelmente transbordam para as análises – tomando-se aqui, obviamente, o pressuposto de que todo agente social é, de algum modo, moldado conforme a posição de classe que ocupa, e mesmo que não utilizemos uma versão forte, determinista, desse pressuposto. Professores universitários vinculados a universidades públicas possuem não só altos salários relativamente à imensa maioria da população brasileira, como também sua atividade é protegida por um “bem” cada vez mais raro nas relações de trabalho em todo mundo, e ainda mais fortemente no Brasil: a “estabilidade”, garantia de continuidade indeterminada da relação de trabalho, uma vez iniciada.

Recorro à sociologia do trabalho para esclarecer meu ponto. É lugar-comum sociológico afirmar que a desigualdade é uma das marcas da sociabilidade brasileira. Sociólogos do trabalho brasileiros, em grande parte, a tratam enquanto pressuposto morfológico: veem o mundo através da clivagem empregadores/ empregados (formais ou informais), no qual os primeiros comporiam o polo privilegiado da relação desigual, restando aos segundos as agruras de uma posição subalterna. É possível destacar também um pressuposto quanto à ação social: o de que o seu principal motor seriam os

ciência social” (MILLS, 2009, p.24-5).



interesses dos agentes, pressuposto este que se desdobra em uma concepção segundo a qual existiria um *continuum* de ações possíveis situado entre dois extremos de autoesclarecimento: em um deles, os agentes estariam plenamente conscientes da realidade de seus interesses, e agiriam os tendo por fim; de outro, os agentes estariam completamente alheios a estes interesses, deixando de tematizá-los e, em decorrência disso, tornar-se-iam objetos passivos da realização do interesse de outrem, a saber, seus empregadores. Desse ponto de vista, a dinâmica social da atividade de trabalhar interessaria sobretudo no eixo dos interesses, expressão política da clivagem estrutural da sociedade capitalista entre os que compram força de trabalho e os que a vendem. Ambos os extremos do *continuum* constituiriam o objeto da vontade de saber dos pesquisadores do trabalho que adotam essa perspectiva: o primeiro, em função da projeção no real de seu próprio norte político-normativo: o momento da “consciência de classe” pelos trabalhadores; o segundo, enquanto *denúncia*: a crítica da “exploração” por parte dos pesquisadores esclarecidos.

Há, de outro lado, uma vertente da sociologia do trabalho que vêm buscando movimentar-se em outros eixos. A um deles foi dado o nome de “cultura” (LIMA, 2010), sob o qual se busca destacar a produção de sociabilidades e identidades sociais a partir da própria experiência do trabalho, mais que a *estrutura* que supostamente a conformaria (origem, por outro lado, da formação de interesses e do conflito interclasses). Tematiza-se, aqui, antes a percepção dos trabalhadores e a sua produção subjetiva própria sobre o seu cotidiano e sua atividade laboral do que a produção de interesses derivados de determinadas estruturas “objetivas” de exploração e dominação. Lembro aqui Cardoso (2019, p.422 – grifo do autor), quando, analisando a percepção da desigualdade brasileira, diz que “O mundo dos muito ricos [percebido pelos mais pobres] é, num sentido profundo, *outro mundo*”. O argumento pode ser simetricamente invertido: o mundo dos muito pobres é, *para os mais ricos*, num sentido profundo, outro mundo. E, dada a posição na distribuição de renda dos sociólogos profissionais institucionalizados, é, em certo sentido, a reconstrução desse outro mundo a tarefa permanente da sociologia do trabalho brasileira.

Enquanto o eixo dos “interesses” permite um diálogo universal, dada a sua “transparência”, que pode ser reduzida a um utilitarismo (mais salário = maior bem; mais estabilidade = maior bem, e assim por diante), o eixo da “cultura” põe o pesquisador diante da *opacidade* da experiência social dos agentes, e que exige do intelectual uma autorreflexão sobre os limites de sua identificação com os sujeitos pesquisados: até que ponto a unidade de interesse entre “nós” e “eles” não é um “mal-entendido mais ou menos consciente”, como colocou, novamente, Bourdieu (2009, p. 153), um expediente “bem intencionado” que outorga ao intelectual não experimentado no mundo do outro a capacidade de falar em nome de seus interesses?

Note-se que não tenciono conceder privilégio epistemológico a



qualquer das perspectivas apresentadas aqui; certamente, interesses *existem*, são verdadeiros; e certamente diferenças culturais também, bem como experimenta-se diferentemente a vida, de múltiplas e variadas formas. Mas, se admitimos que 1) a sociedade brasileira é desigual em muitas dimensões, e que isso implica na produção de modos de vida bastante diferentes; 2) que os profissionais do autoconhecimento social sobre o trabalho, em regra, partilham de uma socialização pessoal e profissional diferente da de seus pesquisados, constituindo grupos substancialmente diferentes em seus capitais, econômicos ou não; 3) que o desenrolar da presente pandemia contribui na cristalização da diferença dos modos de vida produzidos no interior das diferentes classes; então ficará clara a importância de uma reflexão autocrítica no interior de nossa produção “confinada”: paralelamente às nossas investigações usuais, dentro dos temas nos quais nos especializamos, precisamos também acionar certo “freio autocrítico”, uma vez cientes da tendência, em condições de isolamento, a retirar ao Outro a complexidade de sua inserção social, empobrecendo ainda mais o inevitável recorte objetificante que realizamos para tornar viáveis nossas pesquisas.

Até aqui desenvolvi uma reflexão (auto)crítica sobre os caminhos que a produção sociológica pode seguir diante da presente pandemia, com uma nota de amargor normativo, de reforço da imensa desigualdade social brasileira e de um empobrecimento da produção sociológica pela impossibilidade de experimentar o Outro no contexto da pandemia: uma *restrição*. Desenvolverei agora um argumento de sabor “positivo”, sobre as possibilidades abertas por este contexto.

É conhecida a importância que a sociologia pragmatista francesa dá aos “momentos críticos” do social, isto é, às situações nas quais “os atores (re)experimentam e (re)definem a si próprios, os outros e o mundo” (CORREA; DIAS, 2016, p.83). São aqueles nos quais temos que requalificar as grandezas do mundo ao nosso redor, de modo a que possamos saber como agir legitimamente. Por exemplo, quando um funcionário que trabalha em uma empresa por décadas, e se identifica com ela, é demitido, ele precisa reconstruir para si uma nova qualificação do mundo, na qual o trabalho em sua agora ex-empresa deixará de ser avaliado da mesma forma que antes – seu chefe talvez deixe de lhe parecer magnânimo, e a relação com os ex-colegas talvez não lhe pareçam mais tão solidárias; ou, por outro lado, pode rebaixar a si mesmo, diminuindo o valor que imaginava ter: talvez ele não fosse realmente merecedor da posição que ocupava, e a nova situação seja mais justa... pode, ainda, questionar radicalmente os próprios critérios pelos quais julgava sua empresa e sua posição, e concluir que, no final das contas, nada daquilo tinha valor. De qualquer maneira, é neste momento de incerteza, que obriga os agentes a produzir mensurações e justificações, a adaptar ou construir uma nova visão de mundo, que é possível notar aquilo que é pertinente na interação: “O social é, nesse sentido, a resultante da atividade dos atores em meio a problemas”



(CORREA, 2014, p.52). Desse ponto de vista, para além de sustar os esforços de choque de experiências entre pesquisadores e pesquisados, o isolamento social decorrente da presente pandemia permite uma incursão inédita nas mensurações e julgamentos por meio dos quais nossos pesquisados agem no mundo, uma vez que, neste exato momento em que escrevo, um sem número de indivíduos está se engajando em debates, através dos mais variados meios de comunicação e em todas as escalas de magnitude possível – da reflexão individual aos almoços de família, passando pelas interações virtuais em grupos de *WhatsApp*, e chegando até aos confrontos entre grandes partidos políticos na arena pública nacional – sobre a melhor forma de enquadrar a pandemia e de agir sob ela.

Evidentemente, uma crise *sanitária* dessas proporções permitirá, em especial, coletar dados acerca do tema da saúde pública, dos meandros da medicina popular, da relação com os especialistas, a ciência e o governo, e por isso os sociólogos da saúde devem estar com os seus sismógrafos ininterruptamente ligados; mas, dada a amplitude das medidas tomadas pelos governos dos estados brasileiros em seu combate, ela também abre um momento privilegiado de análise para todos os pesquisadores do social, independentemente de seu objeto. No meu caso particular, a sociologia do trabalho, tenho podido acompanhar, por meio da participação em grupos de *WhatsApp* dos trabalhadores que pesquiso – os comerciários –, um intenso debate acerca da necessidade de trabalhar frente ao risco de contaminação. Colegas que antes conviviam em paz acusam-se ou de “vagabundos”, por não quererem trabalhar, ou de “loucos”, por o quererem mesmo com o risco de contaminação. É possível perceber, nesses últimos, sua tensão interna ao serem remunerados sem trabalhar, algo que os diminuiria aos seus olhos. Os argumentos segundo os quais o trabalho deve ser tomado primordialmente ou como “meio de vida” ou como “justificação legítima de remuneração” podem ser vistos sendo afiados em tempo real pelos atores – obviamente sem o reducionismo inevitável do analista, como o feito aqui. Se se pretende compreender como os trabalhadores percebem e julgam o seu lugar no mundo, presenciar tal atividade é algo inestimável. Por mais críticos que sejamos da perspectiva pragmatista, é preciso reconhecer a criatividade social dos momentos de crise, que obrigam os atores a justificar suas ações e avaliações em termos outros que não os que vinham “normalmente” empregando.

A situação de pandemia é recente; a reflexão também o é. Quis aqui apenas desenvolver dois pontos sobre os quais tenho refletido a partir de meu isolamento: o aprofundamento da distância social entre pesquisadores e pesquisados, fenômeno este, em si mesmo, expressão particular da profunda desigualdade brasileira, na qual estamos todos inescapavelmente inseridos; e a afirmação da riqueza societal desta situação, que, se vista como um “momento crítico”, nos marcos da sociologia pragmatista, permite o acesso à explicitação de formas de perceber, medir e julgar o mundo de uma maneira



que não era possível até então, e que, com o retorno à “normalidade”, com toda a dose de estabilização dos julgamentos e das condutas que isso comporta, provavelmente não voltará a ser.

Referências bibliográficas

BALTAR, Ronaldo; e BALTAR, Cláudia Siqueira. A Sociologia como profissão. *In: Revista Brasileira de Sociologia*, v. 05, nº10, p. 259-289, 2017.

BOLTANSKI, Luc. *Love and justice as competences*. Cambridge: Polity Press, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

CARDOSO, Adalberto. **A construção da sociedade do trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.

CORRÊA, Diogo Silva. Do problema do social ao social como problema: elementos para uma leitura da sociologia pragmática francesa. *In: Revista de Ciências Sociais*, nº40, p. 36-62, 2014.

_____; DIAS, Rodrigo de Castro. Crítica e os momentos críticos: De la justification e a guinada pragmática na sociologia francesa. *In: Mana*, vol. 22, nº1, p. 67-99, 2016.

LIMA, Jacob Carlos. Participação, empreendedorismo e autogestão: uma nova cultura do trabalho? *In: Sociologias*, Porto Alegre, ano 12, nº25, 2010.

_____. A reconfiguração da sociologia no Brasil: expansão institucional e mobilidade docente. *In: Interseções*, Rio de Janeiro, v. 21, nº1, p. 7-48, 2019.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

OXFAM. **A distância que nos une**. Publicado em 25 de setembro de 2017. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/a-distancia-que-nos-une/>. Acesso realizado em 17/06/2020.

Como citar este artigo:

MAGALDI, Tiago. Sociólogos de laboratório: reflexão sobre os efeitos do isolamento social no fazer sociológico. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed.



TIAGO MAGALDI

Especial, p. 86-94, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.514>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Reflexões à distância

Maria Teresa Ruas Coelho¹

Resumo: O ano de 2020 iniciou imerso em uma tragédia coletiva ainda em curso: a pandemia pelo novo coronavírus. Quais as influências da pandemia e do isolamento social sobre as ciências sociais e qual o papel da área neste contexto? São estas as perguntas que orientam as discussões desenvolvidas neste ensaio, que estão divididas em três momentos. Primeiro, reafirmo e discorro sobre a importante contribuição das ciências sociais para a compreensão e o enfrentamento dos efeitos da pandemia com base em seu conhecimento já sedimentado. Segundo, enfrento alguns desafios imediatamente impostos ao fazer sociológico e antropológico pelo isolamento social e a tragédia que vivenciamos. Terceiro, aponto para algumas tarefas futuras herdadas pela área.

Palavras-Chave: Coronavírus. Pandemia. Fazer sociológico. Desigualdades.

Reflections from distance

Abstract: The year 2020 began immersed in a collective tragedy still ongoing: the pandemic for the new coronavirus. What are the influences of the pandemic and social isolation on the social sciences and what is the role of the area in this context? These are the questions that guide the discussions developed in this essay, which are divided into three moments. First, I reaffirm and discuss the important contribution of the social sciences to understanding and confronting the effects of the pandemic based on their established knowledge. Second, I face some of the challenges immediately imposed on sociological and anthropological practices due to social isolation and the tragedy we are experiencing. Third, I point to some future tasks inherited by the area.

Keywords: Coronavírus. Pandemic. Sociological practice. Inequalities.

No dia 31 de dezembro a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu o primeiro alerta do que seria o surto de uma doença, então desconhecida, em Wuhan, na China. No dia 6 de janeiro de 2020 foi confirmada a primeira vítima fatal da doença. Em fevereiro o novo coronavírus foi renomeado pela OMS como COVID-19 (COroNaVirusDisease, aparição no ano de 2019) e em março a epidemia passou a ser categorizada como uma pandemia mundial. A

¹ Graduação e mestrado em Ciência Política pela Universidade de Brasília (UnB). Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Aracaju – Sergipe – Brasil. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/7294256058851958>>. E-mail: mariateresaruascoelho@gmail.com.



alta contagiosidade que é característica do vírus e o vertiginoso crescimento do número de casos confirmados e de vítimas fatais da doença por todo o mundo levaram à adoção de medidas de isolamento social como forma de conter sua difusão.

É um momento no qual a comunidade científica ganha especial visibilidade, na medida em que a ela cabe traduzir para a população leiga o que é a doença, quais são seus efeitos, suas possíveis origens, além de disponibilizar as recomendações para prevenir o avanço da contaminação e, ao fim, garantir seu definitivo controle com a formulação de uma vacina. Mas, se biólogos, epidemiologistas, médicos e enfermeiros reafirmam o caráter essencial de seu trabalho e do conhecimento que produzem, qual o papel desempenhado pelos cientistas sociais? Se sobre o tempo de duração das pesquisas dos primeiros impõe-se a urgência de um contexto pandêmico, quais os desafios específicos dos últimos?

Nesse sentido, pretendo ensaiar algumas conexões existentes e necessárias entre a pandemia do COVID-19 e as ciências sociais a partir de três ângulos. Primeiro, reafirmo e discorro sobre a importante contribuição das ciências sociais para a compreensão e o enfrentamento dos efeitos da pandemia com base em seu conhecimento já sedimentado. Segundo, enfrento alguns desafios imediatamente impostos ao fazer sociológico e antropológico pelo isolamento social e a tragédia que coletivamente vivenciamos. Terceiro, aponto para algumas tarefas futuras herdadas pela área, com especial ênfase na recuperação da legitimidade do conhecimento produzido nas universidades.

1. Das ciências sociais para a pandemia

Como um vírus novo, o COVID-19 impôs sobre os membros da comunidade científica ligados às áreas biológicas e químicas o desafio de tatear por informações sobre suas características, de modo a formular e disponibilizar uma vacina para seu definitivo controle, premidos pela urgência de um contexto pandêmico. Evidente que também a outras áreas se apresentam inúmeros desafios e imprevisibilidades: Quais serão os impactos econômicos da pandemia? Quais os seus efeitos sobre o mundo do trabalho? O que mudará na educação após esse período de ensino à distância? Haverá mudanças permanentes no controle das fronteiras territoriais e aeroportos? São todas questões em aberto e em disputa.

Contudo, ainda que seja uma experiência inédita para esta geração e haja muito de desconhecido, existe também muito que a sociologia já pode dizer. Obviamente, doenças, epidemias e pandemias não acontecem em um vácuo social. Elas acometem pessoas, localizadas em posições de desigual vulnerabilidade de acordo com diferentes marcadores sociais e suas intersecções.



Num contexto em que circular por espaços públicos e entrar em contato com outras pessoas significa colocar em risco de forma sistemática sua saúde e mesmo sua vida, a capacidade de obedecer ou não ao regime de distanciamento é desigualmente distribuída entre diferentes grupos sociais. Desde moradores de rua e presidiários, para os quais a opção do isolamento não está colocada, passando por aqueles que vivem em condições precárias de moradia, parte de um grupo ainda maior de pessoas que dependem da circulação nas ruas para garantir sua sobrevivência imediata², até aqueles que podem efetivamente permanecer em suas casas e apartamentos com a segurança de um salário, existe um enorme abismo. Nos termos de uma necropolítica, tal como nomeada e denunciada pelo filósofo camaronês Achille Mbembe (2018), existe, na verdade, uma hierarquização de quais corpos e vidas são descartáveis e quais devem ser protegidas e cujas mortes representam uma tragédia, estruturada decisivamente por identificadores raciais.

Para além das desiguais condições de “escolha” em aderir ao distanciamento social, há uma série de outras questões que envolvem o espaço doméstico e que precisam ser pensadas nesse contexto. Sabemos que esse mesmo ambiente que agora se apresenta como medida essencial de proteção contra o contágio pelo novo coronavírus é também espaço de violência para inúmeras mulheres, crianças e pessoas LGBTQI+. É também um local que exige um trabalho de cuidado, desigualmente distribuído de acordo com gênero, raça e suas intersecções e invisibilizado enquanto *trabalho produtivo*.

São, enfim, questões diversas, que vão muito além das aqui brevemente elencadas. A reflexão sobre esses aspectos, ainda que seja absorvida por áreas externas às ciências humanas e sociais, é domínio privilegiado destas. Esse conhecimento, que parte de um acúmulo anterior aplicado à realidade atual, pode (ou poderia) contribuir para a previsão de quais as tendências de avanço da doença (em que grupos sociais ou em que localidades geográficas), de quais medidas específicas deveriam ser tomadas para o amparo de diferentes grupos de acordo com suas vulnerabilidades e assim por diante.

Esse papel das ciências sociais não é algo que passa despercebido pelos pesquisadores e pelas pesquisadoras da área. É expressivo o volume de conteúdo produzido por eles e elas (nós) neste período de pandemia, através dos mais variados canais (*lives, podcasts, videochamadas, blogs, postagens em redes sociais, artigos, entre outros*). O fazer sociológico nesse contexto é, dessa maneira, elemento muito importante e é o fio condutor da próxima seção.

² Aqui estão incluídos trabalhadores autônomos, informais, intermitentes ou mesmo formais, mas ocupantes de posições de trabalho de baixa especialização e alta rotatividade.



2. Do fazer sociológico e antropológico em regime de isolamento

Com o isolamento social e o fechamento provisório de universidades em vários países, é possível observar um aumentado uso de diferentes plataformas digitais para a produção e compartilhamento de conteúdo por pesquisadores e pesquisadoras das ciências sociais. Pesquisas que já estavam em curso e também iniciadas após o início da pandemia, muitas delas não relacionadas ao novo coronavírus e originalmente alheias, em escopo teórico e metodológico, ao digital, passam a receber influências irremediáveis de ambos esses contextos.

De fato, já existem pesquisas e métodos sendo desenvolvidos em contextos digitais pela sociologia e pela antropologia, internacional e nacionalmente, desde o princípio do uso mais generalizado da internet³. É evidente que os desdobramentos político-econômico-sociais das ferramentas digitais, cada vez mais presentes na vida cotidiana desde muito antes da exigência pelo distanciamento, tornam praticamente impossível falar em uma “vida real” pura e separada do ambiente virtual, de modo que também se impõem às ciências sociais.

Isso não significa, entretanto, que a pesquisa social não seja profundamente afetada pela limitação de seu fazer à distância e às ferramentas digitais. O relato da antropóloga Louise Scoz Pasteur de Faria (2020) organiza a problemática. Evidencia a dimensão da pesquisa qualitativa que extrapola a realização de entrevistas e é estruturada sobre a etnografia ou a observação participante, para os quais existe uma dimensão elementar de experiência de campo que é perdida no momento atual. A interlocução com os sujeitos de uma pesquisa sociológica ou antropológica mediada pelo campo virtual não cumpre o mesmo papel que a imersão do pesquisador em um outro espaço, regido por moralidades, dinâmicas e regras próprias.

Ao lado do fato de que a tragédia que compartilhamos coletivamente afeta, em maior ou menor medida, a realidade objetiva e o psicológico dos interlocutores de qualquer pesquisa social de teor qualitativo realizada no presente contexto, a antropóloga chama também a atenção para uma dimensão ética a ser considerada:

Durante as videoconferências, comecei a notar que os participantes se sentiam confortáveis o suficiente para tocar em tópicos mais sensíveis de sua experiência. Durante as chamadas, eles me mostravam o interior de suas casas, brincavam com seus cães e gatos, me apresentavam a membros da família.

³ Ver: SEGATA, Jean, RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura**. Brasília: ABA Publicações; Joinville: Editora Letradágua, 2016. MILLER, Daniel; SLATER, Don. **Etnografia on e off-line: cibercafés emTrinidad**. Porto Alegre: Horizontes antropológicos, v. 10, n. 21, p. 41-65, junho 2004. MORRISON A. (ed.) **ResesarchingICTs inContext**. Oslo:Universityof Oslo, 2002. PARREIRAS, Carolina. **Altporn, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online**. 2015. 247 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2015.



As chamadas de vídeo durante a quarentena, especialmente no contexto profissional, expuseram de maneira inédita a esfera da vida íntima. Não podemos mais escolher o ambiente, compor o cenário ou silenciar as crianças brincando na sala.

Além disso, existe um elemento confessional atrelado a interações em vídeo que não apenas reflete o espaço físico da esfera íntima, mas também a dimensão narrativa da intimidade.

As pessoas se sentiram mais abertas a compartilhar informações da esfera da intimidade porque se sentiam dentro de “seu elemento”. A ausência da presença física, nesse caso, criou um sentimento de confiança. Os participantes se sentiram no controle do tipo de informação poderiam dividir comigo. Eu não estava lá para observar o seu ambiente, prestar atenção à sua linguagem corporal, tentar descobrir aquilo que estava nas entrelinhas do era dito (FARIA, 2020, tradução própria)⁴.

Mas o fazer das ciências sociais, é essencial lembrar, não se restringe à pesquisa. A atividade docente é elemento fundamental da profissão e é também profundamente afetada pela necessidade de que se mantenha o distanciamento social. O ensino a distância, chamado EAD, é objeto de disputa desde outros tempos e representa parte importante da luta de professores e discentes contra a precarização da educação. Envolve uma série de limitações ao acesso à formação de qualidade e representa uma descaracterização da função docente também de cientistas sociais.

Como um último aspecto a ser ressaltado sobre o fazer sociológico e antropológico no correr da pandemia, resta lembrar, por mais que possa parecer uma obviedade, que os pesquisadores e pesquisadoras estão também imersos neste contexto pandêmico e não enfrentam somente desafios teóricos e metodológicos. Estão também suscetíveis ao medo, às ansiedades e angústias que envolvem a possibilidade de adoecimento e morte pelo vírus. Claro, a possibilidade de adoecimento e morte está sempre presente no horizonte da vida humana, mas em meio a uma pandemia é uma realidade muito mais concreta.

Os impactos psicológicos do momento, bem como a desigual distribuição do trabalho cuidado, situações de violência baseadas em questões de gênero e sexualidade ou mesmo dificuldades econômicas impactam também os e as cientistas sociais. Afinal, também eles e elas (nós) ocupam(os) desiguais posições de vulnerabilidade, sobretudo quando não se perde de vista que o fazer sociológico e antropológico não é mérito exclusivo, ou mesmo de predomínio, daqueles e daquelas que já concluíram seus respectivos doutoramentos e

⁴ “During video calls, I noticed that the participants felt comfortable talking about sensitive topics and sharing their experiences. They showed me their homes, played with their pets, introduced me to family members. Video calls during lockdown exposed our humanity and intimate lives. We can’t pick and choose the background or silence the kids playing in the backyard. Also, there is a confessional element to video interactions that not only reflect the physical space people inhabit but also their mental space. People tend to feel more open to sharing intimate aspects of experience because they are in “their element”. The absence of physical presence, in this case, creates a sense of safety. People feel in control of what kind of information they share with you. You are not there snooping-around, paying attention to their body language, listening to the unsaid” (FARIA, 2020).



adquiriram um vínculo estável com alguma instituição superior de ensino. Os pesquisadores e as pesquisadoras que estão em processo de formação e de igual forma carregam esse fazer estão inseridos em estruturas de desigualdade e como toda e qualquer pessoa enfrentam as limitações impostas por essas estruturas.

3. Das tarefas herdadas pelas ciências sociais

Um terceiro e último ângulo a partir do qual proponho encarar as relações entre a pandemia do novo coronavírus e as ciências sociais diz respeito a algumas tarefas que elas herdam do período. Anteriormente, caracterizei algumas questões como estando em aberto e em disputa, com as quais as ciências sociais deverão se confrontar. Quais os efeitos do crescente uso de aplicativos como *Uber*, *Ifood*, *Rappi*, potencializado no período de distanciamento social, terão sobre o mundo do trabalho? O que mudará na atividade docente e no ensino após esse período de ensino à distância? Haverá mudanças permanentes no controle das fronteiras territoriais e aeroportos? Quais os efeitos dessas possíveis alterações sobre movimentos migratórios? Uma primeira tarefa que ficará para as ciências sociais refere-se, portanto, a oferecer respostas para essas e outras perguntas colocadas, deslocadas ou de urgência potencializada pelo presente contexto.

Uma segunda tarefa está associada ao ganho de força e aderência a diversos fenômenos que por vezes têm sido abrigados sob o controverso nome de “pós-verdade”. O problema das *fake news*, que alguns preferem chamar de desinformação, o movimento anti-vacina e os chamados “terraplanistas” - que afirmam que o planeta Terra não é redondo, mas sim plano - já levantavam preocupação bem antes do novo coronavírus.

Agora, a questão se manifesta na baixa adesão ao isolamento social, decorrente da negação da gravidade da doença. A situação chegou ao ponto de profissionais da saúde do Brasil e mais 16 países assinarem uma carta endereçada aos executivos responsáveis pelas principais redes sociais existentes com um conjunto de reivindicações para barrar o que chamam de “infodemia global”, isto é, a viralização de desinformações sobre a doença nas plataformas virtuais (PROFISSIONAIS, 2020).

Para além da necessária discussão dos diversos aspectos que envolvem essas manifestações negacionistas e obscurantistas, é urgente a busca por estratégias de enfrentamento a elas. Todo conhecimento está (e deve estar) suscetível a controvérsias e a ser ultrapassado. Mas os fenômenos relacionados à “pós-verdade” partem de uma negação de acordos éticos e de qualquer compromisso com a veracidade, enquanto busca pela verdade, que fornecem as bases da produção de qualquer conhecimento que se proponha como frutífero, construtivo. Pretendem, ao contrário, a destruição do que não



concordam e a imposição de verdades plásticas.

A pandemia tem mostrado que a urgência em compreender quais os incentivos para a aderência a esses fenômenos relacionados a uma ideia de “pós-verdade” e como enfrentá-los passa não só pelo questionamento da possibilidade de termos eleições livres– questão central em torno da qual correu o debate sobre as *fake news* após o *Brexit*, a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos e de Jair Bolsonaro no Brasil -, mas da própria sobrevivência futura da espécie humana.

Ademais, penso que a pandemia do COVID-19 deixa especialmente evidente que não bastam números, comprovações científicas, imagens ou o apelo de especialistas. Existe uma tarefa de recuperação da legitimidade do conhecimento construído nas universidades que passa por disputas políticas e pela (re)construção do consenso em torno de alguns pressupostos básicos do que pode ser validado enquanto conhecimento confiável e construtivo. Acredito que essa recuperação é privilégio das ciências humanas e recai especialmente sobre as ciências sociais, na medida em que a elas cabe a interpretação da realidade social com vistas à construção de um conhecimento compartilhado coletivamente.

Referências bibliográficas

FARIA, Louise Scoz Pasteur. **Doing research in a Pandemic:** Shared experiences from the field work. Halo Ethnographic Bureau, 06/05/2020. Disponível em: <<https://medium.com/halobureau/doing-research-in-a-pandemic-shared-experiences-from-the-fieldwork-fa1a00fc86fc>>. Acesso em: 10/06/2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. Porto Alegre: **Horizontes antropológicos**, v. 10, n. 21, p. 41-65, junho 2004.

MORRISON A. (Ed.) **Researching in Context**. Oslo: University of Oslo, 2002.

PARREIRAS, Carolina. **Altporn**, corpos, categorias, espaços e redes: um estudo etnográfico sobre pornografia online. 2015. 247 p. Tese (Doutorado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2015.

PROFISSIONAIS de saúde denunciam a infodemia nas redes sociais. Avaaz. Disponível em: <https://secure.avaaz.org/campaign/po/health_disinfo_letter/>. Acesso em: 30/05/2020.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs). Políticas etnográficas no campo da



cibercultura. Brasília: **ABA Publicações**; Joinville: Editora Letradágua, 2016.

Como citar este artigo:

COELHO, Maria Teresa Ruas. Reflexões à Distância. **Áskesis**, São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 95-102, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.519>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Quais são os ingredientes da pesquisa sociológica? O pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisador

João Gabriel Selles Pelegrini¹

Resumo: Neste ensaio, a partir da ideia movediça de que as relações sociais podem ser o que elas não são e seu ser se definir a partir dessa relação, apresentamos os (in)cômodos próprios da pesquisa sociológica e do trabalho do(a) pesquisador(a) em seu *universo paralelo*, não apenas em tempos pandêmicos. Trabalho social que não tem como meta a fantasia, mas objetiva produzir conhecimento sobre nossos objetos sociais. Nas linhas que seguem, a lógica do caminho de pesquisa é descrita acompanhada pela melodia de uma canção que estetiza as incertezas alegres que emergem da percepção de que o objeto sociológico é também por não ser e, exatamente por esse motivo, constitui-se através de nós.

Palavras-Chave: Pesquisa sociológica. Pandemia. Dialética. Sujeito. Objeto de pesquisa.

What are the ingredients of sociological research? The researcher who is the research, the research who is the researcher

Abstract: In this essay, based on the moving idea that social relationships can be something they are not and their being is defined based on this relationship, we present the inconvenient aspects of sociological research and the work of the researcher in their parallel universe, not only in pandemic times. Social work that does not aim at fantasy but aims to produce knowledge about our social objects. In the lines that follow, the logic of the research path is described accompanied by the melody of a song that aestheticizes the joyful uncertainties that emerge from the perception that the sociological object is also because it is not and, exactly for this reason, constitutes itself through us.

Keywords: Sociological research. Pandemic. Dialectic. Subject. Research object.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Pesquisador do grupo de pesquisas Laboratório de Estudos sobre Trabalho, Profissões e Mobilidades (Lest-m), da UFSCar, São Carlos, Brasil. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6964-5411>. E-mail: joapelegrini@estudante.ufscar.br.



Marmelada de banana, bananada de goiaba
Goiabada de marmelo
(GIL, 1977)

A canção, na aparência, desloca as “leis” da química e da física, presente nas composições culinárias, para uma objetividade fantasiosa. No fazer sociológico, vencer o caos aparente é parte do trabalho de investigação.

Em uma primeira olhada para a *marmelada*, em sua existência disforme, notamos que se trata de uma coisa que não é e, portanto, impossível de ser pensada. A *marmelada* não é o que parece, não é também o que deveria ser e jamais poderia ser de *banana* ou *goiaba*. Assim, ela nada poderia ser.

Outras vozes, como em uma sinfonia de feira livre aos sábados de dias não pandêmicos, divagam entre o estado de euforia e/ou o de desespero e abandonam a tarefa de analisar o que se passa nessa terra onde as relações produzem não apenas marmeladas que são por não serem, mas também bonecas, sabugos de milho... tudo é possível de ser já que nada é “no país da fantasia” (GIL, 1977). Uma outra voz mais apressada, filha de uma consciência que busca a tranquilidade nas fórmulas mais óbvias, antecipa uma resposta para o imbróglcio sócio culinário: “ele é maluco!”. Inesperadamente, quando tudo parecia solucionado, uma voz curiosa se levanta entre a dos habitantes da cidade *polichinelo*, ela nos alerta que as coisas podem não ser exatamente como parecem; tudo isso enquanto a flauta não para de solar nos lembrando que a alegria, mesmo muda, ainda canta por aí.

Inesperadamente, como se já não tivéssemos o bastante, a pandemia entrou em cena e nos colocou em estado de *sítio*. Ela, pelas bocas em que é cantada, é definida de forma ambígua, algo entre a possibilidade de redenção ou de destruição de nossa geração. Há, ainda, os que afirmam sua inexistência, como a *marmelada de banana*, estes propriamente chamados de negacionistas. Dentre essas vozes, ouve-se a flauta transversal que continua a solar, agora quase sem fôlego, enquanto o artesão e a artesã sociológica, aqueles que são reconhecidos por “viverem (?) de sua arte”, olham para tudo e percebem – alguns emudecidos pelo terror – que nossas hipóteses podem ter se diluído no nada: será mesmo?

Tomo aqui a liberdade de falar de uma certa perspectiva do que é o fazer sociológico. Há quem pense e faça diferente: a esses, fica aqui a reflexão sobre a importância e a urgência de nossas pesquisas, estamos todos, mesmo que em pontos de partida diferentes, instados por nosso objeto e por nossa vontade de conhecer, dar respostas e forma ao que estamos presenciando.

No país da fantasia, entre bonecas de pano que parecem gente e de gentes que são rebaixadas à condição de sabugo de milho, esfolados até o último caldo, lembramos, as vezes dolorosamente, porque pesquisamos. E descobrimos, ao mesmo tempo, como algo que não se mostra nu, que: a energia de nosso objeto, a sociedade, é movediça e não estática. Concluimos, portanto, que é parte de nosso trabalho analisar *marmeladas que são/poderiam ser de*



banana.

O trágico, como suposto, não se abstém de estar presente e fazer o seu trabalho de preencher o vazio com dor e ironia. O trabalho sociológico se mostra necessário exatamente em tempos que sua importância e utilidade vinham sendo (e ainda são) questionadas. Quando parecíamos abandonados ao acaso, sem destino e nem rumo para nossas reflexões, nosso objeto nos apanha e nos sacode nos inquerindo por respostas. É necessário saber o que é a sociedade, não apenas viver nela.

Descobrimos então, entre o escândalo e o terror dos dias que tem se imposto a todos nós em gradações desiguais, já que vivemos em uma sociedade desigual, que somos objeto das perguntas que nosso objeto nos faz e que o fazer sociológico – introduzindo aqui uma perspectiva próxima aquelas de Weber (2003) e Marx (2011), ou uma leitura dos clássicos – é uma redução em categorias e conceitos do espetáculo da multiplicidade do que é o social. Estamos paralisados pela enorme tarefa que é dar forma ao *desconhecido disforme*: estamos vivos, a Sociologia vive!

O caráter movediço da sociedade e nossa angústia diante das perguntas que formulamos, mas não temos respostas, podem encontrar referência e critério para “realidade” em pensadores e pensadoras que nos sucederam. Na lida de outras sociólogas e sociólogos que já se viram – sem pai nem mãe – apanhados em flagrante fazer sociológico, encontramos referências para dar forma analítica ao social. Nosso caminho cruza e se entrecruza em nossas múltiplas referências.

Mas, além das características múltiplas de nossos objetos sociais, fomos também arrastados pela crise: o fazer sociológico se vê sitiado pela crise, pela angustiante ausência de previsibilidade e de certezas. Mas essa angústia, que toma a ciência da sociedade e está em nós porque temos o desejo de dar contorno a essas indeterminações, é apenas pandêmica ou seria parte de nosso trabalho de pesquisa?

Para começarmos nossa pesquisa, em qualquer conjuntura, por querermos conhecer o que não sabemos, lançamos nossas perguntas, nossas hipóteses, formulamos nossos problemas, estruturamos nosso caminho metodológico e analítico e neste momento, lançamo-nos ao desconhecido. De alguma maneira, poderíamos supor que nossos recursos de construção de nosso objeto podem imobilizar o que é dinâmico, uma fantasia, possivelmente. Um conforto necessário que dura o tempo de cozimento da banana até que ela se torne doce e avermelhada, como uma goiabada que nos alerta do perigo! Uma agridoce lembrança de que as forças sociais que, muitas vezes, são objeto de nossa pesquisa, têm poder social para barrar o prosseguimento de nosso trabalho, dificultá-lo e esterilizado até o ponto em que ele seja socialmente aceito ou não exista mais: nosso fazer, pandêmico ou não, encontra resistência das forças sociais que querem que a fantasia seja a linguagem dominante dessa sociedade. *A cidade polichinelo* não quer as suas dinâmicas postas a nu.



De repente, somos surpreendidos: a pandemia nos trouxe essa catarse que já vinha se produzindo. Responsabilizamos a crise, renegamos o imponderável, dizemos que algo foge da normalidade, que o que parecia não é mais. Na verdade, o que é escancarado, e que era encoberto nos tempos de *euforia*, é que estamos, como sociólogos e sociólogas, diante do que não é, esse é o ser dos nossos objetos e das resistências que eles nos impõem. É nosso corpo que dá vida aos nossos objetos, vida analítica, que se diga.

Essa dialética entre o sujeito pesquisador e “objeto-sujeito”, como uma *boneca de pano que é gente*, é que sentimos como angústia e muitas vezes nos choca. A paz que buscamos na pesquisa, em tempos de pandemia ou não, é uma ilusão, uma espécie de ingenuidade otimista, necessária, talvez, para amortecer as incertezas que nossa vontade de conhecer nos traz. Podemos nos refugiar nesse sentimento, ele torna, em muitos momentos críticos como o atual, as nossas pesquisas exequíveis. No entanto, não podemos supor que analisar a sociedade é lidar com um dado imóvel, pacífico e tranquilo, que nos permitiria inferir sentenças, descrever “leis gerais”, nosso objeto nos leva ao uso do verbo analisar no gerúndio.

Há trabalho e o nosso trabalho está sempre por ser feito. Nosso objeto nos dá trabalho, não podemos nos submeter a ele, pois deixaríamos de nos mover livremente a partir dele, é uma dialética onde somos levados enquanto conduzimos: estamos e não estamos, somos e não somos enquanto construímos nossas pesquisas. A pandemia, a crise que assola o *sítio do pica pau amarelo* em todas as suas dimensões sociais, não é e é expressão de nosso objeto nos lembrando que, para o sociólogo e a socióloga, a bananada pode ser de goiaba e pode não ser. Sempre a incerta análise de seu conteúdo social é que nos dirá o que é a bananada, não nossos pressupostos ou suposições sobre o que ela é ou deveria ser.

Entretanto essas são disposições que nos tomam a partir das dinâmicas sociais. Há, ainda, o próprio trabalho da pesquisa em si. Na relação com nossos objetos, os acessamos através de nossas pesquisas de campo, agora acomodadas as ferramentas digitais. Fato que nos provoca a refletir sobre métodos de pesquisa em condições particulares como essa, além de questões éticas que envolvem o trabalho de investigação sob tais circunstâncias. O fazer sociológico é, como na metáfora hegeliana (HEGEL, 2014), um caminho que o pesquisador traça, com menos metafísica e maior objetividade, onde as figuras que representam a síntese de nossa investigação vão se sucedendo até que tenhamos a totalidade. Paramos quando atingimos o termo onde decidimos saltar, parada referendada por nossos pares. Chegamos sempre ao suficiente possível, nunca ao definitivo. Nosso objeto é inesgotável por ser móvel, nós nos movemos até esgotarmos nossos recursos analíticos. Nesse caminho, podemos usar recursos de diferentes linguagens, tanto para a fruição analítica de nossos objetos quanto na exposição dos resultados de nossa escrita: o fazer sociológico, embora ciência, não está distante das artes.



Esses são alguns de nossos (in)cômodos e alegrias que se apresentam no processo de formação de nossos trabalhos de pesquisa. Entre as paredes que nos isolamos para produzirmos nossas análises através da escrita, desde sempre, em nosso *universo paralelo*, ouvimos a flauta transversal deixando a alegria e tornando-se cada vez mais um som metálico, uma única nota que se repete, fazendo nossas energias corpóreas e mentais se transubstanciarem em análise sociológica. Nasce nossos textos. Eis aí o nosso deslocamento das “leis” da química e da física, presentes na composição singular de cada um de nós, para a objetividade analítica sociológica. Nossas pesquisas ganham através de nós um corpo que passa a ser dela, uma espécie de goiabada que tem seu ser na marmelada, mas como goiabada já caminha por ela mesma cantada nas sentenças de uma bananada de vozes.

As dinâmicas sociais do Brasil, que parecem caóticas e sem lógica, configuram uma metáfora perfeita da lógica da pesquisa sociológica. Afinal, é por essa sociedade e nela que se dão nossas pesquisas.

Referências bibliográficas

GIL, Gilberto. **Sítio do Pica Pau amarelo**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1977. Disponível em: <https://gilbertogil.com.br/conteudo/musicas/?busca=s%C3%ADtio+do+pica+pau+amarelo>. Acesso em 09 de jun. 2020.

HEGEL, Georg W.F. Introdução. In: **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 69-79.

MARX, Karl. O método da economia política. In: **Grundrisse**. São Paulo: Boitempo, 2011. p. 55-61.

WEBER, Max. A Objetividade do Conhecimento nas Ciências e Política Sociais. In: **Ensaio sobre a teoria das ciências sociais**. São Paulo: Centauro, 2003. p.1-74.

Como citar este artigo:

PELEGRINI, João Gabriel Selles. Quais são os ingredientes da Pesquisa Sociológica? O pesquisador que é a pesquisa, a pesquisa que é o pesquisado. **Áskesis**. São Carlos, SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 103-107, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.516>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Resumo: “*O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao...*”. Ao som de um sax metálico que corta o céu da Itália, sorrisos e danças me alegram. O que une pessoas tão diferentes em tempos onde o luto celebra em valsa triste uma guerra pandêmica pelo mundo? Inspirado em Deleuze e Guattari e afectado por um vídeo no *YouTube* argumento neste texto que um devir-saxofonista em tempos de Covid-19 se torna, portanto, parte do arsenal criativo contra a tristeza que diminui a nossa potência no mundo.

Palavras-Chave: Filosofia da Diferença. Covid-19. Estudos Culturais. Devir. Afecto.

For a becoming-saxophonist: learning to live (with) affections in times of pandemic

Abstract: “*O bella ciao, bella ciao, bella ciao, ciao, ciao...*”. At the sound of a metallic sax that cuts across the sky in Italy, smiles and dances make me happy. What unites so different people in times when mourning celebrates a pandemic war around the world in sad waltz? Inspired by Deleuze and Guattari and affected by a video on YouTube, I argue in this text that a becoming-saxophonist in Covid-19 times therefore becomes part of the creative arsenal against the sadness that diminishes our power in the world.

Keywords: Philosophy of Difference. Covid-19. Cultural Studies. Becoming. Affection.

1. Primeiros acordes...

Um sopro diferente lança-se sobre o mundo. Ao contrário de outros anos, onde nos equilibrávamos pós-dispersão dos desejos carnavalescos rumo à reorganização de nossas vidas cotidianas capitalísticas e carregadas

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, Brasil. Membro do Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte/Educação (GPCAE) e do Laboratório de Experiência, Visualidade e Educação (LEVE/UFPE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5536-064X>. E-mail: ateneu7@gmail.com.



de tonalidades diluídas no tédio, algo emerge com uma força descomunal no ano [atípico?] de 2020. Como que brotando de um olho d'água na cidade de Wuhan, China, um rio caudaloso chamado de “novo coronavírus” se espalha violentamente pelo mundo, nos deixando desarmados diante do seu arsenal. Destruindo a potência respiratória de um corpo que desfalece e desidratando uma sociedade nutrida pela arrogância tecnológica, pelo poder de compra e pelas gotículas de fascismo espalhadas aqui e acolá, o Covid-19 emerge como um grande desafio articulador de forças borradoras de fronteiras.

E é assim que “el coronavirus está poniendo a prueba nuestro sistema²” (HAN, 2020, p. 97), confundindo nossas certezas, produzindo novas formas de olhar o mundo e pondo em movimento aprendizagens de vida [e de morte], pois, segundo Judith Butler (2020, p. 59): “El aislamiento obligatorio coincide com um nuevo reconocimiento de nuestra interdependencia global durante el nuevo tiempo y espacio que impon ela pandemia³”. Um isolamento social que nos tira das ruas, dos abraços, limita a nossa pretensa autonomia vendida com rigor pelo mercado de consumo e que encerra os nossos corpos físicos nos encaixotados cômodos financiados pelos bancos.

O que desejo, neste texto, é explorar despretensiosamente as potências de vida em meio à morte, novas experimentações que repensem a nossa vida no mundo, agitando águas tranquilas e que tragam à tona possibilidades outras de experimentar uma existência embebida na solidariedade, no *afecto*⁴, na alteridade, no senso de coletividade pulsante.

02 de abril de 2020. Perturbado com todas as questões de ordem individual e coletiva que estavam prestes a assombrar com mais vigor o Brasil por meio da pandemia – que começava a se espalhar com mais força nas nossas terras – deparo-me com um vídeo no *YouTube* que aquece meu coração. Nesse, postado no dia 19 de março de 2020, um rapaz de terno branco dança e toca em seu saxofone a música *Bella Ciao* no alto de uma varanda na Itália, alegrando a vizinhança que se deslumbra, acompanhando com palmas o jovem músico. Naquele mesmo dia o país havia se tornado o território com mais mortes causadas pelo coronavírus em todo o mundo e gerava, por todas as partes do globo, uma onda de solidariedade e liberação de afectos.

Como produzir linhas de fuga onde paira uma atmosfera de medo? O que os encontros de múltiplos desejos podem gerar em matéria de esperança? Como se orchestra uma música, quero juntar alguns instrumentos [teóricos] traçando linhas de composição para pensar em um devir-saxofonista para celebrar a vida em tempos tão sombrios. Lanço-me aos afectamentos

² “o coronavírus está testando nosso sistema” (tradução livre).

³ O isolamento obrigatório coincide com um novo reconhecimento de nossa interdependência global durante o novo tempo e espaço impostos pela pandemia” (tradução livre).

⁴ Tomo o conceito de *afecto* de Gilles Deleuze no documentário-entrevista com Claire Parnet chamado *L'abécédaire* de Gilles Deleuze, filmado entre os anos de 1988 e 1989. Para o autor, “[...] os afectos são os devires. São devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por ele. O afecto é isso. Será que a música não seria a grande criadora de afectos? Será que ela não nos arrasta para potências acima de nossa compreensão? É possível”.



produzidos pelo vídeo neste jovem pesquisador e nas narrativas dos comentários de internautas que também se deixaram ser tocadas para pensar as potências pedagógicas desses currículos em forma de imagem, textos, sonhos, esperança.

2. “Oh Bella Ciao, Bella Ciao, Bella Ciao, ciao, ciao...”

Acredito que nenhuma canção poderia retratar tão bem este momento que *Bella Ciao*, hino tradicional italiano originalmente entoado pelas trabalhadoras rurais do final do século XIX e, décadas mais tarde, costumeiramente tocado nas trincheiras como símbolo da Resistência Italiana contra o fascismo na Segunda Guerra Mundial (BERNARDI, 2018). Ganhando a sua versão em vários idiomas por todo o mundo, a música celebra a liberdade, a força e a resistência contra as tiranias de toda ordem, erguendo-se como um cântico de guerra em múltiplos territórios de contestação sistêmica.

Figura 1 – Saxofonista italiano Daniele Vitale em vídeo do YouTube



Fonte: Print ScreenYouTube, 2020.

Legenda: Vídeo postado no canal do YouTube Daniele Vitale Sax, com título: "Bella Ciao" - BALCONY SAX PERFORMANCE in ITALY

Ao ver a alegria dos italianos e italianas em suas varandas, nos dias mais difíceis, talvez, de suas histórias, quando a Itália havia se tornado o país com mais mortes em todo o mundo, ultrapassando a China, penso na rememoração da vitória contra o aprisionamento da(s) liberdade(s) que *Bella Ciao* causa e me pergunto: quais agenciamentos podem ser produzidos em meio àquele cenário? Quais forças se organizam para potencializar novas formas de existência em meio aos limites impostos pela dor, pelo luto, pela doença? Compreendo junto com Gilles Deleuze e Félix Guattari que “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 24). Fomentando, portanto, novos acontecimentos em meio ao encontro das diferenças, das vidas compartilhadas e que geram nascimentos que expandem a capacidade de respirar.



Em uma sociedade adoecida pela tecnologia onde “[...] nuestras máquinas portátiles de telecomunicación son nuestros nuevos carceleros y nuestros interiores domésticos se han convertido en laprisión blanda y ultraconectada del futuro⁵” (PRECIADO, 2020, p. 183), entoar canções e liberar notas de alegria em dias dramaticamente terríveis torna-se o que Deleuze e Guattari chamam de prática de *desterritorialização*: uma “potência perfeitamente positiva” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 89). Uma linha desterritorializada em um corpo que sai do lugar-comum, desconforta-se na servidão, na estratificação de si e dos seus desejos, na solidificação dos seus significados, rumo a uma outra forma de se relacionar, de compor laços, sendo assim, uma “micropolítica da percepção, da afecção, da conversa” (DELEUZE; GUATTARI, 2012a, p. 99).

Penso que esse cenário de risos, palmas, danças, celebração...se transformou em uma multiplicidade intensiva, um processo de movimentos que vão além do espacial ou do temporal, mas, que naquele grupo, desdobra-se, desenrola-se, desenvolve-se e faz com que haja uma mudança de natureza (TADEU, 2004). Uma nova composição de forças rompe como um grande “território curricular” (PARAÍSO, 2018), pois compreendo, à luz dos Estudos Culturais, que as aprendizagens se desenvolvem em espaços diversos, costurando linhas de produção múltiplas de subjetividades. Assim, nesse cenário de cura das almas em meio à pandemia, percebo sim um currículo, linhas de (des)formação de sujeitos, pois ele “[...] agencia forças e faz ver e sentir o belo que é aprender, viver e expandir” (PARAÍSO, 2018, p. 47).

Se são os movimentos de vida aqueles que liberam forças e, de maneira relacional, desabrocham como perfume de esperança, penso que, lançando mão da mudança de fluxos proporcionada pelas imagens do vídeo, um *devir-saxofonista* urge para nos ensinar a viver em tempos tão difíceis como esses. Já que “[...] o devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 18), pensemos o devir como um movimento de aliança e de trocas das partículas que compõem as nossas formas de ser e estar no mundo. Alteremos a nossa disposição rumo às mais belas composições capazes de contagiar, assim como um vírus – mas desta vez uma epidemia de afectos potencializadores – produzindo danças animais, rebeldes, sorridentes, extravagantes no sórdido mundo. Visto que “[...] todo devir é intenso, decorre dos afectos, dos encontros e das trocas moleculares entre corpos” (GOMES, 2002, p. 64), o *devir-saxofonista* é capaz de celebrar com sons metálicos sob qualquer céu, especialmente os que chovem lamentos, cruzando varandas de isolamento e a vontade de encarcerar múltiplas formas de vida.

Não proponho aqui nenhum modelo, pois “devir nunca é imitar”

⁵ Nossas máquinas de telecomunicações portáteis são nossos novos carcereiros e nossos interiores domésticos se tornaram a prisão suave e ultraconectada do futuro”. (tradução livre).



(DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 113), mas, da ordem de uma aliança, é a forma mais livre e não repetível de experimentação das diferenças, da troca entre partículas que *deformam a forma dura* em função da *força livre*. Agitar bandeiras, trocar sorrisos...que liberação extraordinária de possibilidades de agenciamentos desejantes [e desejados] que fluem daquelas varandas italianas, como linhas curriculares extravagantes! Pensando o currículo como uma composição, Paraíso (2015, p. 50), argumenta que:

Se a *forma* paralisa o movimento, a *força* é deformadora das formas, mobilizadora da diferença e agenciadora de devires. A força é instância condutora de movimentos que possibilitam deixar de ser. A força é fluxo que nos faz cair na linha de fuga de um devir. Ela é instância mobilizadora de encontros potentes que permitem encontrar a diferença de cada um. (grifos da autora).

Como um movimento de *vir a ser* que se efetua sempre entre os estados, apontando para processos, velocidades, ritmos, cadências, o *devir-saxofonista* como atividade mobilizadora de esperança se acentua como possibilidade em tempos de Covid-19, como um “[...] *agenciamento maquínico* de corpos, de ações e de paixões, mistura de corpos reagindo uns sobre os outros.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 31, grifo dos autores). Agenciamento potente para as multiplicidades, visto que “não existe um Ser, dado de uma vez por todas, que atravesse os entes: existe produção ontológica através dos universos de referência, das práticas sociais, analíticas, estéticas” (GUATTARI, 2016, p. 102), destacando os encontros impactantes que temos durante os percursos em vida e que são importantes para as nossas elaborações subjetivas.

Uma cena, em particular, chamou muito minha atenção no decorrer do vídeo (00:00:30). Uma mulher, que se encontra sozinha na varanda de sua casa, agita um balão em formato de coração ao som de *Bella Ciao* enquanto, ao lado, a bandeira da Itália é agitada pelos ventos... Quão potentes são os encontros que nos mobilizam para nos desterritorializarmos e expandirmos a nossa presença com vida no mundo! Pensando no ser no coletivo, Deleuze e Guattari vislumbram o que pode se dar em meio a esses agenciamentos, “pois o afecto não é um sentimento pessoal, tampouco uma característica, ele é a efetuação de uma potência de matilha, que subleva e faz vacilar o eu” (2012b, p. 22). Ainda segundo os filósofos, “os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012c, p. 18), promovendo atravessamentos gloriosos de disparos que cortam os céus mais endurecidos, cinzentos, hediondos.

São flechas que dançam ao som de um *devir-saxofonista*, que não se limitam nem espacialmente e nem temporalmente, desobstruindo as linhas endurecidas da violência, seja do Estado, do sistema doentio capitalístico ou de qualquer outra forma que tente diminuir as potências de existir. A seguir procurarei desenvolver mais os afectamentos causados em mim e nos outros/as, por meio das escritas dos comentários no vídeo que aqui trago,



demonstrando que práticas de solidariedade e de estilização de si por meio da escrita produzem múltiplas subjetividades.

3. Disparando *escritas-flechas* que afectam

Alguns comentários de internautas em reação ao vídeo do saxofonista italiano podem ser reunidos neste grande cesto de flechas carregadas de afecções⁶ em busca da expansão da solidariedade. Enquanto vivenciamos tempos de abraços e apertos de mão suprimidos pelo medo da contaminação do novo coronavírus, bem como substituímos essas práticas de socialização pela digitalização dos laços, as narrativas emergem com força nesses outros espaços de convívio social.

Concordo com Guattari (1992) ao argumentar que a informática e as tecnociências são produções maquínicas de subjetividades, ou seja, “a maneira como o sujeito faz a experiência de si mesmo em um jogo de verdade, no qual ele se relaciona consigo mesmo” (FOUCAULT, 2004, p. 236). Dessa forma, percebo como interações produtivas tanto a leitura desses comentários, quanto o próprio ato de escrever, correspondente a um exercício com potentes aprendizagens subjetivas.

Um dos usuários escreve o seguinte: “Minha querida avó italiana disse uma vez: A vida não está prestes a esperar até que a tempestade passe, a vida está prestes a aprender a dançar na chuva” (tradução minha), obtendo 795 curtidas de outros/as internautas. As 18 respostas a esse comentário sinalizam para as interações carregadas de afectos, de correspondência, de desejos mútuos de tempos de alegria que surgem de diversos países, enunciados na postagem, pois “ler é traduzir. Interpretar é traduzir. E toda tradução é produção de novidade de sentido” (LARROSA, 1996, p. 158), além disso, “[...] traz lembranças do passado que são os alicerces da morada interior, lança luz em caminhos outrora ocultos na alma e aponta para novas perspectivas” (SILVA JUNIOR, 2017, p. 57). Cada narrativa dançante nos comentários dos vídeos, portanto, desenvolve formas diferentes na capacidade de afectar e deixar ser afectado/a, sendo potentes para a valorização das diferenças e a aglutinação em torno de projetos, paixões e desejos compartilhados.

Obtendo cerca de 4 mil curtidas, um outro usuário diz: “Crianças no futuro. É assim que as pessoas na Itália tentam se divertir durante o surto de coronavírus. Não fique deprimido com suas lutas. Sejam fortes”. Antevendo a recepção do vídeo em gerações futuras, rompendo com limites temporais arregaçados pela cibercultura, o comentário produz práticas afirmativas de vida, delineando-se como flechas potentes em um porvir. Uma das respostas

⁶ “Numa primeira determinação, uma afecção é: o estado de um corpo enquanto sofre a ação de um outro corpo [...] A affectio é uma mistura de dois corpos, um corpo que é dito agir sobre o outro, e o outro que vai acolher a marca do primeiro. Toda mistura de corpos será chamada afecção” (DELEUZE, 2019, p. 44, grifo do autor).



ao comentário relembra os comunistas italianos que cantavam *Bella Ciao* na guerra contra o fascismo e que a música nos dá esperança em tempos sombrios rumo a um futuro melhor. Os processos de fortalecimento mútuo em tempos difíceis emergem com força por meio da linguagem colocada em movimento pelo vídeo, pois, para Deleuze e Guattari (1992, p. 213, grifo dos autores), a obra de arte “é um bloco de sensações, isto é, um composto de perceptos e afectos”. Sendo uma afecção entre vidas, penso que os encontros, oportunizados pela música, são capazes, a luz de Deleuze (2019), de aumentar a potência, como uma prática experimental.

O que une pessoas tão diferentes em tempos onde o luto celebra com uma valsa triste uma guerra pandêmica pelo mundo? Estaríamos nós traçando um plano comum, uma comunicação entre as nossas singularidades? Acredito que a conexão entre corpos por meio dos afectamentos mútuos são possíveis quando rompemos com práticas individualistas, típicas de uma “subjetividade capitalística” (GUATTARI, 2016) e nos permitimos, pelo atravessamento marcado pela alteridade, construir pontes que são diferentes do que está posto aí fora e retroalimentado pelo mercado, pela mídia e pelas tecnologias das emoções dispersas, tão próprias da contemporaneidade. Para Kastrup e Passos (2013, p. 267); “é comum o que, na experiência, é vivido como pertencimento de qualquer um ao coletivo”, sendo aquilo que nos congrega em meio às mais belas plumas da(s) diferença(s).

Penso, junto com Foucault (2004), que a escrita de si, tão presente nos comentários impactados pelo vídeo e pela pandemia causada pelo Covid-19 no mundo, tem um importante papel para o sujeito na formação de si mesmo. Por meio da escrita, ao compormos nossas histórias, rememormos nossas experiências, divagarmos em torno dos nossos sentimentos, somos levados a projetar nossos olhos para o que temos de mais resguardado, aguçando melhor a estilização da nossa existência no mundo. Escolher as palavras na composição da escrita é materializar os afectos que nos atravessam em torno de novos devires. Para Foucault (2004, p. 147), a escrita, entre os gregos, estava associada ao “[...] exercício do pensamento sobre ele mesmo que reativa o que ele sabe, torna presentes um princípio, uma regra ou um exemplo, reflete sobre eles, assimila-os, e assim se prepara para encarar o real”.

Assim, como em um exercício de debruçamento sobre a própria alma, as escritas encontradas nos comentários dos vídeos podem ser vistas como uma materialização do plano comum em meio às diferenças, pincelando as heterogeneidades em um grande quadro de alteridade. Em meio ao doloroso isolamento social promovido pelo novo coronavírus, as narrativas que se desenvolvem em resposta ao vídeo do saxofonista italiano espalham-se como uma rede potente de expansão da vida por meio de encontros que celebram a esperança, visto que “[...] sempre se precisa de ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma” (FOUCAULT, 2004, p. 155).



4. Últimos acordes...

Estas linhas (des)encontradas de um desejo abundante fluindo do coração de um pesquisador apaixonado pela escrita servem como acordes em uma orquestração de múltiplos corações que se abraçam nas noites penosas, sem estrelas, da maior pandemia que esta geração já presenciou. Estar na internet e ali ser afectado por outros e outras que rompem os limites impostos pelo isolamento social, mostra-se como uma producente entonação musical dos nossos dias, transformando formas de ser e estar no mundo.

Como um grande território curricular onde múltiplas linhas se espalham rizomáticas na expansão dos desejos e da vida, compreendo os afectamentos em rede como um arsenal – utilizo propositadamente esse termo bélico – que podem causar novidades nas multiplicidades que não se limitam aos corpos físicos encarcerados, mas que rompem como uma aurora belíssima de esperança. Estes novos agenciamentos se movem na singularidade de um acontecimento, pois esse, mesmo microscópico – ali na frente de um vídeo de um saxofonista entoando uma canção de resistência no dia mais terrível do isolamento social na Itália – “[...] estremece o equilíbrio do poder local” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p. 34), espalhando-se por todos os lados.

Um *devir-saxofonista* em tempos de Covid-19 se torna, portanto, parte do arsenal criativo contra a tristeza que diminui a nossa potência no mundo, “afinal no devir-artista tudo é possível, tudo é permitido porque seu trabalho é inventar outros possíveis. A criação é a própria matéria para inventar o mundo” (PARAÍSO, 2015, p. 55). Portanto, aceitemos mais um conselho – nada prescritivo, mas um aconselhamento sustentado na singularidade dos acontecimentos – dos filósofos Deleuze e Guattari, para que eu finalize esse texto: em tempos como esses, enfatizo, “[...] faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha. Seja rápido, mesmo parado! Linha de chance, jogo de cintura, linha de fuga.” (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 48). Já somos um emaranhado de esperanças....

Referências bibliográficas

“BELLA CIAO” – BALCONY SAX PERFORMANCE in ITALY. Publicado pelo canal **Daniele Vitali**. 1 vídeos (2m). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BSWYSww-RIY>. Acesso em: 27 maio 2020.

BERNARDI, Renan. Da luta do povo italiano ao mainstream: conheça a(s) história(s) por trás de “BellaCiao”. **Tenho mais discos que amigos**. 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.tenhomaisdiscosqueamigos.com/2018/09/19/bella-ciao-significado/>. Acesso em: 27 maio 2020.

BUTLER, Judith. El capitalismo tiene sus límites. In: AMADEO, P. (org.) **Sopa**



de Wuhan. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 59-65.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011. 1 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. 3 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. 2 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Suely Rolnik. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012c. 4 v.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia.** Tradução de Peter PálPelbart e JániceCaiafa. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2012c. 5 v.

DELEUZE, Gilles. **Cursos sobre Spinoza (Vincennes, 1978-1981).** Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evilene Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Júnior e Jefferson Alves de Aquino. 3 ed. Fortaleza: EdUECE, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V – Ética, sexualidade e política.** Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

GOMES, Paula Basso Menna Barreto. **Devir-animal e educação. Educação & Realidade,** Porto Alegre, v. 27, n. 2, p. 59-66, jul./dez. 2002.

GUATTARI, Félix. **Caosmose.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **Confrontações: conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia dos Santos.** São Paulo: n-1 edições, 2016.

HAN, Byung-Chul. **La emergencia viral y el mundo de mañana.** In: AMADEO, P.(org.) **Sopa de Wuhan.** Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 97-112.



KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25, n. 2, p. 263-280, maio/ago. 2013.

L'ABÉCÉDAIRE de Gilles Deleuze. Direção Pierre-André Boutang. Produção de Éditions Montparnesse, Paris, 1988-1989. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFOgYz2n3pU>. Acesso: 23 jun. 2020.

LARROSA, Jorge. Literatura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 133-161.

PARAÍSO, Marlucy. Um currículo entre formas e forças. In: **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 49-58, jan./abr. 2015.

_____. Fazer do caos uma estrela dançarina no currículo: invenção política com gênero e sexualidade em tempos do slogan “ideologia de gênero”. In: PARAÍSO, Marlucy; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva (org.). **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.p. 23-52.

PRECIADO, Paul B. Aprendiendodelvirus. In: AMADEO, P. (Org.) *Sopa de Wuhan*. Madrid: ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio), 2020. p. 163-185.

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. A leitura como despertador do ser. In: **Revista dEsEnrEdoS**, n. 28, p. 55-57, dez., 2017.

TADEU, Tomaz. **A filosofia de Deleuze e o currículo**. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais, 2004.

Como citar este artigo:

SILVA JUNIOR, Alcidesio Oliveira da. Por um devir-saxofonista: aprendendo a viver (com) afectos em tempos de pandemia. **Áskesis**, São Carlos - SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 108-117, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.474>

Data de submissão do artigo: 29/05/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020



O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa

Juliana Marques de Sousa¹
Jennipher Taytsohn²
Aline Priscila Craveiro Cardoso³

Resumo: Martins (2000) nos provoca a colocar aquilo que é liminar como referência de compreensão sociológica; amparado nisso, buscou-se, neste artigo, dar visibilidade à produção de existência daqueles que estão à margem para pensar alguns dos muitos adoecimentos crônicos da sociedade brasileira em paralelo à situação aguda que se impõe com a pandemia da Covid-19. Convidamos à interlocução sobre um Brasil que precisa ser resistente à gravidade do mundo, coletivamente atuante, largamente solidário e absolutamente crítico às “normalidades” do nosso tempo, que tem de ser, portanto, uma grande Barra Longa. O objetivo das reflexões aqui articuladas é ampliar as alternativas de amanhã mesmo diante do pessimismo mais tentador.

Palavras-Chave: Conflito socioambiental. Pandemia. Enfrentamento. Covid-19.

Brazil needs to be a big Barra Longa

Abstract: Martins (2000) provokes us to place what is liminal as a reference for sociological understanding. Based on that, we seek to give visibility to the production of the existence of those who are on the sidelines to think about the chronic diseases of Brazilian society in parallel to the acute situation imposed by the Covid-19 pandemic. We invite the discussion about a Brazil that needs to be resistant to the gravity of the world, that is collectively active,

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e doutoranda em Ciências Sociais pela mesma instituição, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ e da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB. São Paulo, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7651-1876>. E-mail: julianamarquesce@gmail.com.

² Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ e da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB. Teresópolis, RJ, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8571-4912>. E-mail: jenni_taytsohn@hotmail.com.

³ Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e doutoranda em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisadora do Observatório Fluminense/UFRRJ, da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens – ATEMAB e do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM. Campinas, SP, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3197-1507>. E-mail: alinecrcardoso@gmail.com.



more supportive and critical to the "normalities" of our time, therefore, has to be a big Barra Longa. The purpose of the reflections articulated here is to expand future alternatives even in the face of the most tempting pessimism.

Keywords: Socio-environmental conflict. Pandemic. Coping. Covid-19.

1. Introdução

*O Brazil não merece o Brasil
O Brazil tá matando o Brasil (...)
Do Brasil, SOS ao Brasil
Do Brasil, SOS ao Brasil.
(Maurício Tapajós e Aldir Blanc)*

Pensar o tempo pandêmico é, sobretudo, pensar em amanhã menos doídos. Advogamos um socorro “do Brasil ao Brasil”, isto é, pensar as experiências de luta e enfrentamento por nada além do justo para as mulheres e homens simples (MARTINS, 2000), para os trabalhadores, camponeses, atingidos⁴ e/ou desagregados aqui. Acionar a dimensão dos agravamentos sociais é preciso, mas também é urgente mobilizar o horizonte de enfrentamentos.

Toda pesquisa/pesquisadora é afetada (FAVRET-SAADA, 2005) e, desde logo, adverte-se que Barra Longa, aqui, não é uma escolha analítica aleatória, mas o tratamento de uma experiência, enquanto pesquisadoras, na elaboração da matriz de danos dos atingidos, desenvolvida por meio da Assessoria Técnica e Educacional Meio Ambiente e Barragens (ATEMAB)⁵. Por isso, as perdas, os danos e as dores desses atingidos passaram por nós demoradamente, muito além dos minutos televisivos divulgados na ocasião do crime.

Possivelmente você não conhece Barra Longa, não sabe que nenhum ônibus de linha segue para lá, provavelmente nunca viu suas ladeiras, rios e vales, tampouco conhece os traços dos “homens simples” de lá. Mas é bem capaz que tenha ouvido os gritos por justiça que ecoaram desse lugar interiorano, vozes de uma comunidade atravessada por um crime. Era 5 de novembro de 2015 e a barragem de Fundão operada pela Samarco Mineração S.A.⁶ rompeu, e se abriu uma enxurrada de milhões de metros cúbicos de rejeitos de mineração; era lama tóxica modificando, interrompendo, atingindo toda a produção das existências de uma comunidade (ATEMAB, 2019).

O rompimento da barragem de Fundão é uma página aberta ainda

⁴ Define sujeitos que são possuidores de direitos a serem restituídos, mitigados, reparados, indenizados e compensados a partir da violação aos seus direitos fundamentais por algum agente ou empreendimento econômico. O conceito de atingido pretende dar conta de uma determinação identitária, bem como de sujeitos possuidores de direitos, mobilizados em direção a tal ação (VAINER, 2008).

⁵ Grupo de Assessoria Técnica e de Pesquisa vinculado à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e coordenado pela professora Flávia Braga Vieira.

⁶ Cujos principais acionistas são Vale S.A. e BHP Billiton Brasil Ltda.



hoje e, por isso, não queremos falar de superação, para não correr o risco de produzir futuros sem presente; acionamos aqui a dimensão do enfrentamento diante do caos, e enfrentar é sempre uma conjugação do presente. O futuro não é uma doação para os que vivem no agora, é uma construção, depende da ação, seja esta de capacidade micro ou macro. A costura de uma sociabilidade centrada na discussão detalhada, local, aberta e dialógica foi um dos caminhos adotados para tratar o que doía nos barra-longuenses, por meio de organização comunitária, grupos de base e comissões de atingidos.

Barra Longa não é apenas o retrato de um crime contra a vida, mas a evidência de como a organização coletiva de uma comunidade pode salvar da desesperança mais violenta e produzir uma sociabilidade outra. Os barra-longuenses carregam em sua história uma condição particular, a construção de um enfrentamento coletivo daquilo que os adoeceu socialmente, um crime socioambiental sem precedentes na história.

A reparação integral de uma condição pós-crime é o horizonte justo, porque nela cabe a produção de amanhã para aqueles que tiveram suas vidas violadas, e isso impõe pensar que o enfrentamento do que nos aflige individualmente depende da recomposição total das condições de vida, ou seja, daquilo que nos faz sociedade, comunidade. A solidez de superar aquilo que nos adoece é estabelecer um novo princípio político e social no qual o individual seja indissociável do coletivo.

A pandemia, no Brasil, nos exige pensar na existência humana como produção coletiva. É costurando as urgências individuais em práticas de lutas sociais amplas e comuns que se dão as “(...) conquistas fundamentais do gênero humano, [capazes de] libertar o homem das múltiplas misérias que o fazem pobre de tudo” (MARTINS, 2000, p. 11).

Pensar a vida enquanto categoria analítica significa ultrapassar o debate acerca da reprodução material do *homo economicus* (BOURDIEU, 2000). Representa pensar o intangível, abarcada por sentimentos dos mais diversos gêneros, como dores, alegrias, satisfações, tristezas etc. Sendo assim, é pertinente pensar as emoções como elementos mais sociais do que necessariamente imbricados com um universo particular remetido às individualidades e interioridades (FAVRET-SAADA, 2005).

É preciso “descolonizar” o pensamento, a fim de compreender as relações sociais assimétricas, que traduzem suas ideias de mundo, experiências e traumas coletivos enquanto universo inerente a uma condição particular, com sociabilidades e redes simbólicas (VIVEIROS DE CASTRO, 2002). Esses traumas coletivos são tangidos por violações de códigos, relações e afetos na vida social. Essa dor, não necessariamente física, é constantemente narrada após eventos traumáticos que desafiam a vida dos sujeitos.

A dor é uma forma de relação com o mundo, não é uma invariante inevitável, mas “(...) pode se exprimir, ou ao contrário, se recalcar, se expulsar ou se agitar, se negar ou arrastar outrem para ela” (FARGE, 2011, p. 13). Em



um momento em que o Brasil e o mundo atravessam uma pandemia de tais proporções, algumas questões aparecem como evidentes: De que forma se enfrenta as dores coletivas em isolamento? Como a questão sanitária se impõe diante desse contexto?

Se os modos de vida são expressões essenciais para se pensar esse conceito abstrato, nesse sentido, em um momento de distanciamento social que objetiva frear o contágio do vírus, a dimensão social pede por uma análise profunda e ampla. Mais do que compreender as possibilidades de driblar as ausências oriundas do distanciamento físico, cabe refletir de que forma as perdas e as dores coletivas decorrentes de processos traumáticos e estruturantes não são novidades no Brasil. Ocorre que, neste momento, as dores coletivas ganham dimensões mais generalizadas.

A estrutura social cotidianamente atua selecionando os sujeitos cujo direito é viver e outros, cujo destino é estar ao deus-dará. Antes, as mortes (fim de mundos individuais) podiam ser analisadas a partir das cisões existentes nas sociedades devido às distinções de classe, raça, gênero e sexualidade. Hoje, com a Covid-19, parece atingir camadas que a população brasileira não se encontra entusiasmada em perder.

2. Narrativa do fim do mundo

Os atingidos pela barragem na região narram, constantemente, que a chegada da lama remonta a uma experiência apocalíptica de perdas intangíveis. E, do mesmo modo, a chegada do coronavírus, como agente externo e dificilmente controlável, colocou a sociedade brasileira a lidar com questões que Barra Longa teve que encarar de maneira brusca e repentina.

Quando uma barragem se rompe, apagam-se os rios, o solo, os bichos, as casas, os seres humanos, o modo de vida; ali está o fim de um mundo. O que é perder o mundo? Quais mundos foram perdidos e tiveram que seguir o percurso da vida? Quais fatores determinam a reconstrução ou a (re)consolidação de histórias? O caso barra-longuense ajuda a decodificar mecanismos para que esses “mundos abstratos” possam seguir e se reconfigurar: caso necessário, para os que ficaram.

O mundo barra-longuense mudou, os atingidos foram obrigados a reorganizarem suas vidas sobre a lama. Essas dores interiores que são imbricadas nas vidas dos sujeitos afetados também podem ser responsáveis por movê-los diante da situação de crise. A dor aparece de maneira ambígua, que flutua entre sacrifício, lutas e conquistas, alimentada por uma temporalidade de narrativas capazes de construir a identidade coletiva de Barra Longa (GUEDES, 2015; WEITZMAN, 2015).

José Pascual, um senhor de 76 anos, morador de Paracatu de Baixo, subdistrito de Mariana, utilizou a “narrativa do fim do mundo” para



representar o que viveu no momento em que viu a lama chegar e soterrar toda sua vizinhança (PASCUAL, 2016 *apud* AFP, 2016)⁷. Seu José relata que mesmo com o projeto de reassentamento em discussão, isto é, a construção de uma nova vizinhança, jamais as memórias vividas por ele, naquele local junto à comunidade, serão reconstituídas como as anteriores ao rompimento.

A dor do rompimento promoveu devastações não antes imaginadas e foi socorrida pelo luto coletivo. Todos foram parcialmente responsáveis por reconfortar e viabilizar a continuidade possível das vidas que ficaram. Porque a dor é um motor de duros processos de imobilidade, da vivência do luto, mas também pode ser de muita mobilidade impulsionada pela indignação, pelo senso de justiça, mágoa, raiva, tristezas etc.

Falar da enxurrada de rejeitos de minério que atingiu o Rio Doce não é necessariamente falar sobre “coisas”, aquilo que é tangível. Falar de Barra Longa é falar daquilo que o Brasil, de maneira mais ampla, vem perdendo. Percebam! Não é possível ser o que foi, porque mundos acabam. A pergunta é: como é possível ser, e como fazer para produzir uma “existência outra”, incompatível com tudo e todos que violam a vida? É preciso consolidar novas e potentes redes de solidariedade e construir um processo de cicatrização dos sofrimentos coletivos.

3. A vida ao avesso

O discurso de defesa da vida se alargou ao avesso de tal forma, que mesmo os que provocam a morte usam essa retórica desavergonhadamente. João Pedro, 14 anos, executado dentro de casa, no quinquagésimo sétimo dia de quarentena, quando em curso uma “operação policial” do estado do Rio de Janeiro, avista um projeto de nação que mata seu próprio corpo. Não bastou a *hashtag* de ficar casa; não bastou estar em casa. João Pedro morre pela ação do Estado.

E o que isso tem em comum com a pandemia que se impõe no Brasil e com os barra-longuenses atingidos? A execução de João, os milhares de mortos pelo coronavírus e a lama tóxica que arrasou Barra Longa conjugam uma narrativa de admissão da morte nos termos de Mbembe (2016) – a necropolítica, transvestida de práticas e discurso de vida, riqueza, leveza, desenvolvimento e progresso.

Não é novidade que o Estado opera produzindo a morte, seja como uma política declarada de “atirar na cabecinha” de negros e pobres, seja pela convivência estatal com lógicas empresariais predatórias que anotam em suas planilhas um alto risco de matar; e, se não for suficiente o aparato armado estatal, o lucro acima da vida, vale ainda um recurso aos moldes de Euclides da Cunha (2002): seleção natural, isto é, deixar morrer os “fracos”,

⁷ Relato publicado no site *Isto É* (2016).



os “caquéticos”, “a caqueirada social”⁸.

O coronavírus é uma pandemia, mas no Brasil é, também, a narrativa de um crime persistente. O “e daí”, a “gripezinha”, “nosso povo não pega nada” e “não sou coveiro” não são apenas conteúdo do campo da linguagem do presidente do Brasil (NÃO SOU COVEIRO..., 2020; CHAIB; CARVALHO, 2020), mas também a adoção de uma política de morte crônica, estrutural e implacavelmente cruel.

Deveria ser suficiente dizer que o direito à vida não é uma escolha polarizada com a economia, mas uma condição inalienável para toda e qualquer sociedade. A ruptura da barragem de Fundão impôs aos barra-longuenses a construção dessa tão falada “outra normalidade”, que não podia ser o que fora por causa da lama, das perdas materiais e imateriais. Enquanto isso, outros tantos Brasis seguiam suas rotinas, com algumas doses de comoção e empatia diante da lógica de morte tão acomodada com a “democracia” de notas de repúdio, é claro. Quando crimes dessas proporções acontecem, é preciso mais do que horas de comoção, mas uma reorganização intensa do horizonte político e econômico de sociedade que admitimos. Hoje, mais uma vez nós, brasileiros, devemos repensar qual o limite do que se aceita quando se trata da vida dos nossos.

4. Lições para enfrentar uma pandemia

Pra nós, como atingidos, pra nós, militantes, que somos atuantes mesmo na luta ao longo desses cinco anos, esse ano tem sido muito difícil, porque essa crise, essa pandemia tem nos impedido de fazer a luta. Enquanto nós estamos recolhidos dentro de casa, cuidando dos nossos, nos protegendo, os maus têm agido poderosamente. A cada dia, mais eu tenho certeza, infelizmente, que a justiça não é cega, a justiça é paga, e a gente tem visto ela atuar fortemente contra a luta coletiva (A SIRENE, 18 Mai. 2020).

Em momentos de crise – socioambientais e sanitárias – se aprofundam as contradições sociais. As relações comunitárias em Barra Longa, neste momento de pandemia, não estavam intactas como antes daquele novembro de 2015. A lama deixou como rastro, além das dores já citadas, o aprofundamento da pobreza; trabalhadores se viram empurrados à vulnerabilidade social e econômica, com a perda da possibilidade do trabalho, com a perda do rio e da terra como fonte de produção da vida.

Lidar com essas fragilidades é contrair uma perspectiva excludente. Por isso, há de se pensar, e insistir no óbvio (RIBEIRO, 2019), na saúde gratuita e de acesso universal, que garanta o amparo daqueles que vêm adoecendo por respirarem poeira repleta de metais pesados ou por aqueles acometidos pela

⁸ Os termos descritos aqui são usados por Cunha para se referir aos sertanejos na obra *Os Sertões*.



Covid-19. Há de se pensar em uma educação pública de qualidade, que permita mobilidade social, mas, sobretudo, que seja também capaz de desafiar o *status quo* e as múltiplas lógicas de privilégios (PERRUSO, 2020). Há de se pensar no amparo daqueles que mais precisam, dos trabalhadores com e sem trabalho. A estes, uma medida emergencial: garantia plena de direitos sociais.

Em tempos de adoecimento global, instabilidade política, desaceleração econômica, isolamento social e dificuldade em projetar futuros, reforça-se o discurso de um “novo normal”. Os crimes ocorridos em Barra Longa/Mariana e Brumadinho fazem parte da normalidade do Brasil antes da Covid-19. É essa “normalidade” que se busca recuperar após a pandemia? Nunca existiu, efetivamente, uma “normalidade” no Brasil, para além das sensações mais simplórias. Há sempre dores não cicatrizadas e constantemente violadas, por isso, é urgente construir os moldes para uma normalidade outra, contrariante ao racismo institucionalizado, à mercantilização da vida e tantas outras desigualdades estruturantes do Brasil.

O “seguir em frente” de Barra Longa não significa tratar com naturalidade as dores e as marcas advindas da crise do novo coronavírus no Brasil. Barra Longa nos ensina que o enfrentamento das adversidades impostas por condições externas requer unidade e solidariedade entre aqueles que vivenciam a mesma dor e outros tantos que possam somar no processo de cura. As aflições podem atingir individualmente, e com diferentes proporcionalidades, o sujeito brasileiro, mas é o enfrentamento coletivo daquilo que o adoce que potencialmente é capaz de fazer sarar as dores mais doídas.

A saída só será inclusiva por meio de uma alternativa coletiva, de organização social e de construção de demandas. Ainda assim, sabe-se que as lutas cotidianas contra realidades perversas impostas não se esgotam em um curto espaço de tempo. Passados quatro anos e meio após o rompimento da barragem de Fundão, a maior parte dos atingidos da cidade de Barra Longa lida com uma dimensão irreparável do crime, mas segue lutando por justiça. A organização popular se mantém disputando outros caminhos, justo e possíveis; diante disso, não há respostas superficiais e fáceis. Um futuro sem a violação da vida talvez só seja palpável integralmente para as próximas gerações, mas é preciso compreender que não há futuro sem a construção do presente.

Barra Longa nos ensina que não há alternativas de superação da devastação que não passe pela necessidade da organização, empatia, solidariedade: da luta. É urgente: “(...) solidarizar-se com os sofrimentos e lutas alheios (...)”, isso “(...) é parte da própria construção da consciência de classe. Fazer pelo outro é construir a si mesmo como sujeito histórico” (VIEIRA; GHIBAUDI, 2020, p. 285), para com isso agregar força para alterar realidades corrosivas da vida, da dignidade e da existência. O Brasil não poderá fugir das afetações decorrentes da pandemia e outras tantas doenças sociais crônicas;



cabará, portanto, reconstruir rumos e, para tanto, advogamos que o Brasil seja uma grande Barra Longa, inegavelmente doída, porém viva, resistente e capaz de disputar seus amanhãs.

Referências bibliográficas

ASSESSORIA TÉCNICA E EDUCACIONAL MEIO AMBIENTE E BARRAGENS. **Projeto de Assessoria para Elaboração e Validação de Matriz de Danos junto aos Atingidos pela Barragem de Fundão** (Barra Longa/MG). Rio de Janeiro, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Poder simbólico**. Portugal/Brasil: Difel/Bertrand, 2000.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução de Paula de Siqueira Lopes. *In: Cadernos de Campo*, n.13, p. 155-161, 2005.

CHAIB, Julia; CARVALHO, Daniel. 'E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 28 abr. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 19 ago. 2020.

Cartas da Quarentena. **Jornal a Sirene**, Mariana, 2020. Disponível em: <http://jornalasirene.com.br/cotidiano/2020/05/18/cartas-da-quarentena>. Acesso em: 19 ago. 2020.

FARGE, Arlete. **Lugares para a História**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

GUEDES, André Dumans. Andaça, agitação, luta, autonomia, evolução: sentidos do movimento e da mobilidade. *In: Revista do Centro de Estudos Rurais (RURIS)*, v. 9, n. 1, 10 out. 2015.

MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Hucitec, 2000.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. **Arte & Ensaios**. Revista PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, dez. 2016.

"NÃO SOU COVEIRO", diz Bolsonaro ao ser questionado por mortes por



COVID-19. **CNN Brasil**, São Paulo, 20 abr. 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/2020/04/20/nao-sou-coveiro-diz-bolsonaro-ao-ser-questionado-por-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 19 ago. 2020.

PERRUSO, Marco Antônio. As Ciências Sociais, a conjuntura brasileira, e a pandemia. *In: Ciclo de Debates do Observatório Fluminense da UFRRJ*. Palestrantes/Palestras 17 jun. 2020.

RIBEIRO, Darcy. **Sobre o óbvio**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.

AFP. Parecia ‘o fim do mundo’, conta sobrevivente da tragédia de Mariana. **Isto É**, São Paulo, 13 nov. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/parecia-o-fim-do-mundo-conta-sobrevivente-da-tragedia-de-mariana/>. Acesso em: 19 ago. 2020.

QUERELAS DO BRASIL. Faixa Musical. Autoria: Aldir Blanc e Maurício Tapajós. Intérprete: Elis Regina. Álbum: Transversal do Tempo. Gravadora: Universal Music, 1978.

VAINER, Carlos Bernardo. Conceito de “atingido”: Uma revisão do debate. *In: ROTHMAN, Franklin Daniel. Vidas Alagadas – Conflitos Socioambientais, Licenciamento e Barragens*. Viçosa: Ed. UFV, 2008. p. 39 – 63.

VIEIRA, Flávia Braga; GHIBAUDI, Javier Walter. Solidariedade como instrumento da luta política: reflexões a partir das resistências populares na Argentina e no Brasil em tempos de pandemia. *In: ALMICO, R.; GOODWIN JR, J.; SARAIVA, L. F (orgs.). Na saúde e na doença: história, crises e epidemias. Reflexões da história econômica na época da Covid-19*. São Paulo: Hucitec, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O nativo relativo. **Revista Mana**, v. 8, n. 1, p.113-148, 2002.

WEITZMAN, Rodica. Mineiros no Morro dos Prazeres: trajetórias marcadas pelo fluxo entre a roça e a cidade. *In: COMERFORD, J.; CARNEIRO, A.; DAINESE, G. (orgs.). Giros etnográficos em Minas Gerais: casa, comida, prosa, festa, política, briga e o diabo*. Rio de Janeiro: FAPERJ/7 letras, 2015.

Como citar este artigo:

SOUSA, Juliana Marques de; TAYTSOHN, Jennipher; CARDOSO, Aline Priscila Craveiro. O Brasil precisa ser uma grande Barra Longa. **Áskesis**, São Carlos,



SP, v.9, n. Ed. Especial, p. 118-127, dez. 2020.

ISSN: 2238-3069

DOI: <https://doi.org/10.46269/9ee20.522>

Data de submissão do artigo: 19/06/2020

Data da decisão editorial: 17/08/2020